

**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino  
do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Daniela Filipa Figueira Cardoso**

Lisboa, junho de 2013









# Escola Superior de Educação João de Deus

## Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) Prof. Doutor Leiane Gazine  
Cortez


tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) Daniela Filipe Figueira Cardoso

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) em Educação  
Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino  
Básico

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 28 de Junho de 20 13

O(A) Orientador(a)  
  




**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino  
do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Daniela Filipa Figueira Cardoso**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre  
em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino  
Básico, sob a orientação da Professora Doutora Mariana  
Isabel Maruta Grazina Cortez.

Lisboa, junho de 2013





## **Agradecimentos**

A conclusão deste mestrado não teria sido possível, sem a ajuda e colaboração de muitas pessoas, professores, amigos e colegas.

Desde já agradeço à Escola Superior de Educação, por me proporcionar a prática do mestrado e por me dar oportunidade de crescer profissionalmente. Ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho e ao corpo docente, por me permitirem realizar a formação em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, contribuindo com a sua experiência e sabedoria para a minha formação pessoal e profissional.

Os meus sinceros agradecimentos, à minha orientadora a Professora Doutora Mariana Cortez, pelo seu apoio, dedicação e paciência.

Agradeço também ao Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, nomeadamente às educadoras, professoras e crianças, que me ajudaram diariamente. Gostaria de deixar um grande obrigada à professora Catarina Afonso por toda a sua ajuda, dedicação e por toda a sua disponibilidade, e, por tornar este momento de estágio inesquecível. Quero também agradecer, ao grupo da Prática Pedagógica, por nos ajudarem a crescer e a ser mais e melhores.

Agradeço aos meus familiares que estiveram presentes ao longo do meu percurso, em especial à minha mãe, por toda a ajuda, disponibilidade e sobretudo pelo carinho, apoio e tranquilidade que me forneceu ao longo desta etapa da minha vida. Um grande obrigada também ao meu namorado, por toda a amizade, compreensão e pela presença nos momentos felizes e nos momentos mais difíceis.

Um sincero obrigada às minhas colegas e amigas, nomeadamente à Joana, Zeca, Filipa, Casinhas, entre outras, pela partilha e entre-ajuda ao longo deste percurso.



## Índice Geral

<b>Índice de Quadros .....</b>	<b>xii</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>xiii</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
1. Identificação do local de estágio.....	1
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	2
4. Identificação do grupo de estágio.....	3
5. Metodologia utilizada .....	3
6. Pertinência do estágio.....	5
7. Cronograma.....	6
<b>Capítulo 1 – Relatos Diários .....</b>	<b>7</b>
<b>1.ª Secção .....</b>	<b>7</b>
1.1. Caracterização da Turma .....	7
1.1.2. Caracterização do espaço.....	7
1.1.3. Horário da turma.....	8
Quadro 3 – Horário dos 5 anos. ....	8
1.1.4. Rotinas.....	9
1.1.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica. ....	12
<b>2.ª Secção .....</b>	<b>26</b>
1.2.1. Caracterização da Turma.....	26
1.2.2. Caracterização do espaço.....	26
1.2.3. Horário da turma.....	27
1.2.4. Rotinas.....	27
1.2.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica. ....	29
<b>3.ª Secção .....</b>	<b>43</b>
1.3.1. Caracterização da Turma .....	43
1.3.2. Caracterização do espaço.....	43
1.3.3. Horário da turma.....	44
1.3.4. Rotinas.....	44
1.3.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica. ....	45
<b>4.ª Secção .....</b>	<b>59</b>
1.4.1. Caracterização da Turma .....	59

1.4.2 Caracterização do espaço.....	59
1.4.3 Horário da turma.....	60
1.4.4. Rotinas.....	61
1.4.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica. ....	63
<b>5.ª Secção .....</b>	<b>81</b>
1.5.1.Caracterização da Turma .....	81
1.5.2. Caracterização do espaço.....	81
1.5.3.Horário da turma.....	82
1.5.4 Rotinas.....	82
1.5.5 Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica. ....	83
<b>6.ª Secção .....</b>	<b>103</b>
1.6.1.Caracterização da Turma .....	103
1.6.2 Caracterização do espaço.....	103
1.6.3 Horário da turma.....	104
1.6.4 Rotinas.....	104
1.6.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica. ....	105
<b>7.ª Secção .....</b>	<b>123</b>
1.7.1.Caracterização da Turma .....	123
1.7.2. Caracterização do espaço.....	123
1.7.3. Horário da turma.....	124
1.7.4 Rotinas.....	124
1.7.5 Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica .....	125
<b>Capítulo 2 – Planificações .....</b>	<b>147</b>
2.1. Fundamentação Teórica.....	147
2.2. Planificações.....	152
2.2.1. Planificação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática .....	152
Quadro 11 – Planificação referente à Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática .....	152
2.2.2. Planificação do Domínio do Conhecimento do Mundo .....	155
2.2.3. Planificação da Área curricular de Estudo do Meio .....	157
2.2.4. Planificação da Área curricular Língua Portuguesa .....	160
<b>Capítulo 3 – Avaliação .....</b>	<b>163</b>
Descrição do capítulo .....	163

3.1. Fundamentação Teórica.....	163
3.2. Dispositivo de avaliação da atividade na área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática .....	167
3.3. Dispositivo de avaliação da atividade na área de Conhecimento do Mundo .....	171
3.4. Dispositivo de avaliação da área de Português.....	175
3.5. Dispositivo de avaliação da área da Matemática.....	179
<b>Reflexão final .....</b>	<b>185</b>
1. Considerações finais.....	185
2. Limitações .....	186
3. Novas pesquisas .....	187
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>189</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>197</b>
Anexo 1 – Dispositivo de avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática .....	199
Anexo 2 – Dispositivo de avaliação na Área Do Conhecimento do Mundo.....	201
Anexo 3 – Dispositivo de avaliação na Área de Português .....	203
Anexo 4 – Dispositivo de avaliação na Área da Matemática .....	205

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Calendarização do estágio em Educação Pré-Escolar .....	6
Quadro 2 – Calendarização do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	6
Quadro 3 – Horário dos 5 anos.....	8
Quadro 4 – Horário dos 3 anos.....	27
Quadro 5 – Horário dos 4 anos.....	44
Quadro 6 – Horário do 2.º ano de escolaridade.....	60
Quadro 7 – Horário do 1.º ano de escolaridade.....	82
Quadro 8 – Horário do 4.º ano de escolaridade.....	104
Quadro 9 – Horário do 3.º ano de escolaridade.....	124
Quadro 10 – Modelo de planificação adoptada pela Associação de Jardins-Escola João de Deus.....	150
Quadro 11 – Planificação referente à área de Iniciação à Matemática.....	152
Quadro 12 – Planificação referente ao Domínio do Conhecimento do Mundo.....	155
Quadro 13 – Planificação referente à área curricular de Estudo do Meio.....	157
Quadro 14 – Planificação referente à área curricular de Língua Portuguesa.....	160
Quadro 15 – Escala de avaliação utilizada.....	166
Quadro 16 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática.....	168
Quadro 17 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática.....	169
Quadro 18 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da área de Conhecimento do Mundo.....	172
Quadro 19 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Conhecimento do Mundo.....	173
Quadro 20 – Grelha de parâmetros critérios de avaliação da proposta de trabalho de Português.....	176
Quadro 21 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Português....	177
Quadro 22 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da proposta de trabalho de Matemática.....	180
Quadro 23 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Matemática..	181

## Índice de Figuras

Figura 1 – Cartilha Maternal. ....	13
Figura 2 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática .....	170
Figura 3 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Conhecimento do Mundo .....	174
Figura 4 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Português. ....	178
Figura 5 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Matemática.....	182





# **Introdução**

## **1. Identificação do local de estágio**

O presente relatório foi realizado no âmbito das unidades curriculares de Estágio Profissional I, II, e III do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este relatório, apresenta o estágio concretizado durante os 3 semestres correspondentes do Mestrado, e que engloba a passagem pelas várias turmas onde estagiei tanto ao nível da Educação Pré-Escolar, como ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Realizei este estágio num Jardim-Escola que abrange as valências de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este estágio ocorreu durante o período que de 27 de setembro de 2011 e 25 de janeiro de 2013. No decorrer deste período, foram vivenciados momentos de estágio referentes aos três níveis de ensino do Pré-Escolar, bem como os quatro níveis referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os momentos de estágio estavam inseridos no horário da turma, sendo que ocorriam à segunda, terça e sexta-feira, compreendidos no horário das 9 às 13 horas, fazendo um total de 12 horas semanais.

Abrangendo as valências da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o Jardim-Escola é frequentado por crianças inseridas na faixa etária entre os 3 e os 10 anos de idade.

O espaço interior do Jardim-Escola é composto por salas de aula, correspondendo uma sala para cada ano escolar, exceptuando-se os dois grupos de crianças correspondentes à faixa etária dos 4 anos de idade que permanecem no salão, funcionando este como uma sala de aula.

É composto também, por uma biblioteca, uma sala de informática, um ginásio, casas de banho, um refeitório, bem como uma cozinha.

No seu espaço exterior o Jardim-Escola é composto por dois espaços que correspondem ao espaço de recreio para os alunos da Educação Pré-Escolar e ao espaço de recreio para os alunos que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

O presente relatório está organizado da seguinte forma: Introdução; Capítulo I – Relatos Diários; Capítulo 2 – Planificações; Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação; Capítulo 4 – Reflexão Final.

Na introdução estão referenciados alguns aspetos referentes ao estágio, tais como a identificação do local de estágio, a descrição do relatório de estágio profissional, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio, bem como o cronograma.

Seguidamente, apresenta-se o Capítulo 1 – Relatos Diários, que está dividido por 7 secções, correspondendo cada uma delas a um momento de estágio. Essas secções estão organizadas temporalmente, ou seja, de acordo com a ordem de acontecimentos. Em cada secção será feita a caracterização da turma/bibe correspondente, a caracterização do espaço, a identificação das suas rotinas, e por fim, os relatos diários das práticas observadas, com as inferências e a sustentação científica

No Capítulo 2 – Planificações, serão expostos os planos de aula elaborados com as respetivas estratégias, bem como com inferências e fundamentação.

No Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação, onde serão apresentados os dispositivos de avaliação elaborados durante todo o período de estágio.

No Capítulo 4 – Reflexão final, encontram-se expostos os objetivos alcançados ao longo deste período de estágio e a sua pertinência no meu desenvolvimento profissional.

## **3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

A elaboração deste relatório de estágio profissional constitui um aspeto bastante importante por variadas razões.

Em primeiro lugar, porque constitui um elemento fundamental para a concretização do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Em segundo lugar, porque a realização deste relatório a par da prática efetuada e observada no estágio, permitiu-me uma maior reflexão e capacidade de crítica.

Para além disso, constitui um elemento fundamental para a minha aprendizagem a nível de pesquisa e investigação.

#### **4. Identificação do grupo de estágio**

O meu grupo de estágio foi constituído maioritariamente por dois elementos. No entanto, durante alguns períodos de estágio houve um terceiro elemento de estágio.

Este grupo de estágio funcionou muito bem, de uma forma coesa e com um grande espírito de entajuda e colaboração.

Através desta mútua compreensão e cooperação enquanto grupo, pudemos refletir acerca dos vários momentos da prática pedagógica, partilhando experiências e vivências importantes para o nosso crescimento profissional e pessoal.

#### **5. Metodologia utilizada**

Na realização do presente relatório de estágio utilizei a metodologia orientada para uma investigação qualitativa.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) "utilizamos a expressão *investigação qualitativa* como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritos relativamente a pessoas, locais e conversas, (...)"(p.16)

Este tipo de investigação comporta determinadas características enunciadas pelos autores mencionados anteriormente:

1. Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
2. Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo;
3. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
4. A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados;
5. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. (p. 47-50)

A elaboração dos relatos diários, foi feita através de dados recolhidos, com base na técnica de observação.

Segundo De Ketele (1984) "observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo final ou organizador e dirigido a um objectivo para recolher informações sobre ele" (p.12)

Segundo Pais e Monteiro (1996) “a observação permite a recolha de informação, enquanto decorre o processo de ensino-aprendizagem, sobre o desempenho do aluno, das destrezas desenvolvidas e das suas atitudes.” (p.54)

A observação feita ao longo do período de estágio foi direta, ou seja, registaram-se diretamente os dados.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados.”(p.165)

Sendo registos diretos, são registados no momento da ação, Tal como afirma Lessard-Hébert (s/d) “observamos então sujeitos a agirem ou acontecimentos no momento em que se produzem.” (p.101)

Para além de direta, esta observação foi participante, pois o investigador participa na vida do grupo, facilitando assim o acesso um maior número de informações. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida colectiva.”(p.197)

Para além da técnica da observação, utilizei também para a realização do relatório a análise documental.

Bell (1993), citado por Calado e Ferreira (2005), refere que a análise documental pode ser seguida em duas perspetivas:

servir para complementar a informação obtida por outros métodos, esperando encontrar-se nos documentos informações úteis do objecto em estudo; ser o método de pesquisa central, ou mesmo exclusivo de um projecto e, neste caso, os documentos são o alvo de estudo por si próprios.

Os documentos utilizados, referem-se as caracterizações das turmas e horários facultados pelas educadoras e professoras das turmas. Utilizei também livros de diferentes autores que me ajudaram na fundamentação teórica do presente relatório.

Flores (1994), citado por Calado e Ferreira (2005) afirma que:

num contexto de investigação educacional, pode afirmar-se que os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes ter atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação.

Miles e Huberman (1984), citados por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994), avançam com um modelo interativo da análise dos dados na investigação qualitativa que consiste em três passos (...): “a redução dos dados, a sua apresentação/organização e a interpretação/verificação das conclusões. (p.107)

Metodologicamente este relatório foi realizado de acordo com as normas da APA (American Psychological Association).

## **6. Pertinência do estágio**

Na minha opinião a prática pedagógica constitui um momento bastante importante na formação de um educador/professor. Pois o facto de lidarmos quase diariamente com a realidade educativa, com todas as suas características, faz-nos crescer profissionalmente, e estarmos mais preparadas para a realidades que vamos encontrar, mais tarde, como profissionais a exercer.

Segundo Alonso e Roldão (2005) “(...) é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real (...)” (p.36)

A oportunidade de com a supervisão pedagógica de exercer a profissão é uma mais valia para o crescimento enquanto profissional, pois termos a possibilidade de ouvir e melhorar os aspetos menos positivos com alguém mais experiente faz-nos querer fazer melhor.

Alarcão e Tavares (2003) entende a supervisão pedagógica como “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p.16)

Stones (1984) citado por Alarcão e Tavares (2003) defende que “ensinar os professores a ensinar deve ser o objectivo principal de toda a supervisão pedagógica.” (p.28)

A articulação da teoria à componente prática é bastante pertinente, pois ajuda-nos a desenvolver as competências necessárias a um bom profissional. Tal como, Dewey (1904) citado por Alarcão e Tavares (2003) enumerava dois objetivos para a componente prática:

“a) concretizar a componente teórica, torná-la mais viva, mais real;

b) permitir que os professores desenvolvam as ferramentas necessárias à execução da sua profissão.” (p.19)

Como tal, considero que o estágio apresenta uma componente importante na formação de um educador/professor, pois permite ao futuro docente a integração no meio escolar, e a vivencia do dia-a-dia da profissão, bem como a convivência com os alunos. Tal, como defende Pacheco (1995) “o

estágio (...) é prioritariamente um processo formativo, cujo contributo se situa na aquisição de um conhecimento prático e de conhecimentos relacionados com os alunos e com a escola.”(p.166)

## 7.Cronograma

Apresento no cronograma (Quadro 1), o período de estágio correspondente a cada secção na Educação Pré-Escolar, e outro (Quadro 2) correspondente aos períodos de estágio decorridos no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 1- Calendarização do estágio em Educação Pré-escolar.

Momentos de estágio	1.ª secção – 5 anos de idade	2.ª Secção – 3 anos de idade	3.ª Secção – 4 anos de idade
Períodos de estágio	27 de setembro a 4 de novembro	7 de novembro a 16 de dezembro	2 de janeiro a 10 de fevereiro

Quadro 2 – Calendarização do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Momentos de estágio	4.ª secção – 2.º ano B	5.ª secção – 1.º ano B	6.ª secção – 4.º ano B	7.ª secção – 3.º ano B
Períodos de estágio	5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012	30 abril de 2012 a 22 de junho de 2012	25 de Setembro de 2012 a 16 de novembro de 2012	19 de novembro a 25 de janeiro de 2013

# **Capítulo 1 – Relatos Diários**

## **Descrição do capítulo**

Este capítulo corresponde à descrição dos vários dias de estágio, onde serão apresentadas as várias atividades realizadas pelas crianças, bem como as práticas e estratégias, aplicadas em sala de aula, pelas várias Educadoras e Professoras.

O presente capítulo encontra-se dividido em 7 secções, correspondendo aos sete momentos de estágio vivenciados ao longo do mestrado.

Em cada secção está presente a caracterização da turma e do espaço de sala de aula, a descrição das rotinas, bem como o horário. Posteriormente, serão apresentados os relatos diários, bem como as respetivas inferências sustentadas sempre com a fundamentação teórica.

## **1.ª Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 27 de setembro de 2011 a 4 de novembro de 2011. Este momento de estágio decorreu na sala, referente às crianças na faixa etária dos 5 anos de idade.

### **1.1.Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Educadora titular do grupo e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

A turma é composta por 30 crianças, sendo que 19 correspondem ao género feminino e 11 ao género masculino. Quase todas as crianças têm 5 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

#### **1.1.2. Caracterização do espaço**

A sala apresenta uma entrada direta para do salão, bem como uma outra porta de acesso ao exterior. Para além desta porta apresenta também várias janelas, conferindo bastante luminosidade à sala.

Está composta por várias mesas, onde os meninos realizam as suas atividades e, por serem em grande número, ocupam uma grande parte do espaço da sala. Esta disposição tem como objetivo a adaptação por parte dos alunos, para a transição do 5 anos de idade para o 1.º ano de escolaridade.

A sala possui dois quadros de giz, bem como dois placares onde são expostos os trabalhos e atividades realizadas pelos alunos.

Existe também um armário onde são guardados os materiais utilizados pela educadora e onde estão organizados os dossiês dos alunos.

### 1.1.3. Horário da turma

Quadro 3 – Horário dos 5 anos.

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h/10h15m	Iniciação à Matemática -Material	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática -Material	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática -Material
10h15m/10h45	<b>Recreio e WC</b>				
10h45m/11h50m	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática -Material	Ed. Movimento	Iniciação à Matemática -Material	Iniciação à Leitura e Escrita
12h/ 13h	<b>Almoço</b>				
13h/14h	<b>Recreio orientado e livre</b>				
14h/15h	Escrita e letras	Inglês	Jogos matemáticos	Escrita e letras	Ed. Movimento
15h/16h30m	Ditados gráficos Desenho Série Dobragens	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Cidadania Área Projeto	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Computadores
16h30m	<b>Lanche e saída</b>				



#### **1.1.4. Rotinas**

Ao longo do dia escolar, verifica-se a presença de várias atividades que são executadas diariamente pelas crianças, às quais designamos rotinas. Zabalza (2001) refere que “a rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala...” (p.169)

Como refere ainda este autor, “as rotinas actuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro...” (p.52)

Segundo cordeiro (2008) “é essencial criar rotinas, porque o próprio elemento repetitivo é inerente à securização. Saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e tranquilizar, porque a seguir ao A vem o B, e por aí fora...”(p.286)

- **Acolhimento**

O acolhimento é a primeira atividade do dia de escola das crianças. Este momento decorre no salão normalmente no período, entre as 9 horas e as 9 horas e 30 minutos. Durante este período as crianças dos três níveis de ensino do Pré-Escolar, juntamente com as suas respectivas educadoras, reúnem-se em roda para cantar diversas canções infantis, efectuando os respetivos gestos e mímicas.

A roda tem uma organização específica, sendo que está organizada de acordo com a progressão dos níveis de ensino do Pré-Escolar. No centro da roda encontram-se as crianças de menor faixa etária, ou seja, dos 3 anos. Seguidamente, encontram-se as crianças dos 4 anos de idade. Por fim, encontram-se as crianças que se encontram na faixa etária dos 5 anos. Todos os grupos de meninos estão acompanhados com as suas respectivas educadoras.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

O momento de acolhimento das crianças constitui um momento marcante para elas, pois corresponde ao momento da separação física dos pais. Tal com afirma Cordeiro (2008) “o momento da separação é, como mencionei, um

momento difícil.” (p.371) Referindo novamente este autor, “quase todas as crianças ficam perturbadas no momento em que se separam dos que lhes querem e aos quais querem.” (p.381). Como tal, o ambiente deste acolhimento deve ser alegre e motivador, para que, de certa forma, a criança sinta vontade de começar o dia na sua escola, pois “é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola.” (p.371).

- **Higiene**

Dentro das rotinas das crianças estão inseridos vários momentos de higiene. Estes momentos representam as várias idas à casa de banho, seja no período da manhã antes de se dirigirem para a sala, bem como antes e depois das refeições.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Estes momentos de higiene constituem momentos de extrema importância e com inúmeras vantagens. Em primeiro lugar constitui uma forma de incutir e incentivar a autonomia. Tal como afirma Cordeiro (2008), estes momentos promovem o “desenvolvimento da autonomia”. (p.373) Deve ser encarado como uma vitória para a criança, pois estas sentem “o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo”. (Cordeiro 2010, p.373).

Para além disso, a lavagem das mãos é uma ótima forma de prevenir muitas das doenças, tal como indica Cordeiro (2008), “a lavagem das mãos é reconhecida (...) como um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças.” (p.105)

O mesmo autor refere que “a lavagem das mãos é um comportamento aprendido.” (p.106). Como tal, compete ao educador ensinar, de forma a incutir nos hábitos e rotinas dos seus alunos, a higiene.

- **Almoço**

O almoço constitui o momento que marca o fim do período da manhã e o início do período da tarde.

As crianças dirigem-se para a cantina da escola, onde almoçam juntamente com uma educadora. Nesta faixa etária, as crianças possuem já alguma autonomia, tendo no entanto ainda algumas dificuldades. Por vezes, a utilização dos talheres não é ainda feita corretamente ou, por vezes, utilizam apenas o garfo.

Em algumas situações ainda solicitam ajuda para terminar a refeição e, como os ritmos diferem de criança para criança, por vezes eu e a minha colega, de estágio ficávamos até ao fim, de forma a ajudar e acompanhar as crianças mais demoradas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O almoço é um momento propício para se incutir algumas regras à mesa, tais como o uso correto dos talheres. Para além disso, permite desenvolver atitudes autónomas pelas crianças. Cordeiro (2008) defende, constitui um excelente momento de desenvolvimento da autonomia, “das noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição.” (p.373)

Para além disso, o controlo das exigências, por parte das crianças, em relação à comida acaba por ser mais controlada, o que é importante pois aprendem “a aceitar o menu do dia sem reclamar, como é por vezes hábito em casa.” (p.373)

- **Recreio**

Durante o dia de aulas, as crianças têm dois momentos de recreio. De manhã, entre as aulas, e após o almoço.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O recreio corresponde a uma parte constituinte do dia de rotinas das crianças de grande importância, pois, permite às crianças momentos de descontração e de bem estar, onde podem brincar, socializar com os pares e descansar do momento académico anterior. De acordo com Cordeiro (2008), os momentos de recreio correspondem a momentos de “brincadeira livre,

imaginação, correria e possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga.” Promove ainda o “contacto com a natureza” e o “estabelecimento e reforço das amizades.” (p. 374)

Para além disso, segundo Hohmann e Weikart (2009) “as crianças respiram ar fresco, absorvem vitaminas do sol, exercitam o coração, pulmões e músculos, e vêem horizontes mais abertos. As que são sossegadas e envergonhadas no interior ficam mais conversadoras e aventureiras quando se encontram no exterior.” (p.433)

#### **1.1.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.**

##### **Terça-feira, 27 de setembro de 2011**

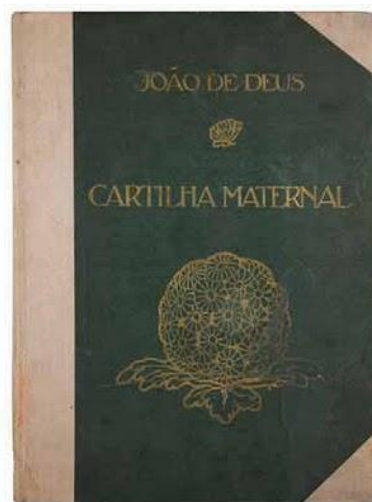
A primeira manhã de estágio iniciou-se com a nossa receção no jardim-escola pela diretora do mesmo, que conversou connosco sobre o estágio, mostrando-se, assim, disponível para qualquer ajuda.

Quando entrámos na sala, a professora estava a treinar a escrita dos algarismos com as crianças.

De seguida, deu aula com o material estruturado Cuisenaire. Questionou as crianças sobre o valor de cada peça e a cor correspondente. Pediu-lhes que criassem uma escada por ordem crescente e, a partir dessa, ensinou a diferença entre números pares e ímpares. A seguir à explicação pediu para as crianças construírem duas escadas: uma com os números ímpares e outra com os números pares.

Após o intervalo, a professora esteve a dar Cartilha a grupos de 4 a 5 crianças e, enquanto isso, o resto da turma ia acabando os trabalhos de consolidação que tinham na capa de língua portuguesa, com a ajuda da professora de apoio. Eu e a minha colega de estágio fomos também ajudando as crianças no seu lugar.

Seguidamente, os alunos dirigiram-se para a cantina onde almoçaram.



*Figura 1 – Cartilha Maternal.*

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O método de João de Deus é caracterizado por ser dado a grupos de 4 a 5 crianças individualmente, o que por vezes pode tornar difícil a tomada de disciplina em sala de aula por parte dos restantes alunos; como tal é necessário que estes estejam empenhados e com tarefas para realizar.

Ruivo (2009) refere que:

João de Deus torna como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p.80)

Tal como afirma a autora acima citada, a educadora/professora deve dar material aos alunos que se encontram no lugar “ (...) jogos, fichas, animações variadas (...) pode ser uma componente lúdica diferente que o aluno tem à sua disposição para consolidar e arrumar a informação que cada lição lhe dá.” (p.341)

Faz todo o sentido que essas mesmas atividades estejam relacionadas com as lições aprendidas anteriormente, servindo assim como consolidação.

### **Sexta-feira, 30 de setembro de 2011**

Durante toda a manhã assisti à aula de uma colega de estágio.

Começou por leccionar os conteúdos de conhecimento do mundo, onde dialogou com os alunos e mostrou os objetos e produtos utilizados na higiene pessoal.

Na área do Domínio da Matemática, começou por distribuir os blocos lógicos e por perguntar às crianças as diferentes características das peças. De seguida, com este material, abordou a teoria de conjuntos, fazendo perguntas sobre os vários conjuntos formados no quadro.

Por fim, na área do Domínio da linguagem, contou uma história com vogais.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A abordagem destes conteúdos, a nível da higiene, constituem um conteúdo de bastante pertinência, pois o conhecimento desta matéria permite às crianças uma capacidade de autonomia e independência para a realização destes rituais de higiene diária. Segundo as Orientações curriculares da Educação Pré-escolar (2009) “adquirir maior independência significa, na educação pré-escolar, ir dominando determinados saber-fazer – vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.” (p.53)

### **Segunda-feira, 3 de outubro de 2011**

A manhã iniciou-se com a escrita de letras nos cadernos de escrita. Enquanto os alunos realizavam esta tarefa, a educadora deu as lições de cartilha em pequenos grupos de crianças. Eu e a minha colega de estágio ajudámos as crianças durante este período da manhã.

Após o recreio, a educadora distribuiu o material Calculadoras e um conjunto de botões para cada criança. De seguida, relembrou o valor de cada parte da placa e a regra de só podermos colocar um botão em cada parte. Colocou um botão na parte branca e perguntou qual o número que estava representado. Repetiu este exercício com outras partes da placa e com mais do que um botão na placa. Por fim, pediu aos alunos que representassem nas suas placas, um determinado número, corrigindo por fim no quadro.

Seguidamente, os alunos dirigiram-se para a cantina onde almoçaram.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã, a Educadora trabalhou com os seus alunos o material matemático Calculadoras Papi. Segundo Caldeira (2009) este material “consiste numa série de placas ou de painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente (...) e representa um valor numérico.” (p.345). Para a representação dos números nas respetivas partes da placa “podem-se utilizar: massas, fichas, figuras geométricas em papel...”(p.346), tal como a Educadora usou botões.

Segundo a mesma autora, com este material, a criança:

aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; realiza a compreensão dos números e da numeração; reconhece a compreensão do sentido do número e das operações; efectua o cálculo com números realizando operações; desenvolve o cálculo; resolve situações problemáticas; (p.347)

### **Terça-feira, dia 4 de outubro de 2011**

A manhã começou com uma dinamização da cartilha com umas palavras coladas no quadro, com as quais a educadora fez várias questões acerca das vogais, consoantes e sílabas. Perguntou também a leitura dos três “ás” na palavra fatiota.

Depois de terminada a dinamização, as crianças trabalharam nos cadernos de escrita enquanto iam em pequenos grupos à cartilha com a educadora.

Após o recreio, os alunos sentaram-se nas suas mesas e a educadora distribuiu caixas do material Calculadores Multibásicos. Realizou o jogo das torres relembrando sempre as regras.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã a educadora utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos. Segundo Caldeira (2009), este material:

é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, dois cor-de-rosa e duas de cor lilás. Encaixam umas nas outras e nos orifícios formando “torres. (p.187).

A cada orifício “corresponde uma cor de peças, o que significa uma ordem numérica”(p.189). é uma material com interesse pedagógico na medida

em que tal como afirma Nabais (s.d.), os Calculadores Multibásicos são um material polivalente para a descoberta da Matemática (...). Ideal para a introdução da criança na numeração (diferentes bases), bem como no algoritmo das operações aritméticas. (p.61)

### **Sexta-feira, dia 7 de outubro de 2011**

Durante toda a manhã assisti à aula de uma colega de estágio.

Começou por leccionar os conteúdos de conhecimento do mundo, em que o tema a abordar era a família. Começou por perguntar a algumas crianças com quem viviam, de forma a introduzir o tema. De seguida construiu uma árvore genealógica com os alunos.

Na área do Domínio da Matemática, começou por distribuir os blocos lógicos, e por perguntar às crianças as diferentes características das peças. De seguida, com este material, abordou a teoria de conjuntos, fazendo perguntas sobre os vários conjuntos formados no quadro.

Por fim, na área do Domínio da linguagem, contou uma história com vogais.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Catita (2007) “a família pode ser entendida como o agregado de pessoas que vivem no mesmo habitat ou de pessoas unidas por laços de sangue, vivendo ou não sob o mesmo tecto.” (p.20). Este tema deve ser explicado às crianças, pois “a família serve de modelo social” e “através dela as crianças aprendem normas de conduta e respeito.” Sendo assim, constitui “o primeiro modelo organizador de comportamento social, com o qual a criança contacta.”(p.20)

É portanto um tema importante e que “deverá ser o primeiro a ser abordado no jardim-de-infância uma vez que, na maioria dos casos, este é o único espaço social que as crianças conhecem e já viveram intensamente antes de aí chegarem.” (p. 20)

### **Segunda-feira, 10 de outubro de 2011**

A educadora iniciou a manhã de aulas relembrando as letras até aí aprendidas através da Cartilha, bem como algumas das suas regras. De



seguida, distribuiu os cadernos de escrita pelos alunos que trabalhavam no lugar, enquanto iam em pequenos grupos à cartilha.

Após o recreio, os alunos voltaram à sala onde tiveram uma aula sobre Blocos Lógicos. A educadora começou por perguntar o nome do material, bem como as características deste. De seguida, pediu a uma criança que retirasse uma peça à sua escolha da caixa e que, de pé em frente à turma, descrevesse a sua peça e que a colocasse no quadro. Este exercício repetiu-se com outra criança com o objetivo de no fim pedir a uma outra criança para comparar ambas as peças colocadas no quadro. Por fim, realizou com os alunos algumas sequências no quadro com as peças dos blocos lógicos.

Seguiu-se o almoço bem como o recreio.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os Blocos lógicos são um material matemático que tem como função exercitar a lógica. Segundo Caldeira (2009) “a sua função principal é dar às crianças oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas” (p.368-369). Segundo Alsina (2004), (citada por Caldeira 2009), “os Blocos São um “material lógico” estruturado que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura.”(p.365).

Nesta manhã, a educadora trabalhou este material, pedindo sempre que os alunos descrevessem as suas peças, o que é bastante importante, pois é indispensável que a criança verbalize as características das peças de forma a construir o seu raciocínio. Segundo Caldeira (2009) “a criança tem um raciocínio pré-lógico, daí que seja fundamental verbalizar, para que através da linguagem crie condições para elaborar o pensamento.” (p.370) Como tal, cabe ao educador “possibilitar que a criança ao agir, o traduza em palavras, construindo progressivamente a capacidade de argumentação.” (p.370)

### **Terça-feira, 11 de outubro de 2011**

Durante a primeira parte da manhã, as crianças trabalharam nos seus lugares com os cadernos de escrita. Tiveram também lição de cartilha maternal. Após o recreio, a educadora pediu-nos que fossemos buscar uma caixa de 3.º e 4.º Dom de Froebel para cada menino.

Relembrou as características de cada um dos dons pedindo, questionando sempre as crianças. Construiu a cama e, de seguida, questionou os alunos de forma a que lhe dissessem a construção a que pertence a cama.

De seguida, pediu que construíssem a mobília de quarto e realizou contagens com as peças dos Dons e algumas situações problemáticas com somas e subtrações. Fizeram também a mobília de sala, fazendo também algumas perguntas semelhantes às da construção anterior.

Por fim, aprenderam uma nova construção: A ponte baixa. A educadora foi explicando todos os passos da construção, enquanto as crianças iam construindo no seu lugar.

Seguidamente e após terem guardado os Dons de Froebel, a educadora distribuiu uma ficha e, no quadro, desenhou uma linha curva e uma linha direita para ensinar esses dois termos. Assim como o termo linha aberta e linha fechada.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Estes materiais, usados neste dia pela educadora para trabalhar o domínio da Matemática, fazem parte dos 5 Dons de Froebel.

Segundo Caldeira (2009) “o 3.º Dom é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo.” (p.248), “o 4.º Dom, é constituído por 1 caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos.” (p.260)

Com ambos os materiais, podemos realizar diversas construções, que permitem o desenvolvimento de destrezas como a motricidade fina, a orientação espacial, entre outras. Estas mesmas construções podem estar associadas a uma história, pois “é mais apelativo para a criança.”(p.255). Nestas histórias podem estar implícitas situações problemáticas, que exijam a resolução dos alunos e que, segundo a mesma autora, podem trabalhar-se “as situações problemáticas tanto no concreto como no abstracto, usando a oralidade ou a escrita Matemática.” (p.256)

### **Sexta-feira, 14 de outubro de 2011**

Nesta manhã, as crianças trabalharam a escrita de números no lugar, enquanto iam, em grupo, ter a habitual lição de cartilha maternal.

Após o recreio, a Educadora distribuiu o material Tangram pelas crianças.

Realizou questões sobre a forma e o tamanho das peças. De seguida contou a história de uma princesa que tinha um espelho e que este se tinha partido em 7 pedaços. Distribuiu uma folha branca para cada menino e pediu que montassem o espelho partido com as peças do Tangram. Seguidamente e, com a nossa ajuda, as crianças teriam que contornar a sua construção na folha branca.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O Tangram segundo Caldeira (2009) “é um jogo, ou “quebra-cabeças” de origem chinesa.” (p.391). Este material que pode ser denominado como um puzzle “é constituído por 7 peças, e pode ser obtido, de uma forma bastante simples, por dobragem e recorte de um quadrado.”(p.395)

Segundo Moreira e Oliveira (2003) “os puzzles como o Tangram, ou peças coloridas em plástico constituem bons recursos para desenvolver ideias geométricas”(p.93), pois com este material podemos explorar e manipular as várias figuras geométricas.

Segundo a Caldeira (2009):

o Tangram favorece uma diferente abordagem da geometria. Com este “puzzle” geométrico pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas. Estes efeitos acontecem tendo em conta o contorno da figura ou o contraste com espaços abertos interiores. A obtenção de figuras por junção de outras, confere a este puzzle potencialidades na realização de actividades de percepção visual no plano ou seja, a capacidade de isolar partes de um todo que se considera como fundo. (p.398)

### **Segunda-feira, 17 de outubro de 2011**

Nesta manhã, as crianças trabalharam a escrita de letras no seu lugar, enquanto iam, em pequenos grupos, ter com a educadora para terem a sua lição de cartilha.

Após o recreio a educadora distribuiu o material Geoplano pelas crianças. Começou por explorar o material perguntando que figura geométrica representava, quantos lados tinha, se era liso ou se tinha pregos e o que colocavam nos pregos.

Depois, pediu que representassem uma figura geométrica à escolha no Geoplano e foi questionando os vários alunos sobre a sua figura escolhida, tais

como o nome da figura geométrica feita, o número de lados e de espaços usados. Desenhou no quadro vários triângulos, para mostrar que os triângulos nem sempre tem os lados todos iguais.

De seguida pediu que dividissem o Geoplano em duas partes iguais usando um elástico na vertical. No canto superior direito pediu que fizessem um quadrado com dois espaços de lado e, por baixo do quadrado, um retângulo com dois espaços de largura e três de altura. No lado oposto teriam que fazer exatamente o mesmo, de forma a que ficassem à mesma distância da linha que dividia o Geoplano.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã, a educadora trabalhou o material estruturado Geoplano com as crianças. Segundo Caldeira (2009) “o Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas” (p.409)

Segundo Moreira e Oliveira (2003) “o mundo em que vivemos é um mundo de formas, padrões e movimento” (p.86) e “as crianças pequenas constroem ideias sobre as formas, começando por reconhecê-las de uma forma global. Reconhecem também, com facilidade, por exemplo, círculos, quadrados e triângulos.” (p.92) Os mesmos autores sugerem uma série de atividades que se podem concretizar com as crianças, para trabalhar as figuras geométricas, tais como “fazer dobragens, copiar, compor e decompor figuras geométricas e usar papel pontado e o Geoplano.” (p.92) em suma, é importante trabalhar estes conceitos com as crianças desde a Educação Pré-escolar.

### **Terça-feira, 18 de outubro de 2011**

Nesta manhã, as crianças trabalharam a escrita de números no lugar, enquanto iam em grupo ter a habitual lição de cartilha maternal.

Durante a manhã foi-nos solicitada uma aula surpresa individual de dinamização de cartilha, recorrendo a palavras escritas nuns cartões que se colam no quadro. No entanto, no fim, a educadora disse que estas aulas dadas tinham sido apenas experimentais, não contando assim para a avaliação.

### **Sexta-feira, 21 de outubro de 2011**

Durante esta manhã de estágio, pude assistir a duas aulas surpresa, decorridas no Jardim-Escola.

A primeira aula a que assisti, decorreu no 1.º ano em que o aluno estagiário trabalhou situações problemáticas com o material 3º e 4º dom de Froebel, construindo a mobília de quarto. Na outra aula assistida foi pedido à aluna que trabalhasse o grau dos adjetivos, recorrendo a um texto do manual escolar no 4.º ano.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A Prática pedagógica constitui um momento privilegiado para a concretização na prática da função de um professor. Estes momentos em que o aluno estagiário é deparado com a necessidade de desempenhar o papel de professor ajudam-no na sua formação enquanto futuro docente. Como tal, de acordo com Alegria, Loureiro, Marques e Martinho (2001):

o ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa Escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais, isto é, professores da Escola onde se realiza o estágio, (...) (p.7)

Neste ano de formação, é nos dada a oportunidade de exercer a atividade profissional de uma forma autónoma, adquirindo, assim, noção da realidade educativa.

### **Segunda-feira, 24 de outubro de 2011**

Neste dia de estágio lecionei a minha primeira manhã de aula.

Comecei a manhã com um jogo de mímica, em que as crianças teriam que imitar vários animais ou ações para que os restantes colegas adivinhassem. De seguida, li uma história aos alunos construída por mim e escrita num livro grande, que retratava a viagem de uma gotinha de água, retratando assim o ciclo da água, visto ser o conteúdo a dar na área do conhecimento do mundo. De seguida pedi a colaboração das crianças para a recontagem da história à medida que ia colocando as imagens do livro, montando assim o ciclo da água no quadro.

Após o recreio, lecionei a aula de Matemática, em que distribuí uma imagem de um chapéu de chuva dividido em duas cores por cada criança, e umas gotinhas de água feitas em cartolina. Com uma maraca feita em materiais recicláveis, fui indicando o número de gotinhas que tinham que ir colocando do lado esquerdo

ou direito do chapéu, fazendo assim perguntas de cálculo mental, e de lateralidade.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta aula utilizei um livro em formato grande, numa tentativa de tornar a leitura mais dinâmica e atrativa para as crianças. Spodek e Saracho (1998, p.248) referem que “os livrões são versões em tamanho grande” e que “ouvir e ver um livrão sendo lido em voz alta é parecido com a experiência de sentar na primeira fila de um cinema ou teatro.” (p.249). Para além disso, ao ler o livro e mostrar as imagens juntamente com o texto, permiti aos alunos o bom visionamento também das letras. Os mesmos autores afirmam que:

ler em voz alta os textos aumentados (...), desenvolve o vocabulário oral (receptivo e expressivo), promove o conceito de leitura, desenvolve habilidades de pré-leitura como a progressão da esquerda para a direita, (...), desenvolve a discriminação visual e o reconhecimento das letras e palavras. (p.249).

Com a utilização de livros em formato grande podemos estimular as crianças para a leitura o que se torna essencial para torná-los em futuros leitores.

### **Terça-feira, 25 de outubro de 2011**

Neste dia, quem deu aula foi a minha colega de estágio.

Começou a manhã realizando um jogo com os alunos. De seguida colocou peças de um puzzle no quadro e foi montando com a ajuda das crianças. O puzzle consistia num mapa da Europa, para identificar Portugal, sendo este o tema da sua aula. Abordou algumas das cidades de Portugal, incluindo a capital. Colou uma bandeira portuguesa no quadro e falou das suas características e o que estas representavam, abordando também um pouco da História de Portugal.

Na área da Matemática, levou um instrumento musical, o reco-reco, e bandeiras em formato pequeno para trabalhar a lateralidade. O número de vezes que tocasse no reco-reco correspondia ao número de bandeiras que teriam que colocar à direita ou à esquerda, consoante a indicação da minha colega. Trabalhou o cálculo mental e pediu a alguns meninos para irem ao quadro realizar as indicações dos cálculos.

A manhã terminou com a conversa com a educadora para refletir sobre a aula decorrida.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Acho pertinente que as crianças, desde tenra idade, sejam confrontadas com aspetos da cultura portuguesa e com aspetos relacionados com a nossa História. Estes dois aspetos estão contemplados na área do Conhecimento do Mundo e segundo as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (2009):

encara-se, assim, a área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia. (p.80).

Nesta aula, a minha colega abordou alguns pontos referentes a algumas destas ciências tais como a História, ao abordar a Bandeira Portuguesa, a geografia com a construção do puzzle que representava um mapa.

### **Sexta-feira, 28 de outubro de 2011**

Neste dia de estágio a manhã de aula foi dada por uma das minhas colegas de estágio.

Iniciou a aula na área do conhecimento do mundo, em que deu o sistema solar. Levou um sistema, em papel de cenário, onde iria colocar ao longo da aula os planetas que o constituem.

Na segunda parte da manhã a minha colega leccionou uma outra matéria na aula da Matemática. O conteúdo programado era a lateralidade, onde utilizou uma ficha, em que se encontrava uma imagem do sol ao centro da folha e planetas em tamanho pequeno, que foram colocados na folha de acordo com as indicações dadas por ela.

Prosseguiu-se a avaliação da aula decorrida onde, juntamente com a educadora, pudemos fazer a reflexão da aula.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta aula a minha colega abordou conteúdos abstratos para as crianças, no entanto de forma simples e organizada, nunca esquecendo os nomes científicos. Explicou os vários movimentos do planeta Terra. O movimento de translação, em que segundo Ferreira e Almeida (2004) “os planetas do nosso sistema solar orbitam em torno do Sol, movendo-se no mesmo sentido.” (p.58), e o movimento de rotação da terra que segundo os

mesmos autores é “o resultado do movimento real da Terra sobre si própria, e em sentido contrário.” (p.69)

Apesar de serem aspetos muito abstratos e difíceis de visualizar no concreto é necessário que sejam abordados na educação pré-escolar. Segundo as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (2009) “a área do Conhecimento do Mundo inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo, (...)” (p.81) No entanto, é também necessário e pertinente a “abordagem de aspectos científicos que ultrapassam a experiência directa da criança e as suas vivências imediatas.” (p.81)

### **Segunda-feira, 31 de outubro de 2011**

Neste dia, por ser *roulement*, estava presente apenas uma das Educadoras de cada turma. Por este motivo, estavam todos os meninos dos 5 anos na mesma sala.

Como tal, estiveram durante o período da manhã, antes do recreio, a brincar/jogar com diferentes materiais, tais como legos e puzzles.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Estes dias são dias de alguma descontração para a criança, em que pode jogar e conviver mais com os colegas em sala de aula, trabalhando em pequenos grupos. De acordo com Andrade (1996), o jogo “desenvolve as habilidades de pensamento como a observação, a comparação, a dedução e principalmente, o raciocínio necessários para o ato de aprender, de aprender qualquer coisa na vida, inclusive valores como respeito, cooperação, fidelidade, justiça, etc.” (p. 65). Para além da vertente educativa, o jogo tem também a vertente do divertimento, em que a criança se diverte com o jogo e estimula a sua aprendizagem. Tal como afirma Moura (2000) (citada por Caldeira, 2009) os alunos, quando jogam têm prazer, e fazem emergir a aprendizagem. (p.49)

### **Terça-feira, 1 de novembro de 2011**

Por ser feriado, não realizámos estágio neste dia.



### **Sexta-feira, 4 de novembro de 2011**

Este último dia de estágio começou com a nossa ajuda aos alunos que realizavam a escrita de letras no lugar, enquanto os vários grupos de crianças iam ter a sua lição de cartilha maternal.

Durante a manhã, a turma dividiu-se em dois grupos, para irem às aulas de cerâmica.

Após o recreio, eu dei uma aula surpresa, de dinamização de cartilha, com imagens. Primeiro, questionava os alunos sobre as imagens e, de seguida, escrevia as palavras no quadro e fazia a leitura preparatória das mesmas.

De seguida, a minha colega de estágio também deu aula. A educadora pediu-lhe que trabalhasse situações problemáticas e noções espaciais com imagens.

Começou por trabalhar as noções espaciais no quadro. De seguida realizou algumas situações problemáticas, onde realizou cálculo mental com os alunos e representou algumas operações no quadro.

## **2.ª Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 7 de novembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011. Este momento de estágio que decorreu na sala das crianças na faixa etária dos 3 anos de idade.

### **1.2.1. Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Educadora titular do grupo e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

A turma dos 3 anos é composta por vinte e nove crianças, onze do género feminino e dezoito do género masculino. Todas tem 3 anos de idade até 31 de dezembro de 2011.

O grupo está bem integrado e demonstra interesse e motivação pelas diversas aprendizagens e experiências.

### **1.2.2. Caracterização do espaço**

As duas salas dos 3 anos estão separadas apenas por um arco, não tendo nenhuma porta a separar estas duas salas diferentes.

O espaço da sala está dividido em duas áreas. A área do tapete, onde as crianças se sentam no chão, e o espaço das mesas. Na primeira área, numa das paredes à volta do tapete encontram-se os cabides das crianças, todos etiquetados com o nome. Na parede oposta encontra-se um armário onde a educadora guarda o material e um quadro pequeno de pé.

Na parede do fundo encontra-se uma grande janela o que confere alguma luminosidade à sala. Na área das mesas encontram-se cinco mesas de cores diferentes, onde as crianças realizam algumas tarefas.

Encontra-se também um móvel com as gavetas do material dos alunos igualmente etiquetadas, bem como a secretária da educadora. Neste espaço podemos encontrar ainda dois baús para guardar alguns brinquedos, bem como um placar onde são expostos os trabalhos dos alunos.

### 1.2.3. Horário da turma

Quadro 4 – Horário dos 3 anos.

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h/ 9.30h	Partilha de saberes	Acolhimento/ canções de roda		Música	Acolhimento/ Canções de roda
9.30h/10.00h	Área de Projeto: estimulação à leitura				
10.00h/10.30 h	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ed. do Movimento
10.30h/11.00 h	Ed. do Movimento	Proposta de trabalho			Iniciação à Matemática
11.00h/11.30 h	Recreio				
11.30h/ 12.00h	Higiene/ Preparação para o almoço				
12.00h/ 12.30h	Almoço				
12.30h/14.30 h	Recreio ( livre e orientado) / Hora da sesta				
14.30h/15.00 h	Higiene/ Preparação da sala				
15.00h/ 16.00h	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16.00h/ 16.20h	Higiene				
16.20h/17.00 h	Lanche/Saída				

### 1.2.4. Rotinas

As rotinas destas crianças são semelhantes às rotinas das crianças correspondentes à faixa etária dos 5 anos, tais como o acolhimento no salão, a higiene, o almoço e o recreio. No entanto, as crianças da faixa etária dos 3 anos de idade possuem mais uma rotina, a sesta.

- **Sesta**

A sesta, consiste no momento em que todos as crianças correspondentes aos 3 anos de idade dormem. Este período ocorre a seguir ao almoço e tem a duração de aproximadamente duas horas.

As crianças dormem em camas individuais dentro da sala de aula, com a supervisão de uma educadora.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A sesta é bastante importante nesta idade, pois é necessário que a crianças disponham de várias horas de descanso. Desta forma ficarão mais pacientes e com uma maior capacidade de aprendizagem e concentração, tal como refere Leitão (2009), que afirma que “uma criança ‘bem dormida’ é uma criança bem disposta, sociável, mais tolerante e cooperante, com maior capacidade de atenção, maior predisposição para a aprendizagem e mais orgulhosa das suas aquisições.”

Para além disso, é um momento preponderante para o desenvolvimento da autonomia, ou seja, a criança deve ser incentivada a ter atitudes autónomas como o descalçar, o ir buscar o objeto com que dorme, se for o caso, e o tapar-se. Cordeiro (2008) salienta que, no momento de sesta, deve ser “estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras dêem o toque final)” (p.373-374).

Algumas crianças demonstram ainda alguma dependência de objetos para dormir, tais como a chupeta e peluches. Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que os objectos que, repetidamente, são utilizados pela criança como companheiros ao deitar, ajudam-na a passar da dependência que caracteriza os bebés para a independência que caracteriza a criança mais velha. (p.285)

### **1.2.5.Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.**

#### **Segunda-feira, 7 de novembro de 2011**

Neste dia de estágio foi-me solicitado pelas orientadoras, presentes no Jardim-escola, que desse uma aula.

Antes de leccionar a minha aula, assisti à aula surpresa de uma colega de estágio.

De seguida, a professora orientadora pediu-me que realizasse uma estimulação à leitura, na sala dos 5 anos, com um livro escolhido por ela e que, de seguida, desse uma lição de cartilha a um grupo de meninos.

Li a história “O ratinho torto”, fazendo algumas perguntas durante leitura. De seguida, distribuí folhas brancas e pedi às crianças que realizassem um desenho livre, mas, ao contrário, fazendo ligação com a história lida anteriormente. Durante esse tempo, levei à cartilha dois meninos escolhidos pela professora orientadora, para a introdução da 13ª lição.

Após terminar a aula, realizou-se a reunião habitual, para apreciação das aulas surpresa decorridas durante a manhã.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Ao pedir às crianças que realizassem um desenho livre, condicionando-os apenas na orientação espacial do desenho, permiti que se expressassem livremente, ou seja, tiveram liberdade de desenhar sem restrições na mensagem que teriam de passar com o desenho. Tiveram oportunidade de “narrar” a história que quisessem.

Segundo as Orientações Curriculares em Educação Pré-escolar (2009):

o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objecto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite “narrar” uma história (...)  
(p. 69)

#### **Terça-feira, 8 de novembro de 2011**

O dia de estágio iniciou-se com o acolhimento das crianças em roda, onde estas, juntamente com professoras e estagiárias cantam algumas músicas infantis. Seguiu-se a ida à casa de banho, antes de se deslocarem para a sala de aula.

Ao chegarem à sala a educadora sentou-se com os meninos em roda para trabalhar o material 1º Dom de Froebel. Com a caixa fechada, fez perguntas às crianças tais como, de que material é feito a caixa, de onde extraímos a madeira. De seguida, perguntou o nome do material e, depois, tirou todas as bolas de dentro da caixa. Espalhou seis placas de esferovite, cada uma com uma cor corresponde a uma das bolas do 1º Dom. Tinha também uma mesa onde estavam várias flores em cartolina, que correspondiam igualmente às cores das bolas. Foi pedindo às crianças que fossem colocando as flores e as bolas na placa de esferovite com a cor correspondente, fazendo exercícios de associação de cor. Fez também contagens com as flores de cada placa, pediu às crianças que identificassem qual a placa que tinha mais ou menos flores. Realizou também exercícios de lateralidade, pedindo que colocassem a bola ao lado da placa, ou em cima da placa.

Ao terminar estes exercícios, pediu às crianças que se sentassem nas mesas onde lhes pediu que rasgassem folhas de papel castanho em bocadinhos, preenchendo uma grelha para identificar os meninos que conseguiam e os que não conseguiam rasgar.

Seguiu-se a distribuição das bolachas e o recreio. Depois assistiram a um filme no salão, e durante esse tempo foi-nos solicitado que arrumássemos as gavetas dos alunos. Por fim, ajudámos no almoço das crianças, e na ida à casa de banho para a sesta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia a Educadora trabalhou com as crianças o material 1.º Dom de Froebel. Este material é, segundo Caldeira (2009), composto “por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de croché, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo.” (p.243)

Este material tem um grande interesse pedagógico quando aplicado a crianças dos 2/3 anos de idade, pois é um material que proporciona a “aprendizagem das cores”, o desenvolvimento da “estruturação espacial” e da “lateralização”, através de exercícios de associação de cor e de lateralidade como a educadora realizou neste dia. Foram também feitos exercícios de contagem neste dia, competência que também pode ser desenvolvida com recurso a este material.

### **Sexta-feira, 11 de novembro de 2011**

A manhã de estágio iniciou-se em roda com as crianças no salão, seguindo-se a ida à casa de banho.

A turma foi para a sala, onde se vestiu para a ginástica. A educadora pediu a nossa colaboração para preencher a grelha onde indicava quais os meninos que conseguiam, ou não, apertar e desapertar os botões do bibe.

De seguida, sentaram-se nas mesas onde começaram a realização de um trabalho que consistia em colar os bocadinhos de papel castanho rasgados pelos meninos, numa castanha feita de cartolina.

Durante a realização desta atividade, fui assistir à aula surpresa de uma colega, na outra sala da faixa etária dos 3 anos, que realizou uma estimulação à leitura.

Após terminar a aula, eu e a minha colega fomos com a nossa turma para a ginástica.

No fim da aula de ginástica, as crianças foram para a sala onde se vestiram e calçaram. De seguida, sentaram-se nas mesas onde terminaram a atividade de São Martinho. O dia de estágio terminou com a ida à reunião de apreciação das aulas surpresa.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

No dia de hoje a educadora aproveitou o momento em que os meninos se vestiam para preencher a sua grelha, registando quem conseguia ou não desapertar os botões do bibe. Segundo Cordeiro (2008), estas grelhas ou registos mensais são “um registo feito pela educadora, no qual esta inscreve as mais recentes aquisições da criança no jardim-de-infância. Este registo serve de material de observação da educadora, valorização da criança, e de comunicação entre a escola e a família.”(p.376)

### **Segunda-feira, 14 de novembro de 2011**

Neste dia, a manhã iniciou-se com os alunos na sala de aula, onde se vestiram para a ginástica, e a ida habitual à casa de banho.

A educadora sentou as crianças nas mesas e distribuiu um monte de botões por cada mesa. Contou uma história onde introduziu situações problemáticas em que os alunos tiveram que utilizar os botões para as resolver e realizar contagens.

Durante esta aula, eu e a minha colega de estágio ralámos lápis de cera para a realização de uma atividade feita posteriormente à aula de Matemática.

Esta atividade consistia em colar as aparas dos lápis na borboleta maior de três apresentadas numa ficha.

Depois de terminada a proposta de trabalho, as crianças formaram comboio e dirigiram-se para o ginásio, para a aula de ginástica. No fim da aula, voltaram para a sala onde se vestiram para, de seguida, irem para o almoço.

A manhã de estágio concluiu-se com a ajuda na hora da sesta das crianças.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A utilização dos botões, no decorrer da aula de Matemática, foi muito pertinente para as crianças, pois ajudou-as na compreensão dos exercícios feitos e na realização das contagens. Reynolds (1971) citado por Matos e Serrazina (1996) define materiais manipuláveis como “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia” (p.193)

Considero bastante importante a utilização de material nas aulas de Matemática, seja ele estruturado ou não. Pois as crianças entenderão melhor todos estes processos e características, se forem concretizados e vividos no real. Tal como afirma Caldeira (2009) “ as crianças entenderão melhor os números e as operações Matemáticas se as puderem concretizar, vivenciar.”(p.368)

### **Terça-feira, 15 de novembro de 2011**

Neste dia de estágio, todas as turmas de pré-escolar realizaram uma visita de estudo ao teatro Tivoli, onde assistiram à peça “ Ovos, canela e verdade – A Receita da amizade”.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

As visitas de estudo revestem-se de uma grande importância, pois por vezes temos muita tendência de manter as aulas muito monótonas e centradas no espaço de sala de aula, enquanto que, por vezes, a aprendizagem se torna bem mais fácil e entusiasmante se sairmos do espaço escolar, para ver e aprender coisas novas.



Morena (2002) refere que “a formação pedagógica não se concentra só no espaço escolar, é necessário procurar o seu complemento exterior em actividades extra curriculares em variadas emoções, em diferentes conhecimentos e novas experiências”. (p.9)

Estas visitas ao teatro constituem em momentos de bastante agrado para as crianças. No geral, todas elas gostam de ir ao teatro. Para além do carácter lúdico e de lazer, a ida a teatros tem algumas vantagens sobre as crianças. Cordeiro (2008) menciona várias dessas vantagens , tais como: “

apreciação do teatro, como experiência estética; progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais; desenvolvimento da ideia de que é possível contar histórias aliciantes com cenários pequenos; aprendizagem de que a mesma pessoa pode desempenhar várias tarefas; partilha de uma forma de arte comunitária das mais antigas; aumento dos conhecimentos sobre a história e as suas personagens. (p.424)

### **Sexta-feira, 18 de novembro de 2011**

O acolhimento das crianças foi feito em roda com a realização de jogos. De seguida, já na sala, ajudámos as crianças a vestir-se para a aula de expressão físico-motora. Após terminarem de se vestir, as duas turmas juntaram-se para o ensaio da festa de Natal.

Depois do ensaio as crianças, tiveram aula de expressão físico-motora, onde a professora avaliou o chute para a baliza de todos os alunos. Ao terminar a aula, os alunos foram para a sala, onde os ajudámos a vestir e a calçar, ficando a minha colega de estágio no tapete com os meninos que iam ficando prontos para o almoço, onde lhes leu a história “Que barulheira”. De seguida, cantámos algumas músicas com eles acerca do tema da história lida.

Por fim, colaborámos na hora de almoço das crianças e no deitar para a sesta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Cantar com os alunos é uma prática muito comum na Educação Pré-Escolar. Segundo as Orientações curriculares da Educação Pré-Escolar (2009) “a relação entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é uma actividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo” (p.64).

As crianças conseguem traduzir situações e expressar emoções e sentimentos, tal como refere Hohmann e Weikart (2009) que afirmam que a

música é importante pelo facto de “transmitir emoções, sublinhar experiências e marcar ocasiões pessoais.” (p.658)

Para além disso, é uma ótima forma de aprender novas palavras e interiorizá-las num contexto. Tal como afirma Cordeiro (2008), “a musicalidade das palavras torna-as doces e as crianças entendem. E assim, dia após dia, vai interiorizando as palavras como tradução dos objectos e das situações.” (p. 313)

### **Segunda-feira, 21 de novembro de 2011**

Este dia de estágio iniciou-se com o acolhimento em roda no salão. Quando chegaram à sala, as crianças vestiram-se para a aula de Educação do Movimento, e sentaram-se no tapete, onde a educadora lhes leu uma história.

De seguida sentaram-se nas mesas onde trabalharam com o material Blocos Lógicos.

A Educadora foi questionando os alunos quanto às diferenças entre as peças. De seguida, introduziu uma nova forma, a forma triangular. Pediu aos alunos que retirassem do monte de peças uma peça com a forma triangular e foi questionando os alunos quanto à cor, à espessura e ao tamanho da peça escolhida por cada aluno. Repetiu o mesmo exercício, pedindo, de seguida, que retirassem uma peça de forma circular.

Ao terminarem estes exercícios, a educadora recolheu o material e distribuiu uma proposta de trabalho que consistia em pintarem apenas as peças de forma triangular.

Seguiu-se a aula de Educação do Movimento, bem como a hora de almoço e sesta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

As experiências Matemáticas na Educação Pré-escolar são um grande impulso para futuros conhecimentos, e por isso são muito importantes quando trabalhados com as crianças. Segundo Moreira e Oliveira (2003):

as experiências Matemáticas que se proporcionam às crianças na educação Pré-Escolar são fundamentais para o seu crescimento matemático, não só em termos dos futuros conhecimentos escolares mas também porque no jardim de infância as crianças começam a construir e a desenvolver sentimentos sobre o que é a Matemática e sobre si próprios. (p.57)

Estas experiências podem estar relacionadas com a lógica, e como tal devemos “fomentar habilidades específicas de raciocínio lógico”, e propô-las

“sob a forma de jogos de lógica”. Estas habilidades devem ser desenvolvidas com o recurso a “materiais manipulativos, entre as quais os blocos lógicos” (Alsina 2004, citada por Caldeira 2009, p.364).

### **Terça-feira, 22 de novembro de 2011**

A manhã iniciou-se, como está implícito na rotina das crianças, com a receção dos alunos em roda no salão. De seguida, o grupo dos 3 anos de idade dirigiu-se à casa-de-banho, e depois para a sala.

A educadora sentou os alunos no tapete em roda, onde fez a chamada, para marcar as presenças, e depois contou-lhes a história: “João Porcalhão”.

Seguidamente, colocou os meninos em duas filas, ficando na de trás sentados em cadeiras e a na da frente sentados no chão, de forma a que todos visualizassem bem.

Colocou flores no chão, em que estas se diferenciavam por cores e por dois tamanhos. Fez várias questões acerca das flores, pedindo às crianças que identificassem as cores presentes nas flores e nas suas respetivas pétalas, fez cálculo com as flores e diferenciou tamanhos. Foi sempre apelando à participação dos seus alunos.

Ao terminar a aula de Matemática, realizou-se o ensaio de Natal, juntamente com a outra turma dos 3 anos de idade.

O dia de estágio terminou com a colaboração no almoço das crianças e na preparação para o momento de sesta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O contacto com a escrita tem como um dos principais instrumentos o livro. É através dele que as crianças descobrem “o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (Ministério da Educação, 2009, p. 70). Segundo Traça (1992) “o livro, alarga a percepção do mundo, educa a sensibilidade, abre as portas do imaginário, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros.” (p.75). Como tal, os livros devem ser escolhidos segundo “critérios de estética literária e plástica” (p. 70).

A professora poderia ter escolhido um livro de Literatura infantil. A literatura é definida por Magalhães (2008) como “representação ficcional do mundo”(p.56). Mais especificamente, segundo Veloso e Riscado (2002), a Literatura Infantil “constrói mundos polifacetados, mundos ficcionais suportados

pela palavra, mundos a descobrir através de múltiplas leituras, convergentes ou divergentes, superficiais ou profundas, mas sempre resultantes de uma infinidade de vozes” (p. 28).

#### **Sexta-feira, 25 de novembro de 2011**

Nesta manhã de estágio, as crianças equiparam-se para a aula de Educação do Movimento como habitual. De seguida, um grupo de crianças teve aula de cerâmica, enquanto a outra parte da turma ficou na sala de aula, onde a minha colega de estágio deu uma aula surpresa solicitada pela educadora. Leu a história “O rato Renato não quer que a mamã vá trabalhar” e, de seguida, colocou algumas questões aos alunos. Após terminar a aula, assistimos à aula de cerâmica com a restante parte da turma. No fim da aula, as crianças tiveram aula de Educação do Movimento.

No fim da manhã as crianças tiraram fotografias no recreio do Jardim-Escola, andaram de escorrega e foram para a cantina almoçar.

#### **Inferências e fundamentação Teórica**

Estas aulas de Educação para o Movimento visam o desenvolvimento de diversas destrezas das crianças, tais como a motricidade. Para Hohmann (1991, referido em Zabalza, 1998a, p. 203) as actividades de educação física permitem que a criança aprenda a movimentar-se de diversas formas, desenvolvendo a coordenação motora e o conhecimento do seu corpo. Estas aprendizagens assentam, igualmente, no desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Para além disso, visa o crescimento saudável da criança, pois tal como afirma Cordeiro (2008) o desporto “favorece também o crescimento, a forma, a força e a elasticidade corporal.” (p.434). Como tal, as aulas de ginástica devem estar presentes na semana de aulas da criança, pois tal como é dito nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), a educação pré-escolar deve facultar à criança momentos de exercício “de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo”.(p.58)

#### **Segunda-feira, 28 de novembro de 2011**

Nesta manhã, as crianças vestiram-se para a ginástica e de seguida foi-me solicitada uma aula surpresa de estimulação à leitura. Li a história “A que

sabe a Lua” e, à medida que ia contando a história, fui montando a sequência dos animais num placar com a colaboração dos alunos.

Nesta manhã as crianças também realizaram a picotagem de uma bola de Natal antes de terem a aula de Educação do Movimento.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os trabalhos de picotagem são uma atividade comum a nível da educação Pré-escolar. É uma tarefa estimulante e motivante para os alunos e que tem um grande potencial na estimulação ao desenvolvimento da motricidade fina nas crianças; tal como afirmam Hohmann e Weikart (2009, p.512) a picotagem tem como objetivos “desenvolver o controlo da motricidade fina e noções espaciais e de lateralidade.”

### **Terça-feira, 29 de novembro de 2011**

Neste dia foi solicitada uma aula de estimulação à leitura à minha colega da estágio.

Terminado o acolhimento no salão, a minha colega sentou as crianças no tapete em “U”, acendeu uma velinha e leu a história “Pequeno azul e Pequeno amarelo”. Falou dos elementos paratextuais da capa e realizou algumas perguntas de interpretação às crianças.

De seguida, numa folha branca, pintou com lápis de cera uma bola amarela e por cima uma azul de forma a formar a cor verde, tal como acontece na história lida.

Por fim, sentou as crianças nos seus lugares, distribuiu uma folha branca a cada um e pediu que realizassem a mesma tarefa.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A estratégia de sentar as crianças em forma de “U” durante a leitura de histórias ou explicação de algo é muito pertinente, pois tal como afirma Cury (2004), “sentar em forma de “U” ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto” (p.125)

Após a leitura do livro, a minha colega podia ter optado por serem as crianças a misturar as duas cores usando guaches. Desta forma teria sido mais perceptível a cor resultante da mistura e as crianças teriam pintado com pincéis e tintas, o que decerto seria mais apelativo. Estas atividades de expressão

plástica estão contempladas nas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar, que referem que “o desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na educação pré-escolar.” (p.61)

Segundo Spodek e Saracho (1998) “a pintura é um dos elementos básicos do programa de primeira infância”.(p.360)

### **Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011**

Neste dia foi *roulement*, e como tal, eu e as minhas colegas de estágio ajudámos as crianças na realização de algumas atividades temáticas de Natal. As crianças pintaram umas bolas de Natal em papel para pendurar depois na árvore, bem como uns bonequinhos de Natal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Estas atividades alusivas a algum período festivo do ano, têm sempre uma grande adesão por parte dos alunos, pois, normalmente está relacionada com atividades de expressão plástica e revestem-se de grande importância na organização temporal da criança. Tal como afirma Cordeiro (2008) “as actividades temáticas são actividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança. Este género de actividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e suas diferentes técnicas.” (p.375).

### **Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011**

Esta manhã de aulas foi lecionada por uma das minhas colegas de estágio. O tema da aula da minha colega foi o paladar.

A primeira parte da aula em que a minha colega lhes leu uma história, não me foi possível assistir por estar com algumas crianças na casa de banho.

Na área do Conhecimento do Mundo, a minha colega realizou um jogo que consistia em tapar os olhos a uma criança e dar-lhe a provar algum produto alimentar. Deu a provar mel, batata frita, limão, café e banana. Cada criança tinha que adivinhar o que havia provado e tinha que dizer se era doce, salgado, amargo ou ácido.

Durante a sua aula teve que recorrer uma vez a uma estratégia de retorno à calma, pedindo às crianças que levantassem os braços para cima e para baixo.

Na área da Matemática, sentou as crianças nas suas respectivas mesas, e distribuiu por cada uma delas um conjunto de imagens de alimentos com as quais trabalhou o cálculo realizando algumas somas e subtrações e a lateralidade.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os cinco sentidos constituem um tema muito presente na educação pré-escolar.

A percepção do mundo que nos rodeia é feita através do conjunto destes sentidos que nos permitem sentir, observar e experimentar. Segundo Catita (2007) este tema constitui um “despertar para a tomada de consciência e de atenção das nossas capacidades sensoriais e preceptivas” (p.226)

O mesmo autor refere ainda que “na abordagem exploratória deste tema, a criança em si mesma é detentora, através do seu corpo, das ferramentas experimentais que a ajudarão a compreender os mecanismos das suas próprias sensações e percepções relativas ao Mundo Físico e Social onde vive” (p.226)

### **Terça-feira, 6 de dezembro de 2011**

Esta manhã de aula foi lecionada por mim.

Comecei a manhã por ler a história “Caracolinhas de Ouro” usando um livro em formato A3 criado por mim como suporte de leitura. De seguida pedi a colaboração das crianças para recontar a história e colar as imagens no livro.

De seguida, sentei as crianças nas mesas, distribui imagens que diferiam em três tamanhos: grandes, médias e pequenas. Realizei algumas questões aos alunos acerca dos tamanhos das imagens, bem como algumas questões de cálculo mental.

Por fim, voltei a sentar as crianças no tapete onde lhes mostrei um placar onde se podia observar uma árvore genealógica, explicando o que representava. Depois fui pedindo a colaboração das crianças para a construção da árvore genealógica da Caracolinhas de Ouro.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

No decorrer desta manhã de aula, senti dificuldade em manter a disciplina dentro da sala de aula. Essa falta de disciplina dentro da sala de aula, provocou alguma confusão no decorrer da aula e um consecutivo nervosismo da minha parte.

Veiga (2001) designa “por *indisciplina* entende-se a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola.”(p.15)

Ao refletir sobre a aula apercebi-me da necessidade da utilização de estratégias para contornar a indisciplina, levando a um retorno à calma.

### **Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011**

Neste dia de estágio as crianças realizaram uma atividade temática sobre o Natal proposta por mim e por outra colega de estágio que consistia em colar massinhas em árvores de Natal feitas em cartolina verde que depois serviram para a decoração da sala de aula.

### **Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011**

Após o acolhimento no salão, ambas as turmas dos 3 anos de idade dirigiram-se para o ginásio onde ensaiaram para a festa de Natal. Enquanto ensaiavam a educadora solicitou-me que fizesse o molde do círculo grande dos Blocos lógicos.

Quando chegaram à sala as crianças picotaram o círculo e colaram numa folha de cor. De seguida a educadora sentou as crianças no tapete e fez uma revisão dos Blocos lógicos abordando as suas quatro qualidades: o tamanho, a forma, a espessura e a cor.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

No ensaio as crianças treinaram a peça de teatro, “Rato do Campo e Rato da Cidade” que irão apresentar na Festa de Natal.

Esta peça, foi escolhida pelas educadoras as turmas dos 3 anos de idade e, foi várias vezes ensaiada. As crianças demonstraram-se motivadas e empenhadas na representação das suas personagens. Segundo as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (2009) o educador deve possibilitar “dramatizações (...) em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que



constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não-verbal”.(p.60)

Para além disso, a representação de peças de teatro constitui um momento adequado para as crianças perderem alguma da sua timidez e de aumentarem a sua auto-estima. Tal como afirma Cordeiro (2008) o teatro é “muito importante para ajudar as crianças desta idade a ultrapassar situações em que os seus naturais mecanismos de defesa levam a atitudes tímidas e, até, demasiado prudentes.”(p.423)

### **Terça-feira, 13 de dezembro de 2011**

Nesta manhã as crianças ensaiaram novamente para a festa da Natal. Quando terminou o ensaio, a educadora formou um comboio para levar as crianças para a sala. Enquanto faziam o percurso até à sala, foram dizendo algumas rimas infantis.

Quando chegaram , a educadora distribuiu um quadrado de papel a cada um dos meninos e pediu que dobrassem ao meio, fazendo a dobragem da porta. Depois solicitou-me ajuda para ir colando as portas numas casas feitas em musgami coladas numa folha de papel branca.

De seguida e antes do recreio realizámos alguns jogos no tapete com as crianças.

Após o recreio, as crianças dirigiram-se para o salão onde lhes colocámos os babetes e aguardámos pela hora de entrar para a cantina para o almoço.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia a educadora trabalhou as rimas infantis quando fazia o comboio com as crianças. Passo agora a definir rimas infantis. Segundo Costa (1992) são um “conjunto de textos rimados do folclore infantil português de transmissão oral, usados com e entre crianças, e que tradicionalmente acompanha o desenvolvimento destas desde o nascimento até um limite pouco definido, que se pode situar por volta dos 14-15 anos.” (p.24).

As rimas devem ser exploradas na Educação Pré-Escolar com as crianças. Podem ser “ditas no pátio de recreio, na rua, no local onde brincam, em interacção com outras crianças” (p.27).

O incentivo por parte das educadoras a que as suas crianças conheçam e aprendam novas rimas infantis, é um aspeto com bastante valor, pois as rimas infantis tem inúmeras vantagens tal como refere a mesma autora “a aquisição da linguagem é facilitada pelo uso das rimas infantis em geral.” A dicção destas “obriga a uma coordenação motora do aparelho fonador, que o ritmo bem marcado facilita.” (p.139). Outra das vantagens das rimas infantis, segundo Denise Escarpit citada por Costa (1992), é que “permitem à criança adquirir um vocabulário elementar.”(p.139)

Para além disso, as que permitem o movimento do corpo estimulam “a coordenação motora e o equilíbrio, ensinam ao mesmo tempo a criança a controlar a sua motricidade.”(p.140)

### **Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011**

Durante esta manhã quem deu aula foi uma das minhas colegas de estágio. O tema da aula era a Sopa.

Começou pelo Conhecimento do Mundo, onde deu a conhecer alguns vegetais às crianças, deixando-os tocar nos vegetais. De seguida, colocou algumas imagens de vegetais numa placa de esferovite imitando uma horta e pediu para irem colocando mais imagens numa outra placa, formando outra horta. Questionou os alunos quanto às diferenças entre os vegetais.

Na área da Matemática fez a distinção entre as formas das hortas, sendo que uma tinha a forma de um quadro e outra a forma de um retângulo.

De seguida, colocou em cima de uma mesa três cestos de cor diferente e foi pedindo para colocar imagens de vegetais grandes ou pequenas em determinado cesto. Fez cálculo com os vegetais e, por fim, colocou partes de alguns vegetais previamente cortados dentro de uma panela, simulando a confeção de uma sopa.

### **3.ª Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 2 de janeiro de 2012 a 10 de fevereiro de 2012. Este momento de estágio decorreu na sala das crianças correspondentes à faixa etária dos 4 anos de idade.

#### **1.3.1. Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Educadora titular do grupo e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

A turma dos 4 anos é composta por 28 crianças, sendo que 15 correspondem ao género feminino e 13 ao género masculino. Quase todas as crianças têm 4 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica Do Jardim - Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

#### **1.3.2. Caracterização do espaço**

O espaço destinado às crianças na faixa etária dos 4 anos de idade, é num dos lados do salão, bem como o outro grupo de crianças da mesma idade, que se encontra do lado oposto.

Este espaço de sala de aula é delimitado por biombos, onde estão colados alguns trabalhos das crianças bem como o mapa do comportamento e a tabela dos chefes. É delimitado também pelo armário onde se encontram as gavetas do material das crianças, estando cada uma delas etiquetada com o nome de cada menino.

Do outro lado, encontra-se um outro armário onde a educadora guarda o seu material.

No centro deste espaço, estão quatro mesas com cadeira, onde as crianças realizam os seus trabalhos. Estas mesas estão numeradas, de forma a que cada criança saiba a que mesa pertence.

A luminosidade da sala é adquirida através de uma clarabóia que permite a entrada de luz.

### 1.3.3. Horário da turma

Quadro 5 – Horário dos 4 anos.

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h-9h30m	Canções de Roda / Acolhimento				
9h30m – 10h	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10h – 10h30m	Descobrir o que sabe	Formação cívica	Grafismos	Formação cívica	Trabalhos de grupo
10h30m – 11h	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio	Ginástica	Recreio
11h – 11h30m	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo	Música	Conhecimento do Mundo
11h30m – 12h	Jogos de Roda / Preparação para o Almoço				
12h – 12h30m	Almoço				
12h30m - 14h30m	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30m – 15h	Expressão Dramática	Estimulação à leitura	Expressão plástica	Atividades Gráficas	Descobertas dos pequenos cientistas
15h – 15h30m	Área Projeto	Expressão corporal	Jogos de mesa e Plasticina/modelagem	(ditados/ desenhos em série)	Estimulação à leitura
15h30m – 16h	Dobragens/entrelaçamentos/enfiamentos/harmónios	Atividades nos Cantinhos/ Jogos de tapete	Picotagem/ contorno/ Rasgagem/ recorte/	Jogos tradicionais	Expressão corporal
16h – 16h25m	Lenga-lengas/destrava línguas e adivinhas	Expressão Dramática	Rimas/Poesias	Rimas/poesias	Reflexão semanal
16h25m – 16h45m	Lanche				
16h45m – 17h	Despedida				

### 1.3.4. Rotinas

As rotinas diárias deste grupo, são semelhantes às rotinas do grupo dos 5 e dos 3 anos, com à exceção da sesta, que é uma rotina implícita apenas às crianças da faixa etária dos 3 anos.

### **1.3.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.**

#### **Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012**

Neste dia foi *roulemen*, e, como tal, eu e as minhas colegas de estágio, realizámos algumas atividades com as crianças da educação Pré-escolar.

Realizámos alguns jogos no espaço do recreio e a estampagem das mãos das crianças numa folha de papel de cenário.

#### **Terça-feira, 3 de janeiro de 2012**

Neste dia de estágio as crianças terminaram a atividade do dia dos reis. De seguida, sentaram-se com a educadora em círculo, para conversarem sobre o Natal.

De seguida sentaram-se nas suas respetivas mesas para se vestirem para a aula de ginástica e, depois disso, a educadora elegeu os chefes dessa semana.

Após a aula de ginástica, as crianças vestiram-se e conversaram sobre a circular do lanche do dia dos reis com a educadora.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia a Educadora proporcionou um momento propício a um desenvolvimento social com a eleição dos “chefes”. Estes momentos proporcionam uma aprendizagem da vida em grupo, incutindo ao grupo o respeito pelo outro, e contribuem para o desenvolvimento da responsabilidade, sendo que as crianças devem habituar-se desde cedo a assumi-la. Nelsen (2002, p. 5) refere que “as crianças aprendem a ser responsáveis quando desfrutam de oportunidade de aprendizagem num ambiente de gentileza, de firmeza, de dignidade e de respeito.” Como tal, o educador deve eleger “chefes” (da cantina, da sala, dos recados, etc.), distribuindo tarefas às crianças necessárias no dia-a-dia destas na Escola, tal como foi feito neste dia pela Educadora da turma. As Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (2009) dizem que:

a participação de cada criança e do grupo no processo educativo através de oportunidades de cooperação, decisão em comum de regras colectivas indispensáveis à vida social e distribuição de tarefas necessárias à vida colectiva constituem outras experiências de vida democrática proporcionadas pelo grupo. (p.36)

### **Quarta-feira, 6 de janeiro de 2012**

Após o acolhimento a educadora formou um comboio e cada menino foi buscar uma caixa do 3.º dom de Froebel.

As crianças sentaram-se nas suas mesas, com as caixas à sua frente, e a educadora foi questionando os alunos. Perguntou o nome do material, qual era o sólido geométrico que representavam as peças do 3.º Dom, quantos cubos tinha a caixa e de que material eram feitos. Relembrou algumas das regras da utilização do material, tal como trabalhar com as duas mãos, não destruir as construções e trabalhar com os dedos em forma de pinça.

As crianças abriram as caixas, e a educadora perguntou porque chamavam cubo ao sólido geométrico. De seguida perguntou o que é um quadrado. De seguida, pediu às crianças que construíssem o muro alto, depois o muro baixo, de seguida a cama e, por fim, as cadeiras e a mesa. Com estas últimas construções realizou algumas situações problemáticas que envolvessem a subtração e a soma.

Seguidamente construíram as colunas, a coluna com base e o cruzeiro.

Terminaram esta aula, lembrando como se arruma o material na caixa.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Ao iniciar uma aula com materiais deve haver um momento para relembrar as regras de utilização desses mesmos materiais. Segundo Caldeira (2009) “um factor importante a considerar é a forma como o material deve ser utilizado, nomeadamente no que concerne à postura da criança.” (p.248). Esta prática foi realizada pela educadora neste dia, pedindo sempre que fossem as crianças a relembrar essas regras.

Este material é usado para o desenvolvimento de diversos raciocínios matemáticos, mas não só, sendo que o interesse pedagógico deste, prende-se segundo Caldeira (2009) com:

desenvolvimento da linguagem e do vocabulário; desenvolvimento da criatividade; lateralização; motricidade fina; desenvolvimento corporal; noção de equilíbrio; noção de ordem; aquisição de hábitos; iniciação de noções básicas para o desenvolvimento da Matemática: quantidade, situações problemáticas, formas geométricas; (p.255)

## **Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012**

A manhã de estágio iniciou-se na roda com as crianças, cantando músicas como habitual. De seguida, a turma dirigiu-se à casa de banho e de seguida formaram um comboio. A educadora distribuiu os discos pelo chão, onde as crianças se sentaram em roda para conversarem. Conversaram sobre o lanche do dia dos reis, em que também estiveram presentes os pais das crianças.

Após terminar a conversa, a educadora pediu aos meninos que se sentassem nas suas respetivas mesas e distribuiu uma caixa do material Cuisenaire por cada mesa. A educadora fez diversas questões sobre o material, como as suas diferenças, e valores. Realizou exercícios de adição, com as peças do Cuisenaire e representou-as no quadro.

No terminar da aula, os meninos dirigiram-se para o recreio em comboio.

Após o recreio, a educadora levou os meninos para a biblioteca, onde falaram sobre os seres vivos e os seres não vivos. Deu alguns exemplos de cada um e deixou que as próprias crianças dessem igualmente exemplos.

Ao terminar, a educadora formou um comboio com os meninos que se dirigiram à cantina para o almoço. Seguiu-se depois o recreio.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

Este momento de conversa entre o grande grupo, deve ser feito com frequência pelas educadoras, pois constitui uma oportunidade para as crianças partilharem as suas experiências, com os pares e com a educadora.

Tal como refere Cordeiro (2008) “as crianças reúnem-se (...), com a educadora, e aproveita-se o momento, que tem lugar no início da manhã, para dar uma oportunidade de contar as novidades (...).”(p.371)

Este momento, é também importante pelo fato de incutir na criança a atitude de saber esperar, contrariando muitas vezes a impaciência em querer falar, o valorizar a experiência do outro e, principalmente, de se desenvolver a linguagem e o vocabulário.

Cordeiro (2008) refere ainda que “as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação.”(p.371)

### **Terça-feira, 10 de janeiro de 2012**

Após o acolhimento em roda no salão, as crianças sentaram-se nas suas respectivas mesas enquanto eu e a minha colega de estágio distribuíamos uma caixa do material 4º dom de Froebel para cada criança.

A educadora lembrou como se abre a caixa e como se trabalha com este material e, de seguida, questionou os alunos quanto à forma da face das peças que constituem aquele material, que nome tem aquele sólido geométrico e quantos paralelepípedos tem a caixa.

Pedi aos alunos que realizassem a construção do Banco do jardim e contou uma história na qual envolvia situações problemáticas. Quando algum aluno manifestava alguma dificuldade em concretizar o cálculo, a educadora ajudava utilizando os algarismos móveis. Pedi depois que fizessem a construção das duas cadeiras e realizou mais situações problemáticas com as crianças.

De seguida os alunos vestiram-se e, em comboio, foram para a aula de ginástica que se realiza no ginásio. Durante a aula das crianças, eu e a minha colega de estágio realizámos uns trabalhos que nos foram pedidos pela educadora. Após a aula, as crianças vestiram-se, foram à casa de banho e dirigiram-se para a cantina, onde colaborámos nos almoços.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante a aula da manhã, verifiquei que algumas crianças manifestaram dificuldades no cálculo mental. O cálculo mental é definido por Ribeiro, Valério e Gomes (2009), como “um movimento rápido e flexível através do mundo dos números”.(p.8). Para Ponte e Serrazina (2000), “o cálculo mental é todo realizado na nossa cabeça. É uma competência extremamente importante, pois serve de base a diversas outras capacidades como a capacidade de estimação.” (p.48). O desenvolvimento do cálculo mental constitui uma instrumento fundamental nos dias de hoje, como tal, o trabalho neste sentido deve estar presente, diariamente, na sala de aula pois, contribui para o desenvolvimento do sentido do número e ajuda a criança a obter plasticidade mental.

### **Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012**

Após o acolhimento os alunos sentaram-se nas suas mesas enquanto a educadora distribuiu o material Geoplano. A educadora perguntou aos alunos o nome do material e de que material é feito o Geoplano. De seguida pediu aos alunos que contassem 5 espaços e colocassem um elástico na vertical e outro



na horizontal. Depois perguntou aos alunos em quantas partes estava dividido o Geoplano. De seguida, foi solicitando aos alunos que representassem diferentes figuras geométricas nos vários espaços, referindo os espaços que queria em cada figura e onde teriam que a representar.

Depois do recreio, a educadora dirigiu-se com os alunos para a biblioteca da escola, onde sentou os meninos em filas para ler a história “A Branca de Neve e os sete Anões”. À medida que ia lendo a história, ia mostrando as imagens às crianças, perguntou quantos anões estavam na imagem e fez algumas questões que envolveram adições e subtrações com o número de anões.

O dia de estágio terminou com a nossa colaboração no almoço das crianças.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia a educadora procedeu à leitura do conto “A Branca de Neve e os sete anões”.

Os contos para a infância “aparecem como uma das etapas e uma das formas que o pensamento humano encontrou no seu esforço de entender as coisas, desde as mais profundas e fundamentais até aos pequenos problemas do dia-a-dia.”(Diniz 1993, p.55). O conto “sobretudo o “maravilhoso”, quer na sua forma oral, quer tenha sido fixado pela escrita, além de divertir a criança e de desenvolver a sua imaginação, proporciona-lhe experiências que a vão pôr em contacto com os seus problemas reais.” (p.55) Para além disso, segundo Traça (1992) “através dos contos pode nascer nas crianças o gosto da leitura pela leitura.” (p.119). A mesma autora cita ainda que “os contos representam um importante papel na iniciação literária das crianças, que começa por ser feita através da mediação oral muito antes de a criança aprender a ler.” (p.116)

### **Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012**

Durante esta manhã decorreram algumas aulas assistidas pelas Supervisoras da Prática Pedagógica no Jardim-Escola.

Eu e a minha colega de estágio estivemos na sala dos 5 anos onde assistimos à aula de uma colega.

Começou por ler uma história sobre uma cidade que era toda feita de madeira. À medida que ia contando a história, foi pedindo aos alunos que com o 3.º Dom fossem realizando as construções que apareciam na história. Tirou

também, com uma máquina fotográfica, fotografias às construções feitas pelos alunos e depois colou no livro umas fotografias iguais previamente tiradas, fazendo assim a simulação de uma máquina fotográfica Polaroid.

De seguida distribuiu uma cartolina, para cada menino, com linhas e um saco com letras móveis. Pediu aos meninos que escrevessem a palavra papel nessa cartolina, identificando as vogais e as consoantes e recorrendo sempre às regras da cartilha. No fim, pediu que escrevessem a palavra papelada.

Por fim no domínio do Conhecimento do Mundo, juntou as crianças em grupo e distribuiu um copo de plástico com água, uma rosa branca e corante alimentar. Fez uma breve revisão das partes constituintes da planta e, de seguida, explicou os passos da experiência que iriam realizar. Colocaram o corante alimentar dentro do copo com água e colocaram lá dentro a rosa branca, podendo o resultado ser observado apenas uns dias depois.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Estas aulas assistidas constituem num momento muito positivo na nossa formação profissional. Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2008) referem que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional.” (p.54)

A supervisão aparece com o objetivo de “apoiar e regular o processo formativo” (p.54) e a sua presença é fulcral no processo de aprendizagem, sendo mesmo considerada “fulcral no processo de formação.” (p.56). Em suma, “a supervisão como actividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas.” (p.56)

### **Terça-feira, 17 de janeiro de 2012**

Nesta manhã de estágio as crianças marcaram as presenças no placar destinado a isso e, de seguida, sentaram-se nas mesas onde trabalharam com o material Cuisenaire. A educadora lembrou o valor das peças já aprendidas juntamente com os alunos e introduziu uma peça nova, a verde escura referindo o seu valor. De seguida pediu que construíssem a escada por ordem crescente, pedindo a sua leitura por cores e valores. Fez perguntas em relação à escada,

mas sempre tapando os olhos à criança a quem fez a pergunta. Para terminar, pediu que construíssem a escada por ordem decrescente.

Terminada esta aula, as crianças tiveram aula de ginástica.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O ato de marcar a presença no mapa das presenças é uma marcante no dia a dia do grupo. Segundo Cordeiro (2008):

o mapa das presenças, que pode ser instituído desde as idades mais pequeninas, em que cada um marca da forma que quiser, numa espécie de calendário, a sua presença na sala, é uma forma de dizer “estou aqui e é aqui que estou”. Com esta afirmação mudam também as expectativas e a criança encaixa-se no ambiente. (p.371).

Para além disso, pelas suas características “permite começar a adquirir noções Matemáticas (quantos estão, quantos faltam), introdução à leitura através do reconhecimento das letras (...) e a linguagem, pela verbalização consequente.” (p.371), tal como referem também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) “as actividades inerentes à organização do grupo como, saber quem está e quem falta, preencher um quadro de presenças ou de actividades relacionam-se com a Matemática.” (p.75)

### **Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012**

Durante esta manhã assisti à manhã de aulas da minha colega de estágio. O tema da sua aula foi o animal Kiwi.

Começou por sentar as crianças nas mesas e distribuir uma caixa do material Cuisenaire por cada mesa.

Fez a revisão das peças que já conheciam até então, realizou algumas situações problemáticas e algum cálculo mental.

Após o intervalo levou as crianças para a biblioteca, onde lhes leu uma história construída por si sobre o kiwi. Realizou algumas perguntas de interpretação sobre a história lida e de seguida mostrou-lhes uma apresentação em *powerpoint*, sobre o kiwi. Através de imagens explorou as características deste animal e ainda mostrou alguns vídeos.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O material Cuisenaire é constituído por várias barras de cor, com dez cores diferentes e dez tamanhos diferentes, sendo que cada cor tem a correspondência a uma quantidade de unidades. A que corresponde a uma unidade é a peça branca, sendo que corresponde à peça mais pequena.

Segundo Alsina (2004), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva de competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números”.(p.34)

Segundo Caldeira (2009) o interesse pedagógico deste material consiste em aspetos como:

Iniciação à Matemática; desenvolvimento da criatividade; compreensão da noção de número; decomposição de números; relações de grandeza; noção de par e ímpar; manipulação das operações numéricas; resolução de situações problemáticas; múltiplos e divisores de um número inteiro; sequências; simetrias; frações e números decimais; perímetros; áreas; volumes; (p.126)

### **Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012**

Neste dia dei a minha manhã de aulas. O tema da minha aula foi o pinguim.

Comecei por sentar as crianças nas mesas e distribui uma caixa do material 4.º Dom por cada criança. Distribuí também um saco com imagens de pinguins. Fui contando uma história e fui pedindo que construíssem os elementos que apareceram na história, tais como o muro e o banco do jardim. Realizei contagens com o número de pinguins e cálculo, tais como somas e subtrações.

Após o intervalo, levei as crianças para a biblioteca onde lhes li a história “Os Ovos Misteriosos” de Luísa Ducla Soares. Fui mostrando as imagens aos alunos e pedindo que fossem participando na história repetindo algumas frases que apareciam repetidamente na história. Fiz algumas perguntas de interpretação e de seguida mostrei-lhes um ovo em cerâmica, de onde iríamos tirar e descobrir qual o animal que também estava no ninho da galinha da história e que seria o animal de que iríamos falar a seguir.

Dentro do ovo estava um pinguim de peluche. Deixei todos as crianças tocarem no pinguim e depois mostrei-lhes uma apresentação, em *powerpoint*, com várias imagens de pinguins. Mostrei-lhes um mapa onde localizei a Antártida e vídeos, onde se podia observar as várias características do pinguim.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A Literatura Infantil tem um papel importante, pois ela torna-se, ao mesmo tempo, “o brinquedo que permite múltiplas explorações e infinitas descobertas; o segredo que desencadeia a imaginação e deixa vivenciar *in mentis* e de forma positiva tudo o que, na realidade, não é permitido nem

defensável” (Veloso e Riscado, 2002, p. 27). Como nesta idade as crianças ainda não têm as competências que lhes permitam ler, é importante que o educador efetue uma leitura em voz alta, com uma prévia preparação, sendo que, quando o faz, está a mostrar às crianças “a musicalidade das palavras e a sua riqueza semântica” (Veloso, 2003, p. 24).

No dia relatado, li um livro de Literatura Infantil de uma reconhecida autora portuguesa, em voz alta e, devo destacar o entusiasmo e o interesse com que as crianças ouviram a leitura.

### **Terça-feira, 24 de janeiro de 2012**

Nesta manhã de estágio, foi solicitado à minha colega de estágio que desse uma aula com os Blocos lógicos.

Sentou as crianças nas mesas e distribuiu o material Blocos lógicos pelas mesas. Fez a revisão de todas as qualidades das peças e foi pedindo que retirassem a peça com as características que foi pedindo e foi circulando para ver e ajudar as crianças.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante o período de estágio temos possibilidade de lecionar várias aulas, sejam elas programadas ou surpresa. Estas aulas são uma boa oportunidade para evoluir em termos profissionais. Trindade (2002) considera os estágios “um espaço de formação privilegiado, na medida em que permite associar de forma credível o conhecimento e a acção, a acção e a reflexão, a aprendizagem e o projecto ou a formação e a intervenção.” (p. 67).

O estágio composto por estes momentos de prática, que se assemelham muito à realidade educativa, contribuem para a nossa formação com professores.

Segundo Cunha (2008) “entende-se por “formação de professores” o processo pelo qual os futuros professores, ou professores em exercício, se preparam para desenvolver a função de docência.” (p.100)

### **Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012**

Neste dia de estágio, foi uma das minhas colegas de estágio a dar aula.

O tema da aula foi a raposa e a minha colega começou por trabalhar a área da Matemática com o material Geoplano. Desafiou as crianças a descobrirem o caminho da raposa até à floresta. Foi dizendo as várias

indicações, tais como 5 passos para a direita ou meia dezena de passos para baixo e as crianças iam colocando os elásticos no seu Geoplano.

De seguida, pediu aos alunos que marcassem esses mesmo itinerário para o papel pontado, e foi ajudando as crianças a concretizarem essa tarefa.

Após o intervalo, a minha colega levou as crianças para a biblioteca, onde lhes leu uma história sobre uma raposa e de seguida lhes mostrou uma apresentação, em *powerpoint*, para explorar este animal através de imagens.

Abordou as várias características da raposa e solicitou a participação da crianças.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Um dos materiais que se podem anexar ao uso do Geoplano é o uso do papel pontado. Segundo Caldeira (2009) o papel pontado é um dos “acessórios indispensáveis para a utilização deste material” (p. 410)

Após a utilização do Geoplano devemos “proporcionar aos alunos actividades” tais como “registar os “desenhos” no papel pontado” e “desenvolver a actividade de copiar figuras que outros desenharam.” (p.411)

### **Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012**

Neste dia, a minha colega de estágio deu aula assistida.

Começou por ler a Fábula “A lebre e a Tartaruga”, mostrando imagens com uma apresentação em, *powerpoint*. Depois pediu que acabassem de construir o título da história numa cartolina, onde só constavam as consoantes.

Na área da Matemática, trabalhou o 3.º Dom de Froebel, fazendo algumas construções e ditando algumas situações problemáticas.

De seguida, na área do Conhecimento do Mundo, sentou as crianças no chão, onde com uma apresentação em *powerpoint* falou do animal tartaruga. Abordou as várias características deste animal e a que classe de animais pertencia.

No fim, mostrou-lhes uma tartaruga verdadeira, que depois ficara na sala para as crianças.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Na educação pré-escolar é imprescindível a leitura de histórias pois tal como afirma Nelson (1989) citado por Spodek e Saracho (1998) “ouvir histórias

ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentarem com a sua própria linguagem oral e escrita” (p.245). No presente dia, a minha colega de estágio procedeu à leitura para as crianças de uma fábula. Passo agora a definir o que é uma fábula.

Segundo Reis e Lopes (1987) uma fábula “designa um relato quase sempre breve de acção relativamente tensa, mas não muito sinuosa, interpretada por personagens também não excessivamente complexas (personagens que são muitas vezes animais irracionais), apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral.” (p.152)

### **Terça-feira, 31 de janeiro de 2012**

Neste dia de estágio foi-me solicitada uma aula surpresa. A educadora pediu-me que introduzisse a peça preta do material Cuisenaire.

Sentei as crianças e distribui o Cuisenaire pelas mesas. Comecei por rever as peças já conhecidas e pedi que construíssem a escada, por ordem crescente, até à peça que conheciam.

De seguida, ditei uma situação problemática em que o resultado dava 7 unidades. Pedi às crianças que descobrissem qual a peça que cabia por baixo das duas peças escolhidas nos dados do problema. As crianças descobriram que era a peça verde. Seguidamente, realizei outra situação problemática, em que também teriam que descobrir a peça que cabia, dando novamente 7 unidades (peça preta).

Por fim pedi que construíssem novamente a escada, por ordem crescente, mas colocando agora também a peça aprendida.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nos primeiros contactos com o material Cuisenaire, é essencial que a criança vá memorizando progressivamente o valor e a cor das peças. Segundo Alsina (2004), as crianças devem “memorizar o valor de cada barra, já que é importante que se habituem a nomear as barras não pela cor, mas sim pelo seu valor” (p.35)

Nesta aula pude introduzir uma nova peça. Realizei exercícios em que a criança teria que descobrir a cor da peça e, conseqüentemente, o seu valor. Caldeira (2009) afirma que “nas actividades onde as crianças identificam tamanhos e a ordem das peças, estão a “trabalhar” a memória, a ordenação, o conceito da cor e do número.” (p.130)

### **Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012**

Neste dia uma das minhas colegas de estágio deu aula assistida pelas supervisoras da Prática Pedagógica.

O tema da aula da minha colega foi o Coala.

Começou por sentar as crianças nas mesas e distribuir o material Cuisenaire. Colou uma folha de papel de cenário na parede, onde tinha desenhado quadrículas. O objetivo era encontrar o caminho do coala até à árvore. Foi ditando as peças que queria e em que posição e as crianças iam fazendo, numa folha quadriculada, no seu lugar.

De seguida levou as crianças para o ginásio, onde tinha montado uma pequena tenda funcionando como tela para o *powerpoint*. Sentou as crianças no chão e leu-lhes a história “A que sabe a Lua”, alterando um dos animais para o Coala. À medida que ia lendo a história, ia montando a sequência dos animais num placar com a colaboração dos alunos.

Por fim, mostrou uma apresentação em *powerpoint* com imagens de coalas. Explorou as várias características deste animal marsupial e mostrou vídeos.

A manhã terminou com a reunião de estágio, onde se refletiu sobre as aulas decorridas nessa manhã.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A turma dos 4 anos tem um “passaporte”, onde constam algumas informações sobre a criança, e onde se encontra o seu nome escrito, de forma a que as crianças copiem o seu nome para os trabalhos.

A educadora dá sempre esse tempo para que as crianças escrevam o seu nome, o que penso ser uma atitude bastante positiva, pois as crianças vão aprendendo a escrever o seu nome, o que de acordo com as OCEPE (2009) “aprender a escrever o seu nome , (...) tem um sentido afectivo para a criança”, para além disso “permite fazer comparações entre letras.”(p.69). As OCEPE (2009) referem ainda que “as primeiras imitações que a criança faz do código escrito vão-se tornando progressivamente mais próximas do modelo.” (p.69), sendo portanto muito adequadas estratégias como esta, de incentivar a escrita, nas crianças.

Neste dia, a minha colega proporcionou esta prática, mais uma vez, às crianças, o que foi pertinente, pois cabe ao educador estimular e proporcionar momentos que devem “ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito.” (p.69)



### **Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012**

Neste dia a Educadora iniciou a manhã com as crianças, sentando-as em círculo e pedindo que cada uma delas falasse do que tinha feito no fim-de-semana.

De seguida, dirigimo-nos para a biblioteca, onde eu e a minha colega de estágio demos uma aula extra sobre a girafa. Apresentámos um *powerpoint* para abordar todas as características deste animal e, de seguida, realizámos um atividade que consistia em estampar as mãos das crianças numa girafa desenhada em papel de cenário.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo as OCEPE (2009) “a aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objectivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as condições para que as crianças aprendam.” (p.66). Nesta manhã de estágio achei muito pertinente que a educadora tivesse proposto aquele tempo para conversa com os alunos, criando estas condições necessárias à aprendizagem das crianças. Deu tempo para que todos os meninos tivessem oportunidade de falar o que considero importante na Educação Pré-Escolar, pois tal como referem Sim – Sim, Silva e Nunes (2008) “as trocas verbais com a criança, e na sua presença, activam a capacidade inata para a linguagem e permitem que o seu aprendiz de falante vá construindo o seu próprio conhecimento sobre a língua materna.” (p.12)

### **Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012**

Neste dia a Educadora trabalhou o material Palhinhas com as crianças. Começou por trabalhar a subtração e o sinal da subtração, usando as palhinhas juntamente com algarismos móveis. De seguida realizou algumas situações Problemáticas, usando também os ferrinhos para dinamizar a sua aula batendo nos ferrinhos o número de vezes necessárias para a indicação dos dados da situação problemática que estava a ditar. Trabalhou ainda sequências numéricas por ordem crescente e decrescente.

Após o recreio, a educadora sentou as crianças no chão e leu-lhes a história “Poppy a fada dos dentes”, realizando algumas perguntas, de seguida, às crianças sobre a substituição da sua dentição, apelando à imaginação da fada dos dentes.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O uso de materiais manipulativos é muito pertinente para a construção de noções Matemáticas para a criança, pois é uma forma de motivar os alunos tornando as aulas mais dinâmicas e estimulantes para os alunos. Nas OCEPE (2009) podemos ver referido que “há materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções Matemáticas (...)” (p.76)

As palhinhas são um ótimo material para trabalhar com as crianças pois para além de funcionarem tal como afirma Caldeira (2009) “como suporte à contagem” (p.317), quando associados a algarismos móveis, permitem concretizar diversas operações e situações problemáticas pois “as capacidades operativas das crianças emergem no período pré-escolar”(p.332)

### **Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012**

Neste dia de estágio, assisti à aula de um colega de 3.º ano. Deu aula de Conhecimento do Mundo e o seu tema era o Ornitorrinco.

As crianças estavam sentadas nas cadeiras e o meu colega mostrou-lhes uma apresentação em *powerpoint*.

No fim distribuiu peças de puzzle em cada mesa e, de seguida, pediu que, em grupos, os construíssem.

Após o intervalo, foi solicitada uma aula surpresa a uma das minhas colegas de estágio. Pediu-lhe que trabalhasse noções espaciais com imagens.

Entregou uma folha branca a cada um e um grupo de imagens iguais a cada uma das crianças. Foi pedindo que colocassem uma imagem no canto superior direito, outra no esquerdo, ao centro, entre outros.

## **4.<sup>a</sup> Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012. Este momento de estágio decorreu na sala do 2.º ano, referente às crianças na faixa etária dos 7 anos de idade.

### **1.4.1. Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Professora titular da turma e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

A turma do 2.º ano é composta por 28 alunos, sendo que 12 correspondem ao género feminino e 16 ao género masculino. São alunos que já frequentam o Jardim-Escola desde os 3 anos, salvo uma aluna que entrou apenas no 2.º ano de escolaridade. Deste modo, são alunos que se conhecem muito bem e que possuem vários interesses em comum, partilhando mesmo atividades fora do ambiente escolar.

É uma turma que, no geral, apresenta um bom ritmo de aprendizagem, com alunos motivados e participativos, quer oralmente, quer nas diferentes atividades que lhes são propostas diariamente. Isto deve-se em grande parte, ao facto de já terem uma frequência de pré-escolar, que lhes fornece os pré-requisitos essenciais para um bom progresso a nível escolar.

Há, no entanto, cinco alunos que, a nível de trabalho escrito, apresentam ritmos diferentes, pois são mais vagarosas na concretização dos mesmos, muitas vezes, não por não saberem realizá-las, mas porque se distraem facilmente. Incluída neste grupo está uma aluna que apresenta dificuldades ao nível do cálculo mental, a qual é merecedora de atenção especial e que, por vezes, requer um trabalho individualizado e acompanhado pela presença de um adulto. Três alunos apresentam dificuldades ao nível da linguagem e, consequentemente, ao nível da escrita. Um frequenta sessões de terapia da fala e dois alunos apresentam um quadro de dislexia, não sendo no entanto acompanhados segundo informações da professora titular.

### **1.4.2 Caracterização do espaço**

A sala do 2.º ano é uma sala com pouco espaço amplo, tendo pouco espaço entre mesas.

É uma sala com bastante luminosidade, visto que possui três grandes janelas que dão para a parte exterior, onde se situa o recreio.

Os alunos, que se encontram sentados nas filas centrais da sala, estão sentados a pares, ao contrário dos que estão sentados nas pontas.

Esta sala está dotada apenas de um quadro de giz, ao lado do qual está a secretária da professora da turma.

Atrás das mesas dos alunos estão os cabides, onde os alunos penduram os seus pertences, bem como um armário onde a professora guarda o seu material.

### 1.4.3 Horário da turma

Quadro 6 – Horário do 2.º ano de escolaridade

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>Recreio</b>					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática (materiais)
13h – 14h30	<b>Almoço e recreio</b>				
14h30 – 15h20	Exp. Plástica	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo acompanhado	Estudo do Meio
15h20 – 16h10	Hora do conto	Ed. Física	Formação Cívica	Área Projeto	Assembleia de turma
16h10 – 17h	Inglês	Biblioteca	Computador	Música	Arrumação de trabalhos
<b>Saída</b>					

#### **1.4.4. Rotinas**

Durante o dia escolar, as crianças são confrontadas com diversas rotinas, que estabelecem o decorrer de um dia normal de aulas.

Segundo Hohmann e Weikart (2009) “a rotina diária oferece uma estrutura para os acontecimentos do dia.”(p.224) ou seja consiste em “segmentos de tempo específicos correspondentes a certas actividades” tais como “participarem em actividades de grupo, para brincarem no recreio, para comerem, para descansarem”.(p.224)

No geral, as rotinas desta turma são comuns a todos os outros anos de escolaridade do 1.º ciclo do Ensino Básico. Estas correspondem ao acolhimento no ginásio, os momentos de recreio, a higiene diária (idas às casa de banho) e as refeições.

#### **Acolhimento no ginásio**

Após a chegada ao Jardim-Escola, pela manhã, os alunos dirigem-se para o ginásio, onde se reúnem todas as turmas e onde executam jogos e conversam entre eles. Às 9 horas, os alunos dirigem-se para a sua sala de aula juntamente com os seus colegas e a professora titular da turma.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Como referido anteriormente, durante este tempo que antecede a ida para a sala de aula, os alunos interagem mais uns com os outros e têm ainda a oportunidade de realizar jogos.

É importante que existam estes momentos de grande grupo entre as crianças, tal como refere Zabalza (1998), que diz que “é importante que exista um espaço onde possam ser realizadas tarefas conjuntas de todo o grupo (...)” (p.50). Nestes momentos privilegia-se a comunicação entre pares e uma maior coesão do grupo.

Nestes momentos, os alunos realizam os seus jogos e brincadeiras.

Rabinovich (2007) afirma que “o jogo (...) é considerado a principal estratégia para efetivação do trabalho corporal, pois os jogos e brincadeiras são considerados como atividades próprias das crianças, pois se mantêm espontâneas e lúdicas.” (p.52)

O mesmo autor refere ainda que:

os jogos e brincadeiras trazem a oportunidade de aprendizagens sociais, em que a criança desenvolve espírito de grupo e, conhecendo

seus limites e potencialidades, bem como a de seus colegas, podendo, assim, apropriar-se progressivamente da imagem global do seu corpo, conhecendo e identificando as suas diferentes partes. (p.76)

### **Higiene**

Dentro das rotinas das crianças estão inseridos vários momentos de higiene. Estes momentos consistem nas várias idas à casa de banho, seja no período da manhã antes de se dirigirem para a sala, bem como antes e depois das refeições e depois do momento de recreio.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

É importante com a imposição desta rotina que se tente transmitir às crianças a importância de este tipo de atitudes, visando uma melhor higiene e como tal promoção de saúde. Segundo Cordeiro (2008):

(...) é bom que, paralelamente a uma aprendizagem das regras de lavagem, por forma a que sejam instintivas, se faça também ver às crianças que não se trata de um «frete» a fazer aos pais, ou um bilhete para poder ir para a mesa, mas sim uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida. (p.106)

Como tal, cabe ao professor a tarefa de alertar os seus alunos e sensibilizá-los para este facto.

### **Recreio**

Durante o dia escolar, as crianças possuem dois momentos de recreio. Um, durante o período da manhã e o outro, depois do almoço.

Durante o período da manhã, os alunos comem um pequeno lanche matinal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os momentos de recreio revestem-se de grande importância, pois é o momento em que as crianças estão livres e predispostas à socialização com os seus colegas. Hohmann e Weikart (2009) afirmam que os tempos no recreio permitem “às crianças brincarem juntas, inventarem os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis.” (p.231).

Constitui um momento de grande relaxamento para os alunos, que lhes permite descansar e, ao mesmo tempo, exercitar o corpo praticando jogos, brincadeiras e atividades expansivas, sendo que constitui um momento do dia “destinado à brincadeira física, vigorosa, barulhenta” (p. 231)

### **Refeições**

Tal como se pode evidenciar no horário da turma, todos os dias as crianças dirigem-se para o refeitório às 13horas, onde decorre o almoço, juntamente com os colegas de outras turmas de 1.º Ciclo.

Durante a refeição os alunos são supervisionados por uma professora.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Uma alimentação equilibrada e saudável contribui, na sua grande maioria, para um bem estar geral e para a promoção da saúde. Tal como refere Baptista (2006) “verifica-se que a alimentação tem consequências directas na saúde global do indivíduo.” (p.7) e como tal, “cabe à escola a responsabilidade acrescida de oferecer refeições saudáveis, equilibradas e seguras, que ajudem a preencher as necessidades nutricionais dos jovens.” (p.24) pois, “é na escola que os jovens passam um elevado número de horas, sendo portanto aí que ingerem uma parte substancial de alimentos.”(p.7).

Para Hohmann e Weikart os momentos de refeição (2009) são “períodos para as crianças (...) apreciarem comida saudável num contexto social” (p. 232). Para além de se alimentarem de uma forma saudável, os alunos podem ainda desfrutar de um momento de socialização; tal como afirma Baptista (2006) “o refeitório permite um momento de convívio muito importante, pois reforça laços afectivos”. Estes laços podem ser criados entre colegas, mas também com professores e estagiárias.

#### **1.4.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.**

##### **Segunda-feira, 5 de março de 2012**

Neste dia, a professora começou por corrigir os trabalhos de casa no quadro.

Quando todos os meninos chegaram, a professora distribuiu uns exercícios da prova de Matemática, já feita, para que os alunos os voltassem a

realizar, visto que tinham manifestado algumas dificuldades na realização dos mesmos durante a prova.

Enquanto os alunos resolveram esses mesmos exercícios, eu e a minha colega de estágio corrigimos os trabalhos de casa dos alunos a pedido da professora da turma.

Antes do recreio realizaram ainda alguns exercícios com subtração e respetiva prova dos nove.

Após o recreio, a professora entregou as provas de Língua Portuguesa e pediu a leitura do texto da prova por diálogo, sendo que atribuiu cada personagem a um aluno. De seguida, realizou alguns exercícios de Conhecimento explícito da língua, oralmente em conjunto com os alunos e, depois, estes realizaram-nos individualmente no seu lugar.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Achei pertinente o facto da professora ter voltado a explicar os exercícios aos seus alunos, tendo em conta as dificuldades manifestadas.

É competência do professor detetar os erros dos alunos e encontrar estratégias que os levem a corrigir os seus erros e, conseqüentemente, a superar as suas dificuldades.

Segundo Estanqueiro (2010), “a correcção ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades, a verificar o que fez bem e o que fez mal” (p.95).

Depois de identificadas as dificuldades, o aluno deve tentar superá-las.

Segundo Meirieu (1998) depois da identificação do erro, o aluno “resolve de novo o exercício para verificar se conseguiu melhorar o seu desempenho e fá-lo-á tantas vezes quantas as necessárias para ter a certeza de que o obstáculo foi ultrapassado” (p.83). Esta é uma boa estratégia que visa o objetivo de superar os erros dos alunos. O mesmo autor refere ainda que “nada é mais precioso do que os testes mal feitos (...). São eles que permitem compreender o erro e, portanto, progredir.” (p.84).

É portanto necessário que o aluno compreenda o erro cometido e que o corrija, para que dessa forma evolua e aprenda a fazer melhor.



### **Terça-feira, 6 de março de 2012**

A professora começou o dia realizando operações no quadro com os alunos, enquanto esperou que chegassem os alunos que faltavam.

Quando a turma ficou completa, a professora iniciou uma aula sobre a família de palavras, começando por escrever o tema da aula no quadro. De seguida, perguntou a alguns alunos com qual dos membros da sua família é que eram parecidos, perguntando depois qual a relação desta pergunta ao tema da aula escrito no quadro.

Como continuação da sua aula explicou a família de palavras através de um exemplo no quadro. Exemplo este que os alunos copiaram para uma folha de linhas. Nesta mesma folha colaram a dobragem do barco feita por eles, servindo para fazerem a família de palavras da palavra “barco”.

Por fim, realizou um ditado de palavras que consistia em escrever essas mesmas palavras dentro da imagem correspondente.

Após o intervalo, distribuiu imagens recortadas de uma revista com preços e escreveu uma situação problemática, envolvendo troco ou dinheiro em falta. Cada um dos alunos teve que realizar a situação problemática com o preço referido na sua imagem. Antes da aula terminar, a professora ditou ainda outra situação problemática para trabalhar o sistema monetário e a adição.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã de aulas achei interessante a professora ter utilizado uma dobragem para a sua aula sobre o campo lexical. É necessário que, no decorrer do ano escolar, os alunos tenham oportunidade de executar esse tipo de atividades, muitas vezes ligadas às áreas da Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Segundo o Ministério da Educação (2004), “durante o 1.º ciclo as crianças deverão, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas, alargando o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas.” (p.95)

Segundo Ministério da Educação (2004), um dos objetivos da exploração de técnicas diversas de expressão é “fazer dobragens”(p.95)

As tarefas que o professor propõe ao aluno devem despertar o seu interesse, por isso, é necessário que o professor adote diferentes estratégias e formas de propor trabalho aos seus alunos.

### **Sexta-feira, 9 março de 2012**

Nesta manhã de estágio, os alunos trabalharam com o material Calculadores Multibásicos.

Fizeram um comboio para ir buscar o material ao salão e, quando chegaram à sala, distribuíram uma caixa para cada menino.

A professora ditou as peças a colocar na primeira e na segunda placa e, de seguida, pediu a um dos seus alunos que inventasse uma situação problemática, utilizando uma adição. Após o aluno ter inventado essa situação problemática, os alunos realizaram-na nas suas placas dos Calculadores.

Realizaram mais algumas situações problemáticas envolvendo adições e subtrações e as respetivas provas dos nove. A professora voltou a rever a forma como se realizam estas provas. Por fim arrumaram o material e numa folha quadriculada treinaram a mesma em relação à adição.

A professora desenhou no quadro alguns ângulos com as respetivas amplitudes e, em seguida, perguntou aos alunos o nome de cada ângulo representado no quadro, pedindo-lhes que fossem escrever esses mesmos nomes ao quadro.

Por fim, escreveu um apontamento no quadro com as regras da prova dos nove da adição para os alunos passarem para a folha, bem como alguns exercícios para resolverem.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia é de ressaltar a utilização de um apontamento no quadro feito pela professora, com o intuito de consolidar uma matéria aprendida. Esta estratégia de consolidação tem inúmeras vantagens. Permite aos alunos uma melhor absorção da matéria aprendida, o treino da escrita e, para além disso, facilita o estudo em casa.

É necessário que os alunos consolidem os conteúdos aprendidos, através de um apontamento/esquema, mas também através da frequente prática de exercícios.

De acordo com Perrenoud (1995):

uma vez as noções introduzidas, os alunos são convidados a fazer exercícios, por vezes oralmente, muitas vezes por escrito, a partir de instruções ditadas, escritas no quadro ou impressas em manuais ou cadernos de exercícios. Lições e exercícios combinam-se em proporções variáveis para cobrirem as noções constitutivas de um capítulo do plano de estudos.(p.121)

No entanto, é de ressaltar que a prática dos conteúdos aprendidos não se deve restringir apenas à realização de exercícios escritos, o que torna a aprendizagem monótona. Esta prática deve ser equilibrada e doseada com outras atividades mais apelativas e dinâmicas.

### **Segunda-feira, 12 de março de 2012**

Nesta manhã de aulas, os alunos começaram por realizar um exercício caligráfico para avaliação.

De seguida, a professora passou alguns exercícios de conhecimento explícito da língua sobre pronomes, verbos e adjetivos no quadro, para que os alunos resolvessem no seu lugar. Eu e a minha colega de estágio fomos ajudando alguns meninos na realização destes mesmos exercícios.

Após o recreio, um aluno distribuiu folhas de papel quadriculado, onde realizaram alguns exercícios de Matemática, que consistiam em elaborar situações problemáticas a partir de dados escritos no quadro.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Morgado (1993) “uma das principais finalidades de todo o ensino da Matemática, no 1.º ciclo do Ensino Básico, é conduzir os alunos, através da utilização das operações aritméticas, a resolverem problemas com os quais se podem confrontar na vida diária.”(p.70). Nesta manhã de aulas, os alunos resolveram algumas situações problemáticas através das operações aritméticas. Esta prática está bastante marcada no dia-a-dia dos alunos, sendo proveitosa na medida em que leva os alunos ao raciocínio e à procura de soluções.

No entanto, é de salientar nesta manhã a formulação de situações problemáticas, proposta pela professora aos seus alunos. Silver (1994) citado por Caldeira (2009), descreve que a formulação de problemas “consiste na criação de um problema novo ou como a reformulação de determinados problemas apresentados para os estudantes.”(p.121). Esta atividade permite à criança interpretar os dados, desenvolver a sua capacidade criativa e ainda desenvolver vários processos matemáticos.

### **Terça-feira, 13 de março de 2012**

Nesta manhã de estágio, os alunos realizaram a prova de Língua Portuguesa. Durante a prova, circulei na sala e ajudei na leitura de algumas perguntas.

Após o recreio, eu e a minha colega de estágio fizemos, em computador, o trabalho para o dia do pai, que iria ser publicado no jornal da escola, bem como fichas de português e Matemática. Enquanto isto, os alunos corrigiram, em conjunto com a professora, os exercícios de Matemática feitos no dia anterior, assim como as revisões para a prova de Matemática.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante o ano escolar, os alunos são confrontados com alguns momentos de avaliação, sendo que os mais frequentes são os testes.

Segundo a Association Psychotéchnique Internationale, citada por Bartolomeis (1999), um teste é “uma prova particular, que implica a execução de um exercício idêntico para todos os sujeitos examinados, com uma técnica precisa para a avaliação do resultado.” (p.54)

Os testes são instrumentos de trabalho para um professor, na medida em que permitem fazer uma avaliação dos seus alunos, conseguindo detetar os conteúdos em que estes apresentam mais ou menos dificuldades. Estes permitem ainda fornecer aos pais dados mais específicos do desempenho escolar dos seus educandos, e ainda tal como afirma Perrenoud (1995) “permite ao professor “voltar a página” e abordar um novo capítulo do programa.”(p.121)

Tal como já referido anteriormente, os testes são o instrumento de avaliação visto serem os que mais frequentemente são utilizados. Estanqueiro (2010) explica esse facto referindo que “os testes são geralmente considerados como o instrumento mais objectivo, mais simples e mais rápido de recolher informações sobre a aprendizagem de cada aluno” (p. 93), pois, para o mesmo autor, um dos objetivos do professor “é cumprir o dever profissional de atribuir classificações, no final de um período ou do ano lectivo.” (p. 83)

### **Sexta-feira, 16 de março de 2012**

A professora começou o dia conversando com os seus alunos sobre a prova de Matemática feita no dia anterior.

De seguida, pediu a todos uma composição alusiva ao dia do pai e, à medida que iam terminando, iam lendo em voz alta um texto do manual por forma a treinar a leitura.

Após toda a turma terminar a composição, a professora passou no quadro exercícios do conhecimento explícito da língua, para que as crianças os resolvessem no seu lugar.

Terminado o recreio, as crianças foram para a sala, onde trabalharam com o material pentaminós, a pares.

A professora trabalhou áreas e perímetros com este material, levando a que os alunos percebessem que as áreas seriam sempre iguais, mas o perímetro não.

No fim, distribuiu uma folha onde tinham um esquema de dois desenhos que teriam que executar com os pentaminós.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã de estágio pude observar uma aula na área da Matemática com o recurso a um material estruturado ainda não visto durante o meu percurso. Este material denomina-se Pentaminós

Este material é composto por 12 peças diferentes entre si, mas com a particularidade de todas serem formadas por 5 quadrados unidos. Este material deriva de um outro, denominado Poliminós. Segundo Caldeira (2009) “os póliminós são figuras formadas pela união de quadrados congruentes através da justaposição dos lados.”(p.423) Este material permite desenvolver “o raciocínio lógico-educativo através de diversas actividades”(p.423).

Nesta aula, a professora trabalhou com os seus alunos os conteúdos de perímetro e áreas, pois, tal como afirma Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010) “os Pentaminós constituem um material didáctico que permite compreender os conceitos de área e perímetro fazendo distinção entre eles, através da composição e decomposição de figuras geométricos.” (p.120), sendo estes os conteúdos principais trabalhados pela professora com os alunos, nesta manhã de aula.

### **Segunda-feira, 19 de março de 2012**

Esta manhã de aulas iniciou-se com a correção do trabalho de casa dos alunos enquanto esperavam que os restantes chegassem. Depois, a professora

solicitou-nos que corrigíssemos o trabalho de casa, enquanto os alunos realizavam a prova de Estudo do Meio.

Enquanto os alunos executavam a prova, eu e a minha colega de estágio ajudámos também a professora a fazer um Tangram para cada menino em cartolina.

Após o recreio, a professora passou exercícios de leitura de números no quadro, para as crianças realizarem no lugar.

Por fim, realizaram uma cópia de um texto do manual de Língua Portuguesa.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante o período escolar pude verificar que alguns professores mandam trabalhos de casa aos seus alunos.

Os trabalhos de casa são um aspeto ainda muito controverso pois, se para alguns, os trabalhos de casa são importantes na medida em que responsabilizam o aluno e ajudam-no a estudar, outros acham que não se deve exigir demais dos alunos.

Meirieu (1998) defende que “os trabalhos de casa são sempre necessários; poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objectivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal.” (p.14)

Deve ser inculcado na criança a autonomia no seu estudo pessoal, e a vontade própria de ser responsável e interessado no trabalho.

### **Terça-feira, 20 de março de 2012**

Nesta dia de estágio os alunos tiveram uma visita de estudo ao Teatro Politeama para verem a peça de teatro “O Pinóquio”.

Antes de partirem para o autocarro e, enquanto esperavam que todas as crianças chegassem, efetuaram algumas divisões com dois algarismos no divisor no quadro.

Quando chegou a hora marcada, os alunos formaram um comboio e dirigiram-se para ao autocarro.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Almeida (1994) o teatro é “das coisas mais benéficas e aliciantes para os alunos.”(p.15). No geral, as crianças aderem de uma forma bastante motivadora, a esta forma de arte. Como tal é necessário que a escola promova este tipo de visitas de estudo, pois segundo Bastos (1999) “ir com a escola ao teatro será talvez a única experiência enquanto espectador dessa forma de arte”(p.235).

### **Sexta-feira, 23 de março de 2012**

Nesta manhã, e por ser o último dia de escola antes das férias da Páscoa, os alunos tiveram mais tempo livre para brincar.

Começaram por fazer uns tapetes com tiras de papel de cor, sendo que eu e a minha colega de estágio fomos ajudando os alunos a montarem os seus tapetes.

Após a construção dos tapetes, a professora deixou que os alunos pudessem brincar ou realizar um desenho. Durante este tempo, eu e a minha colega de estágio pudemos interagir mais com as crianças, ensinando-as a fazer harmónios com as tiras de papel de cor e conversando com elas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Este dia permitiu uma maior proximidade com as crianças. Criou-se oportunidade de estabelecer uma maior interação e uma melhor comunicação entre estagiárias e alunos.

Pude conversar com as crianças, ouvir algumas das suas vivências, privilegiando-se neste momento a comunicação. Segundo Vieira (2000) “a relação pedagógica é tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno.”(p.9), sendo que o mesmo autor considera “a comunicação o principal pilar de estabelecimento de uma boa relação pedagógica”(p.9)

Considero pertinente e importante o estabelecimento de uma boa relação com os alunos, pois é mais motivador e estimulante para nós, estagiárias, o decorrer do período de estágio e o ultrapassar das dificuldades. Para além disso, é muito gratificante, ver o entusiasmo das mesmas em participar nas nossas aulas e a sua preocupação em relação a nós.

### **Terça-feira, 10 abril de 2012**

Neste dia de estágio, a professora começou por escrever algumas operações de dividir no quadro, para os alunos realizarem.

A professora pediu que corrigíssemos as operações feitas pelos alunos nas férias, enquanto passava exercícios, no quadro, de conhecimento explícito da língua para os alunos realizarem no seu lugar. De seguida, as crianças fizeram um exercício ortográfico e, enquanto isso, eu e a minha colega de estágio fomos recortando imagens de revistas a pedido da professora.

Terminado o recreio, os alunos realizaram exercícios de Matemática.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Ao longo deste período de estágio verifiquei que diariamente os alunos realizam operações como forma de treino das mesmas. Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) “o conhecimento dos números e das operações constitui um saber indispensável ao dia a dia dos alunos.” (p.46). No entanto, não se deve dar apenas relevância à execução dos algoritmos por si só, como uma rotina repetitiva sem motivo aparente. Os mesmos autores referem que:

o ensino dos números e das operações na educação básica não deve visar a aquisição de um conjunto de técnicas rotineiras mas sim uma aprendizagem significativa ligada a uma compreensão relacional das propriedades dos números e das operações. Não basta aprender procedimentos; é necessário transformá-los em instrumentos de pensamento. (p.47)

É necessário que os alunos interiorizem que os algoritmos compreendem uma ferramenta de resolução de problemas e que, como tal, é importante o seu treino isolado, mas também que sejam integrados em situações concretas que exijam uma maior compreensão e pensamento por parte dos alunos.

Para além disso, é importante que os alunos adquiram as competências necessárias não só à concretização das operações, mas também do cálculo mental. Abrantes et al. (1999) referem que “no que diz respeito ao cálculo, à realização dos algoritmos das operações com papel e lápis é preciso acrescentar a competência para efectuar cálculos mentalmente” (p. 21).

Doses equilibradas de prática de algoritmos, sendo que associados a situações concretas, ajudam no desenvolvimento cálculo mental. Ambas as competências são indispensáveis para o desenvolvimento dos alunos.



### **Sexta-feira, 13 de abril de 2012**

A manhã de aulas foi dada por uma das minhas colegas de estágio.

No quadro, desenhou um triângulo, um retângulo e um quadrado perguntando aos alunos as diferenças entre estas figuras geométricas.

Depois, pediu que abrissem o livro feito por ela, onde se encontravam todas as atividades a realizar durante a manhã de aula, para que lessem a definição de perímetro.

Após a explicação da definição de perímetro, apresentou a fórmula do cálculo do perímetro do quadrado e seguidamente pediu que, com palitos completassem um dos lados do quadrado, fazendo a seguir o cálculo do seu perímetro.

Realizou este mesmo tipo de exercícios utilizando outros objetos, tais como palhas, canetas e as palmas das mãos como unidades de medida. Sempre que indicava que medissem uma figura com um determinado objeto, pedia que realizassem também o cálculo do perímetro no quadro.

Por fim, realizou uma proposta de trabalho, que consistia em calcular o perímetro de figuras geométricas.

Na área de Língua Portuguesa trabalhou a derivação de palavras começando por falar de palavra “mãe” ou radical com a palavra “tinta” no quadro. Seguidamente, juntou a este radical o sufixo formando a palavra “tinteiro” e, desta forma, abordou o conceito de afixos explicando assim a derivação por sufixação e por prefixação.

Na área de Estudo do Meio mostrou uma apresentação em *powerpoint* em que sustentou, com imagens, algumas das características do animal canguru. Abordou o seu revestimento corporal, a sua reprodução, alimentação e deslocação. De seguida, mostrou dois vídeos, onde se podia visualizar algumas dessas mesmas características abordadas anteriormente e, por fim, realizaram o bilhete de identidade deste animal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A minha colega utilizou uma apresentação em *powerpoint*, para mostrar aos alunos, com uma melhor precisão, as características do animal em questão.

Segundo Botelho (2009) as Tecnologias de Informação e Comunicação podem “ser um excelente instrumento educativo” (p. 114). É um utensílio utilizado como opção à rotina, o que torna as aulas mais interessantes.

É bastante evidente nestas aulas o entusiasmo dos alunos por estes temas, sentindo-se mais motivados para a aprendizagem. Segundo Estanqueiro

(2010) "um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimídia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo."(p.37)

Na minha opinião, o *powerpoint* estava apelativo, bem como as imagens onde estavam bem evidenciadas as características do canguru. Spodek e Saracho (1998) referem que "as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante" (p. 335).

Por fim, a utilização das TIC nas aulas tem um papel bastante preponderante, pois, para além de motivar os alunos, permite-nos trazer para dentro da sala, de uma forma mais real, situações que não poderão ser vivenciadas no concerto como o caso da aula da minha colega, que incidiu num animal selvagem.

### **Segunda-feira, 16 de abril de 2012**

Neste dia, foi uma das minhas colegas de estágio a dar a manhã de aulas.

A minha colega começou por levar os alunos para o coreto do recreio, onde formou um círculo com alguns dos alunos e, com os restantes, delimitou o raio e o diâmetro deste círculo.

De seguida, levou-os novamente para a sala, onde abordou novamente o conceito de raio e de diâmetro utilizando o quadro de giz. Para terminar a aula da área de Matemática, realizou uma atividade com os alunos, que consistia em carimbar com vários objetos, tais como rolos de papel higiénico, tampas entre outros, formando circunferências. Nestas circunferências teriam que marcar com lá o raio e o diâmetro.

Na área de Língua Portuguesa, começou por ler um texto solicitando depois a leitura dos alunos. De seguida, escreveu uma frase no quadro, a partir da qual explicou o Grupo Nominal e o Grupo Verbal.

Na área de Estudo do Meio, começou por dividir a turma em quatro grupos. De seguida, distribuiu o material e passou à explicação do que consistia a experiência. A experiência consistia na colocação de pedaços de folha esmagados com um almofariz, num frasco com álcool, verificando assim, a presença da clorofila nas plantas, que conferiu a cor verde ao líquido.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Perrenoud (2000) “a escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz é uma tábua rasa, uma mente vazia.”(p.28)

O que é facto, é que os alunos quando chegam à escola não estão desprovidos de saberes e ideias. Estes vão construindo conhecimentos ao longo da sua vivência e que lhe foram satisfazendo as dúvidas do dia-a-dia. Estes conhecimentos prévios dos alunos designam-se, segundo o mesmo autor, como “concepções dos aprendizes.”(p.28)

Cachapuz (1995), citado por Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2007), refere que as concepções alternativas são “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.” (pp. 28-29) As concepções alternativas são ideias formadas pelos alunos através das quais o aluno procura dar resposta aos seus porquês, atribuindo um significado próprio aos acontecimentos do quotidiano.

Segundo Perrenoud (1999) o professor deve “trabalhar a partir das concepções dos alunos, dialogar com eles, fazer com que sejam avaliadas para aproximá-las dos conhecimentos científicos a serem ensinados”(p.29)

Cabe, portanto, ao professor não destruir estes conhecimentos por completo, mas sim aproveitá-los para a formação de novos conhecimentos científicos.

Nesta aula experimental, observada por mim durante a manhã, pude verificar que a minha colega se demonstrou preocupada em determinar as concepções alternativas dos alunos, e daí partir para a sua explicação e orientar os alunos na construção de um novo conhecimento.

### **Terça-feira, 17 de abril de 2012**

Nesta manhã de estágio, a manhã de aulas foi dada por mim.

O tema principal da minha aula foi a polinização direta e indireta. Comecei por trabalhar a área da Matemática, onde abordei a multiplicação por 10, 100 e 1000. Como estratégia para esta aula, expus no quadro indicações de multiplicações por 10, 100 e 1000, sendo que estavam diferenciadas por três cores diferentes. Pedi aos alunos que observassem essas mesmas indicações e que me fossem dizendo quais as diferenças e semelhanças entre estas

indicações. Após a exploração destas indicações, concluímos qual o processo de cálculo mental que devemos fazer nestas multiplicações.

Na área de Língua Portuguesa, comecei por relembrar os constituintes da frase, já conhecidos. De seguida, escrevi uma frase no quadro, na qual pedi aos alunos que identificassem o grupo nominal e verbal da mesma. Depois, distribuí um envelope onde se encontrava uma frase dividida pelos seus constituintes e pedi aos alunos que formassem uma frase. Por fim, pedi a alguns alunos que lessem a frase formada, de forma a que verificassem que o grupo móvel da frase se pode colocar em vários sítios da mesma.

Antes de iniciar a aula da área de Estudo do Meio, dei ainda outros exemplos no quadro de frases, em que os alunos tiveram que identificar o grupo móvel de cada uma delas.

Após o recreio, comecei por cativar a atenção dos alunos através de uma adivinha.

De seguida distribuí uma flor por cada dois alunos e deixei que estes a observassem e manipulassem durante algum tempo. Durante este tempo, fui respondendo a algumas questões colocadas pelos alunos e chamei a atenção destes para que observassem os órgãos reprodutores da flor.

Por fim, mostrei uma apresentação em *powerpoint*, essencialmente com imagens, a partir da qual explorei o conceito de polinização e diferenciei polinização direta e indireta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Referente a esta minha manhã de aulas, considero que tenha tido um *feedback* bastante positivo.

Na aula de Matemática privilegiei o cálculo mental das crianças, pois segundo o Ministério da Educação (2004) “no 1.º ciclo deve ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado.”(p.172)

É necessário que o aluno desenvolva a compreensão do sentido do número e desenvolva a destreza mental, que lhe atribua a capacidade de resolver cálculos sem a utilização de papel e caneta, o que se torna fundamental para o dia-a-dia de qualquer pessoa.

Segundo Matos e Serrazina (1996) “a aquisição de destrezas de cálculo mental promove o desenvolvimento da compreensão numérica ao encorajar a

procura de operações mais fáceis baseadas nas propriedades dos números.”  
(p.259)

### **Sexta-feira, 20 de abril de 2012**

Nesta manhã de estágio foi solicitado às minhas colegas de estágio, por um dos membros da equipa de prática pedagógica, que lecionassem uma aula surpresa.

A uma das minhas colegas foi-lhe pedido que trabalhasse com o material Geoplano.

De seguida, foi pedido à minha outra colega que lesse um texto do manual e que, depois, colocasse algumas perguntas de interpretação referentes ao texto e ainda que trabalhasse os adjetivos.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante esta manhã de estágio assisti às aulas das minhas colegas.

Estas aulas são momentos de avaliação presentes neste processo de formação de professores.

Segundo Cunha (2008), entende-se por formação de professores “o processo pelo qual os futuros professores, ou professores em exercício, se preparam para desenvolver a função de docência. É considerado ainda como um conjunto de medidas que visam facilitar aos futuros professores o “aprender” a “ensinar” (p. 100)

É importante que o aluno esteja predisposto a ouvir e a refletir sobre as suas práticas de forma a melhorar. Durante a formação, é importante que os estagiários saibam aprender, interpretar e relacionar o *feedback obtido* e utilizá-lo para perceber como melhorar as suas aprendizagens. (Fernandes, 2005, p.83)

As reuniões são ótimos momentos para isso mesmo, ou seja, para juntamente com a equipa de supervisão, falarmos das nossas aulas com o intuito de sempre aprender mais.

Considero que estas aulas são momentos marcantes na formação de qualquer professor e, como tal, é necessário também que se sintam apoiados e ajudados na sua evolução como profissionais.

### **Segunda-feira, 23 de abril de 2012**

Nesta manhã de estágio observei a aula da professora da turma com o material estruturado Calculadores Multibásicos.

Com o recurso a este material, a professora trabalhou as quatro operações aritméticas com os alunos, bem como as respetivas provas. Trabalhou ainda a leitura de números e pediu a alguns dos seus alunos que criassem situações problemáticas, através dos dados fornecidos pela mesma.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã, a professora utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos para trabalhar diversas operações. Segundo Damas et al. (2010), através do material os alunos têm “a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.” (p. 65).

É um material com um enorme potencial no desenvolvimento das competências Matemáticas nas crianças, tais como o processo de realização das operações aritméticas. Ainda de acordo com os mesmos autores “os Calculadores Multibásicos permitem aprofundar a compreensão da essência do número e das quatro operações aritméticas” (p.208). Aharoni (2008), citado por Caldeira (2009), comenta que “é importante a criança perceber dois princípios básicos: o significado as operações e o modo de as calcular. O significado de uma operação baseia-se na sua ligação à realidade.” (p.208)

### **Terça-feira, 24 de abril de 2012**

Nesta manhã de aulas, os alunos começaram por terminar trabalhos de Matemática em atraso. De seguida realizaram uma proposta de trabalho, que consistia em situações problemáticas, cujos dados para a resolução das mesmas se encontravam numa receita de bolo.

Seguidamente, a professora escreveu alguns exercícios de conhecimento explícito da língua no quadro; cujos os alunos passaram e resolveram individualmente no seu lugar.

Após o recreio, os alunos trabalharam com o material 5.º Dom de Froebel. A professora começou por pedir que realizassem a construção da colmeia, de seguida ditou algumas situações problemáticas, envolvendo operações de adição e multiplicação. Efetuou ainda alguns cálculos com frações e perguntou a um aluno o nome da profissão das pessoas que trabalham com abelhas.

Por fim, pediu ainda a construção do poço, explicando mais pausadamente os passos da construção.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã de aulas, a professora usou o material 5.º Dom de Froebel. Este material tal como afirma Caldeira (2009) “é composto por 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois e outros três cubos partidos em quatro quartos” (p.292). Este material permite a construção de uma grande diversidade de construções, a partir das quais se pode explorar diversas competências Matemáticas.

Um dos conteúdos que são de extrema pertinência trabalhar com este material são as frações. Tal como refere Caldeira (2009) “este material permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre números racionais.”(p.302)

A mesma autora refere ainda que “o conceito de unidade e a sua subdivisão em várias partes iguais devem ser realizados com diversos modelos, dinamizando a linguagem oral, estabelecendo conexões com os símbolos.”(p.303)

Com a utilização das peças deste material podemos trabalhar o cálculo de frações e desenvolver o conceito de frações equivalentes.

### **Sexta-feira, 27 de abril de 2012**

Esta manhã de estágio iniciou-se com a realização de operações no quadro.

Após todos os alunos terem chegado, lecionei uma aula extra na área de Língua Portuguesa sobre o campo lexical. Para dar esta aula, realizei um jogo no recreio, que consistia em encontrarem sacos, onde estavam letras móveis que compunham uma palavra, sendo que todas estas palavras pertenciam ao campo lexical da palavra “escola”.

Comecei por dividir a turma em quatro grupos e atribuir um chefe a cada um destes. De seguida, a cada um dos chefes de grupo entreguei um conjunto de quatro adivinhas, através das quais eles iriam achar o local onde estavam os sacos.

Após encontrarem todos os sacos, levei a turma novamente para a sala, onde formaram as palavras encontradas. Todas essas palavras foram escritas

no quadro e por fim, perguntei a um aluno o que é que este conjunto de palavras o fazia lembrar. O aluno respondeu corretamente, indicando-me que aquele conjunto de palavras o fazia lembrar a escola e, a partir deste exemplo, expliquei esta matéria. De seguida, escrevi no quadro um outro exemplo e como consolidação da matéria, apresentei uma proposta de trabalho.

Após o intervalo, a minha colega de estágio deu uma aula extra na área da Matemática trabalhando o material 5.º Dom.

Começou por distribuir o material e relembrar as regras de utilização do mesmo. Seguidamente, pediu aos alunos que construíssem o centro comercial, explicando, passo a passo, a sua construção. Por fim, trabalhou o cálculo de frações bem como situações problemáticas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Na minha aula tentei diversificar a estratégia, levando os alunos à descoberta da matéria a lecionar através de um jogo.

Tal como afirmam Spodek e Saracho (1998) “os professores podem usar jogos para praticar os conteúdos das áreas académicas”(p.223). Os jogos são actividades com uma grande aceitação por parte dos alunos, visto que se apresentam como uma ação fora da rotina do dia-a-dia. Segundo Sanches (2001)“até uma actividade normal se é apresentada com a componente jogo tem logo uma adesão diferente.”(p.57)

Neste jogo os alunos mostraram-se bastante motivados e empenhados, sobretudo por ser um jogo concretizado no exterior da sala de aula. Segundo Spodek e Saracho (1998) “os jogos realizados em grandes espaços abertos encorajam actividades motoras amplas.” (p.127).

São actividades em que os alunos se podem expandir e como tal desenvolver a sua motricidade global.



## **5.ª Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 30 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012. Este momento de estágio decorreu na sala do 1.º ano, referente às crianças na faixa etária dos 6 anos de idade.

### **1.5.1. Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Professora titular da turma e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

Em relação ao ano passado saíram 2 meninas e entrou 1 menino.

A turma do 1.º ano é composta por 28 crianças, 16 do género feminino e 12 do género masculino. Destas crianças, 27 têm 6 anos e uma tem 7 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

### **1.5.2. Caracterização do espaço**

A sala do 1.º ano é uma sala com algum espaço amplo. Tem alguma luminosidade natural por possuir janelas que dão para o recreio. Os alunos estão sentados em quatro filas, sendo que, em três delas, os alunos estão sentados a pares e apenas na fila encostada à parede os alunos estão sentados individualmente.

A sala está dotada de dois quadros de giz e numa das pontas da sala encontra-se a secretária da professora, bem como as prateleiras onde se encontram os dossiês dos alunos e alguns materiais.

Atrás das mesas dos alunos encontram-se os cabides etiquetados com o nome dos mesmos e os *placards* de madeira, onde estão expostos alguns trabalhos das crianças.

### 1.5.3.Horário da turma

Quadro 7 – Horário do 1.º ano de escolaridade

<b>Horas</b>	<b>2ª feira</b>	<b>3ª feira</b>	<b>4ª feira</b>	<b>5ª feira</b>	<b>6ª feira</b>
<b>9h – 10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h – 11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>Recreio</b>					
<b>11h30 – 12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h – 12h50</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Ed. Física	Música	Matemática
<b>13h – 14h30</b>	<b>Almoço e recreio</b>				
<b>14h30 – 15h20</b>	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Ex. Plástica	Estudo do Meio
<b>15h20 – 16h10</b>	Estudo acompanhado	Biblioteca	Computadores		Estudo do Meio
<b>16h10 – 17h</b>	Jogos de Matemática	Inglês	Área Projeto	Formação Cívica	Assembleia de turma
<b>Saída</b>					

### **1.5.5 Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.**

#### **Segunda-feira, 30 de abril de 2012**

Neste dia, por ser *roulement*, permanecemos durante a manhã na sala da outra turma de 1.º ano, onde acabámos os trabalhos do dia da mãe e pintámos uns gráficos de barras em papel quadriculado que serviriam, depois, para realizar uma proposta de trabalho.

#### **Terça-feira, 4 maio de 2012**

Nesta manhã de estágio, sendo que foi o primeiro dia na sala do 1.º ano a professora explicou-nos as rotinas de sala de aula.

De seguida começámos a ler com os alunos, individualmente, pois esta é uma rotina diária destas crianças.

Após a leitura diária, a professora distribuiu o material Cuisenaire pelas mesas.

Começou por perguntar o valor de algumas peças e, de seguida, pediu a representação de alguns números através de multiplicações. Trabalhou também situações problemáticas envolvendo divisões, multiplicações e subtrações. Realizou ainda o jogo dos comboios.

Após o recreio, os alunos começaram por ler em silêncio o texto “Maças, Maças”. Seguidamente, leram novamente o texto, mas em voz alta, prossequindo com algumas perguntas de interpretação feitas pela professora aos alunos. Por fim, realizou uma análise gramatical do texto, abordando temas como os tipos e formas de frases, sinónimos e antónimos e classificação morfossintática de algumas palavras presentes no texto.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste primeiro dia de estágio foi-nos explicado que a primeira tarefa dos alunos é a leitura individual de um texto do manual de Língua Portuguesa.

Achei pertinente e importante esta prática diária, com o intuito de desenvolver a linguagem e uma leitura fluente. Magalhães (2008) defende que “durante a infância a insistência de actividades regulares aparenta ser bem mais fecunda do que em qualquer outra idade, a promoção de uma regularidade de leitura junto deste grupo etário torna-se, indiscutivelmente, uma aposta promissora.”(p.58)

Praticar a leitura, ajuda os alunos a fluir o seu discurso, a adquirir vocabulário e ainda a corrigir erros ortográficos e de pontuação. Para além disso, e segundo Antão (1997), a capacidade de ler “deve ser encarada como um poderoso instrumento de aprendizagem e um meio através do qual o leitor possa extrair do papel impresso, do monitor electrónico ou de qualquer outro suporte, uma satisfação pessoal, havendo, portanto, uma motivação prévia.” (p.12)

A leitura dos alunos é executada individualmente e em voz alta, acompanhada pela professora da turma ou por uma das estagiárias da sala, de forma a que os erros sejam detetados e corrigidos.

Sobre a leitura em voz alta Antão (1997) refere que “este tipo de leitura pode ser utilizado como um processo de diagnóstico, analisando os erros e utilizando-os como fonte de estudo destinado a aumentar a eficiência da leitura, (...)” (p.46)

É uma prática bastante pertinente, que ajuda os alunos numa evolução mais positiva, não só no desenvolvimento das capacidades de leitura, mas também da escrita.

### **Segunda-feira, 7 de maio de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, e depois da habitual leitura individual dos alunos, a professora utilizou o material 5.º Dom de Froebela na sua aula de Matemática.

Começou por questionar os alunos acerca das características do cubo e, de seguida, colocou algumas perguntas de cálculo mental. Abordou o conceito de frações equivalentes e representou algumas no quadro. Por fim, pediu aos alunos que realizassem a construção da colmeia e, de seguida, do poço. A partir destas construções, ditou algumas situações problemáticas.

Após o recreio, os alunos ficaram com a professora de apoio da escola.

Leram um poema e, de seguida, a professora explicou às crianças o conceito de história tradicional. Pediu ainda que fizessem a cópia do poema lido e de seguida corrigiu a mesma.

Após o regresso da professora titular da turma, os alunos realizaram um ditado e depois corrigiram os erros ortográficos feitos neste exercício.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O ditado é um exercício recorrente no dia-a-dia dos alunos.

Este exercício ortográfico requer uma grande concentração por parte do aluno, na tentativa de fazer uma melhor correspondência fonema/grafema.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987) “o exercício de registrar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem.” (p.184)

É um exercício promotor na verificação dos problemas a nível de ortografia e também pontuação. Segundo Reis e Adragão (1992) “embora envolva problemas de índole muito diversa, uma das formas de propor aos alunos uma revisão dos problemas de ortografia é estabelecendo relação fonema/grafema.” (p.66)

Após o ditado, a professora procedeu, à correção do mesmo individualmente. Os erros ortográficos devem ser corrigidos e identificados de forma a minimizar a sua repetição.

### **Terça-feira, 8 de maio de 2012**

Os alunos começaram a manhã com a leitura habitual e de seguida realizaram algumas situações problemáticas, envolvendo multiplicações e divisões.

Seguidamente, a professora distribuiu o material Geoplano pelos alunos. Pediu a uma aluna que desse as instruções do que iriam fazer com o material, sendo que a menina disse para dividirem o Geoplano ao meio e que, num lado, iriam “desenhar” um retângulo e do outro um triângulo. Depois, a professora deu a definição de ângulo, e pediu que representassem um quadrado para observarem os ângulos retos do mesmo. Relembrou ainda os ângulos obtusos e agudos e trabalhou perímetros, usando um espaço como unidade de medida. Deu ainda algumas instruções aos seus alunos para que fizessem uma representação de uma dos lados do Geoplano, tendo que, depois, realizar a sua simetria. Para terminar, pediu aos alunos que representassem uma linha quebrada, um segmento de reta e uma semi-reta e pediu a dois meninos que fossem representar as suas linhas quebradas no quadro. Com isto, relembrou a diferença entre linha fechada e linha aberta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Moreira e Oliveira (2003) “em todas as nossas actividades a geometria tem um papel importante.” (p.86). Os mesmos autores citam que as crianças no seu dia-a-dia

reconhecem e comparam formas e tamanhos de formas, por exemplo, umas são regulares e outras não, algumas tem uma simetria inerente e outras não, umas são grandes e outras pequenas. Ao observarem o mundo constroem ideias que devem ser exploradas, sujeitas a experiências e a discussões orientadas pelos pais, educadoras e outros adultos. (p.86).

Uma forma pertinente desta exploração é através da utilização do material Geoplano.

Matos e Serrazina (1996) referem que “os Geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos”(p.13) e, para além disso, este material tem uma grande vantagem: a sua mobilidade “que faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições” (p.14) Outra das vantagens específicas do Geoplano é que, “ao contrário da folha de papel é um aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente e possibilitando a aferição rápida de conjecturas.” (p.14). Desta forma privilegia-se o desenvolvimento do raciocínio geométrico na criança.

Reis (2004) afirma que uma “abordagem conducente ao desenvolvimento do raciocínio geométrico da criança pode fazer-se partindo dos traços (segmentos de linha recta) que faz no solo ou chão, preferentemente, ou quando tal não é possível, numa folha de papel, no quadro preto ou outro.” (p.37). Esta prática foi executada pela professora durante a aula de Matemática, usando como recursos o material Geoplano e também o quadro de giz.

### **Sexta-feira, 11 de maio de 2012**

Durante esta manhã de aulas os alunos estiveram com a professora de expressão plástica uma vez que a professora da turma não pôde estar presente.

Começaram, como habitual, pela leitura individual nos seus lugares, seguida da finalização de trabalhos em atraso.

Terminado os trabalhos, os alunos realizaram uma proposta de trabalho da área de Língua Portuguesa.

Após o recreio, a professora pediu-lhes que fizessem um desenho em forma de banda desenhada.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os desenhos constituem uma forma de expressão e de comunicação da criança, visto, que por vezes, transmitem uma mensagem.

Assim, a linguagem através do desenho é uma actividade importante; por isso, cabe aos educadores e professores incentivarem o espaço para o desenho como uma linguagem específica, onde a criança se expressa livremente. Para além disso, o professor deve procurar saber o que o aluno desenhou e ser aceite. Cuenca e Rodao (1988) citam que:

é sempre preferível que a criança crie os seus desenhos, em vez de copiar modelos. Portanto, devemos interessar-nos e perguntar à criança pelo que desenhou livremente e oferecer-lhe a possibilidade de interpretá-lo. Qualquer resposta que a criança dê deve ser aceite como boa, inclusive deve ser elogiada, ainda que aos olhos do adulto pareça absurda. (p.44)

### **Segunda-feira, 14 de maio de 2012**

Como habitual, a manhã de aulas começou com leitura individual dos alunos dos textos do manual de Língua Portuguesa.

Prosseguido da leitura, a professora escreveu exercícios de Matemática no quadro, que os alunos copiaram para a sua folha quadriculada e resolveram. De seguida, realizaram uma proposta de trabalho que visava a consolidação do algoritmo subtração.

Após terminarem a ficha, os alunos trabalharam com o material Calculadores Multibásicos.

A professora começou por questionar os seus alunos sobre o porquê de jogarmos na base 10 e, de seguida, ditou várias situações problemáticas envolvendo somas, subtrações com empréstimo, divisões e multiplicações. Em determinadas situações problemáticas a professora solicitava aos alunos que fossem ao quadro realizar as operações e, de seguida, pedia a leitura do resultado por classes, ordens e cores.

Após o recreio, a professora lembrou a diferença entre os dois tipos de texto já conhecidos: a prosa e a poesia, escrevendo no quadro as diferenças entre estes. Seguidamente abordaram um novo tipo de texto, a banda desenhada. Para este fim, leram uma ficha informativa onde estavam expressas as características deste tipo de texto. Por fim leram uma banda desenhada.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

É necessário que os alunos contactem com diferentes tipos de texto, lendo-os e aprendendo a produzi-los. Segundo o Ministério da Educação (2009) “para desenvolver a competência de escrita preconiza-se que os alunos vivam situações diversificadas aprendendo a produzir diferentes tipos de texto” (p.71).

Após lembrar as características dos tipos de texto já conhecidos, a professora abordou com os seus alunos as características de um outro tipo de texto, a banda desenhada. De acordo com Sá (1996), a banda desenhada apresenta-se “essencialmente como um texto misto, que combina elementos verbais, elementos não verbais(...)” (p.19). Este tipo de texto apresenta um grande interesse por parte das crianças, sendo que, no geral, apresenta imagens ricas e apelativas que cativam o leitor e que promovem a interpretação das mesmas. Segundo Antão (1997) este tipo de texto permite “melhoria das (...) capacidades linguísticas e estética” (p. 41). Sendo que esta “enquanto suporte visual (e não só!), constitui uma boa motivação para expressão oral e escrita” (p. 44).

### **Terça-feira, 15 de maio de 2012**

Depois da leitura individual, os alunos realizaram alguns exercícios passados no quadro, que visavam a divisão silábica de palavras, bem como a identificação da sílaba forte. Realizaram, também, a cópia de algumas frases com imagens. Seguidamente, fizeram um exercício ortográfico ditado pela professora, através de um texto do manual.

Ainda durante a primeira parte da manhã, os alunos dirigiram-se para o ginásio, onde se encontrava uma agência de viagens, que apresentou aos alunos algumas das características das ilhas dos Açores, sensibilizando-os para esta mesma ilha.

Seguido do recreio, os alunos trabalharam com o material Tangram. A professora começou por lembrar todas as figuras geométricas que representam as peças do Tangram. Utilizou algumas das peças para rever os ângulos, perguntando o nome dos ângulos e quanto mede um ângulo reto. Desenhou no quadro um triângulo retângulo, com o qual realizou um exercício em que os alunos teriam que descobrir a medida de dois dos ângulos internos do quadrado, visto que um deles era um ângulo reto. Pediu a um dos seus alunos que explicasse o seu raciocínio.

De seguida, construíram, com as peças do Tangram, o quadrado, o retângulo, o paralelogramo e o triângulo.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Damas et al (2010) “o Tangram é um material manipulável estruturado constituído por sete peças (figuras geométricas): um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo



médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais.” (p.137). Este material tem inúmeras potencialidades na aprendizagem da geometria. Abrantes et al. (1999), referem que “a geometria é essencialmente um meio para a criança conhecer o espaço em que se move, pelo que se torna importante promover a aprendizagem baseada na experimentação e na manipulação.” (p. 67). Como tal, no desenvolvimento desta aprendizagem é necessário e importante o recurso a materiais manipuláveis. Segundo o Ministério da Educação (2007) os materiais manipuláveis, sejam eles estruturados ou não estruturados, “têm um papel importante na aprendizagem da Geometria e da Medida. Estes materiais permitem estabelecer relações e tirar conclusões, facilitando a compreensão de conceitos.”(p.21).

Um dos objetivos da geometria é que os alunos tenham a noção de ângulo e que os identifiquem e classifiquem, pois segundo os autores acima citados, torna-se essencial que os alunos “sejam capazes de medir ângulos e compreendam os diversos tipos de relação entre eles” (pp. 77-78). Estes conceitos foram muito trabalhados nesta manhã de aula, com a utilização do Tangram, visando portanto o desenvolvimento da aprendizagem da geometria.

#### **Sexta-feira, 18 de maio de 2012**

Neste dia, por falta de estagiárias na sala do grupo dos 5 anos, eu e a minha colega de estágio acompanhámos esta turma numa visita de estudo ao Planetário.

#### **Segunda-feira, 21 de maio de 2012**

Nesta manhã de estágio e, após a leitura habitual, dei uma aula extra na área de Língua Portuguesa.

O tema da minha aula incidia na classificação de palavras quanto à sílaba forte.

Comecei por ler um excerto de um texto de António Torrado com o título de “Nove vezes nove? Oitenta e um, sete macacos e tu és um”, partindo deste, para falar da divisão silábica. De seguida relembrei a regra da sílaba forte do método de leitura João de Deus, para que os alunos conseguissem identificar a sílaba forte das palavras. Por fim, distribuí por cada aluno um conjunto de palavras móveis e três cartolinas, cada uma de sua cor. A atividade consistia em identificar a sílaba forte das palavras móveis e colocá-las na cartolina correta. Expliquei, ainda, qual a classificação das palavras que tem sílaba forte na última,

penúltima e antepenúltima sílaba, ensinando ainda o “truque do EGA”, para lhes ser mais fácil a classificação, em caso de dúvida.

Para terminar a minha aula, distribui uma proposta de trabalho como consolidação da matéria dada.

Após o recreio, a minha colega de estágio deu uma aula extra na área de Matemática com o material Cuisenaire. Começou por relembrar o valor das peças e, seguidamente, realizou o jogo dos comboios. Durante a sua aula pediu também algumas representações de números.

Terminada a aula da minha colega, as crianças fizeram um ditado e o desenho alusivo ao mesmo.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Para dar a minha aula sobre a classificação de palavras quanto à sílaba, parti da leitura de um texto de António Torrado.

António Torrado é um nome bem conhecido no universo da literatura infantil, sendo considerado um autor de grande qualidade. Os textos, dirigidos ao público infantil são repletos de um grande sentido de humor e cativam o leitor.

Segundo Bastos (1999):

o nome de António Torrado emerge com um dos mais significativos no panorama português (algo pobre) da produção dramática para os mais novos. Com alguns textos premiados, o universo da escrita de António Torrado preenche-se de personagens fabulosas, objectos portadores de capacidades extraordinárias, peripécias que nos transportam para cenários plenos de imaginação, em suma, um mundo prodigioso mas que simultaneamente não esquece o real e uma subtil reflexão centrada em alguns problemas sociais. (p.1)

Os alunos demonstraram a sua boa disposição e divertimento na leitura deste texto com uma dimensão lúdica, factor que destaca este autor.

### **Terça-feira, 22 de maio de 2012**

Esta manhã de estágio iniciou-se com o nosso acompanhamento da leitura individual dos alunos.

De seguida realizaram uns exercícios, que estavam escritos no quadro, sobre retas, segmento de retas e linhas curvas, bem como um exercício de tabelas de frequência.

Durante a primeira parte da manhã os alunos trabalharam também com o material Calculadoras Pappi. A professora ditou algumas situações problemáticas, que os alunos tiveram que resolver nas suas placas. Pediu também a leitura de números por classes e ordens.

Depois do recreio foi-me solicitado a mim, e à minha colega de estágio, uma aula surpresa. Eu comecei por ler o texto estipulado pela professora com o título “O João vai à praia”, cujo o tema geral se focava nas bandeiras.

Após a leitura modelo, os alunos leram o texto em voz alta e, de seguida, coloquei algumas perguntas de interpretação e falei um pouco do tema com os alunos.

Quando terminei as minhas perguntas, a minha colega prosseguiu com a análise gramatical do mesmo texto.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante a minha parte da aula surpresa tentei estabelecer interdisciplinaridade com a área do Estudo do Meio. A partir da interpretação executada do texto, abordei as cores das bandeiras, privilegiando a participação dos alunos. Piaget (1972), citado por Pombo, Guimarães e Levy (1994), refere que “a interdisciplinaridade aparece como “intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...)” (p.10), ou como referem Pombo, Guimarães e Levy (1994) a “(...) interdisciplinaridade significa interacção mútua, interdependência e interfecundação entre várias disciplinas.” (p.26)

O professor deve estabelecer momentos no ensino dos seus alunos, onde obrigatoriamente mistura as aprendizagens. Sanches (2001) refere que “não podemos ter a gavetinha de cada um dos saberes bem fechadinha, só aberta para fazer o teste da dita disciplina. É a interdisciplinaridade, é o trabalho em equipa que proporcionam oportunidades de interacção e de partilha de saberes.”(p.51)

Nesta aula, dei espaço para que as crianças partilhassem as suas experiências sobre o tema do texto, partindo destas mesmas vivências para abordar o tema e esclarecer os alunos. Os alunos mostraram-se interessados pois se tratava de um tema do quotidiano, tendo por isso participado bastante no decorrer da aula.

### **Sexta-feira, 25 de maio de 2012**

Nesta manhã de estágio, lecionei a minha aula assistida, por um dos elementos da equipa da prática pedagógica.

O tema geral da minha aula era o ciclo da água e comecei por ler uma história criada por mim intitulada “A viagem da gotinha cristalina”. Após a leitura da história, projetei a mesma em *powerpoint* e coloquei algumas perguntas de interpretação e análise gramatical.

Na área de Estudo do Meio, comecei por distribuir, por cada duas crianças, uma maquete do ciclo da água incompleta. Através de adivinhas que projetei no quadro, os alunos teriam que completar a maquete. No quadro estava uma maquete igual à dos alunos, que ia completando com a ajuda de uma aluna.

Na área de Matemática, trabalhei situações problemáticas com o material Cuisenaire, envolvendo as quatro operações aritméticas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os estágios permitem associar, de forma credível, a teoria à prática, contribuindo para a aprendizagem e formação dos futuros professores. Estas aulas, dadas ao longo do período de estágio, constituem momentos bastante marcantes na formação de um professor, visto que constituem um momento de grande tensão, mas também de uma grande aprendizagem.

Nesta manhã de aula, fui avaliada por uma professora pertencente à equipa de prática pedagógica, bem como pela professora titular da turma. Segundo Barbosa (2012) a formação de professores "deve privilegiar a observação, a análise do comportamento e o feedback, favorecendo uma orientação clínica e contextualizada da supervisão" (p.35). Para que o aluno/estagiário não fique aquém da sua prestação é necessário um momento de reflexão e de avaliação, juntamente com o professor. Visando isto mesmo, após o decorrer da aula, segue-se uma reunião, que consiste numa reflexão em conjunto das aulas decorridas, em que o professor supervisor dá o *feedback* ao estagiário. De acordo com a mesma autora "os estagiários devem ter expectativas reais sobre o que é que podem e o que é que se espera que façam (...)"(p.36). Só desta forma, através de uma formação, orientada por um professor mais experiente, é que o aluno vai evoluir e superar os seus obstáculos.

### **Segunda-feira, 28 de maio de 2012**

Esta manhã começou com a leitura individual dos alunos, acompanhada pela professora e por nós estagiárias.

A professora passou exercícios no quadro sobre a classificação quanto à sílaba tónica, que os alunos passaram para a sua folha e resolveram. De seguida, leram uma poesia em voz alta e responderam a algumas perguntas sobre as características deste tipo de texto na sua folha.

Na segunda parte da manhã, a professora distribuiu uma folha branca e um envelope com tirinhas de papel, que representavam peças do Cuisenaire. Tiveram que colar as tiras de papel, fazendo a representação de números.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia os alunos realizaram uma representação de números. O Cuisenaire é um material apropriado para a realização deste tipo de atividades. Tal como afirma Caldeira (2009) “a criança para compreender o conceito de número e o valor de posição no sistema indo-árabe de numeração pode representar à sua frente, com as peças do Cuisenaire, números superiores a 10 unidades” (p.157). A mesma autora refere ainda que “ao manipular e ordenar as peças, a lateralização é trabalhada e a noção de ordem e de classe vai sendo construída.”(p.157)

Os alunos, ao trabalharem a representação de números com o recurso ao Cuisenaire, trabalham a multiplicação, o valor posicional dos números, desenvolvem o cálculo e trabalham a leitura de números.

### **Terça-feira, 29 de maio de 2012**

A manhã de aulas começou com a leitura individual dos alunos dos textos do manual de Língua Portuguesa.

Seguidamente, realizaram um exercício ortográfico a partir de um texto do livro.

Depois do recreio, os alunos realizaram uma proposta de trabalho sobre as horas, medidas de tempo e o calendário.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Cuenca e Rodao (1984) “o conceito tempo torna-se difícil à compreensão da criança, por não ser perceptível através dos sentidos.”(p.75). Como tal, é necessário explorar este conceito com as crianças, pois, tal como afirmam os mesmos autores, é importante “adquirir a noção temporal e o domínio dos conceitos mais significativos para aprender a orientar-se no tempo.” (p.75).

É necessário que a criança aprenda desde cedo a orientar-se no tempo cronológico, tendo noção das horas e dos dias, tal como afirma Catita (2007), que defende que o desenvolvimento do tema o tempo cronológico, é importante

para fazer com que a criança “entenda melhor a sucessão dos dias, em semanas primeiro, em meses e no ano respectivamente.” (p.203)

O mesmo autor (2007) refere ainda que este tema tem como objetivo “fazer com que a criança tome contacto e explore alguns instrumentos de “medida” do tempo”(p.203). Nesta proposta de trabalho os alunos puderam trabalhar o conceito “horas” e ainda preencher um calendário do mês de maio e Junho. Uma proposta de trabalho que se revelou muito proveitosa.

### **Sexta-feira, 1 de junho de 2012**

Neste dia não compareci no estágio por estar presente no Oeste Infantil.

### **Segunda-feira, 4 de junho de 2012**

Durante a primeira parte da manhã os alunos executaram a prova de Língua Portuguesa.

Após o recreio, eu e a minha colega de estágio acompanhámos a leitura individual de cada aluno e, de seguida, estes realizaram exercícios de Matemática com operações, ângulos e exercícios com horas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Todas as crianças devem ter oportunidade de aceder a uma educação Matemática. Segundo Abrantes et al (1999)

aprender Matemática é um direito básico de todas as pessoas - em particular, de todas as crianças e jovens – e uma resposta a necessidades individuais e sociais. A Matemática faz parte dos currículos, ao longo de todos os anos da escolaridade obrigatória, por razões de natureza cultural, prática e cívica que têm a ver ao mesmo tempo com o desenvolvimento dos alunos enquanto indivíduos e membros da sociedade e com o progresso desta no seu conjunto.” (p.17).

As crianças devem ser matematicamente competentes, aprendendo a raciocinar e a resolver problemas. Os mesmos autores citam ainda que “(...) todas as crianças e jovens devem desenvolver a sua capacidade de usar a Matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar, assim como a auto-confiança necessária para fazê-lo.” (p.18)

A Matemática é usada no dia-a-dia de qualquer cidadão, como tal é necessário que os alunos tenham oportunidade de desenvolver a sua capacidade de comunicar matematicamente.

### **Terça-feira, 5 de junho de 2012**

Esta manhã de aulas foi dada pela minha colega de estágio. O tema principal da sua aula foram os direitos das crianças.

Começou por ler o livro “Os Direitos das Crianças” de Matilde Rosa Araújo. Terminada a leitura projetou em *powerpoint* alguns dos poemas lidos anteriormente, a partir dos quais colocou algumas perguntas de interpretação. Explorou também, gramaticalmente, algumas frases e palavras desses mesmos poemas. Por fim, realizou uma proposta de trabalho com os alunos, que consistia em preencher, com outras palavras os espaços em branco de um dos poemas lidos anteriormente.

Na área de Matemática, trabalhou com o material Calculadoras Pappi distribuindo pelos alunos as placas e imagens de meninos e meninas que serviram para a realização de situações problemáticas.

Na área de Estudo do Meio mostrou uma apresentação em *powerpoint*, em que voltou a referir alguns dos direitos das crianças e, de seguida, mostrou um vídeo onde estavam presentes as diferenças entre duas crianças, em que uma era vítima de trabalho infantil e outra, era uma criança feliz e possuidora de todos os direitos que uma criança deve ter. A minha colega questionou os alunos sobre o vídeo, de forma a que eles dissessem, por palavras suas, o que tinham entendido do filme.

Por fim, realizou uma pequena atividade que consistia em fazer a ligação entre as imagens e o respetivo direito da criança.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã de aulas é de salientar a leitura dos vários poemas. O texto era adequado à faixa etária e, tal como afirmam Spodek e Saracho (1998), as crianças gostam de ouvir poesia, pois “combina o fluxo rítmico das palavras com interesse pelos sons. A qualidade repetitiva de muitas poesias infantis ajuda as crianças a aprenderem os poemas. Estes devem ser selecionados cuidadosamente e apresentados de modo atraente para elas”. (p.252)

O convívio com a poesia pode ter inúmeras vantagens. Sim-Sim (2007) refere que o ensino da leitura de poesia implica encorajar as crianças:

- (i) a ler poesia; (ii) a desenvolver a compreensão da leitura de poemas;
- (iii) a treinar a leitura em voz alta e em coro; (iv) a memorizar e a recitar poesia; (v) a explorar o ritmo e as sonoridades da língua e (vi) a desenvolver o raciocínio metafórico. Tal como na leitura de textos de teatro, a repetição monitorizada da leitura oralizada e expressiva de poesia afecta positivamente a compreensão e a fluência. (p.55)

Quanto à atividade feita, que consistia em preencher os espaços em branco da poesia, considero ter sido muito pertinente. É importante que os alunos contactem com a poesia e que sejam desafiados a manusear os textos. Franco (1999) cita que “é fundamental desenvolver iniciativas que confrontem as crianças com linguagem poética, partindo (...) da relação sensorial com a realidade e do manuseio de textos que provoquem e alimentem a criatividade”(p.86)

Os alunos mostraram-se interessados na concretização da atividade proposta.

### **Sexta-feira, 8 de junho de 2012**

Nesta manhã de estágio os alunos realizaram a sua leitura diária como habitual.

Durante toda a manhã, eu e a minha colega de estágio ajudámos alguns alunos a terminar os seus trabalhos em atraso. Um dos trabalhos incidia na leitura de números.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A recorrente atividade de leitura de números é bastante relevante e pertinente no desenvolvimento da compreensão do número.

Segundo Abrantes et al (1999) “a compreensão do sistema indo-árabe de numeração, do valor de posição e dos números racionais (...) ajudam o aluno a organizar mentalmente, a comparar e a ordenar números.”(p.59) É necessário que o aluno apreenda o valor posicional dos números para uma compreensão dos mesmos.

É recorrente a prática de pedir aos alunos que identifiquem o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto. Os mesmos autores citam que “reconhecer o valor relativo de um número ou quantidade em relação a outro número, assim como ter sensibilidade para a ordem de grandeza de um dado número, são capacidades que devem ser desenvolvidas ao longo da aprendizagem da Matemática.”(p.59)

### **Segunda-feira, 11 de junho de 2012**

Durante a primeira parte da manhã os alunos realizaram a prova de Estudo do Meio.



Depois do recreio, solicitaram-me e à minha colega de estágio uma aula surpresa na área da Matemática com o material 5.º Dom de Froebel.

A aula foi iniciada pela minha colega, lembrando as regras da utilização do material. De seguida, questionou os alunos sobre as características do cubo, realizou cálculos com frações e abordou frações equivalentes.

A aula foi prosseguida por mim, tendo pedido aos alunos que executassem a construção da colmeia. Fui lembrando todos os passos da construção e, de seguida, dei algumas situações problemáticas, envolvendo em algumas, cálculo mental e noutras, pedi aos alunos que realizassem a operação no quadro. Trabalhei também a leitura de números.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Com o uso deste material podemos desenvolver diferentes situações problemáticas e estimular o raciocínio matemático dos alunos. Segundo o Ministério da Educação (2007) "a capacidade de raciocinar matematicamente desenvolve-se através de experiências que proporcionem aos alunos oportunidades que estimulem o seu pensamento." (p.30). Os alunos devem ser estimulados a resolver situações problemáticas diariamente, sendo que estas devem incluir diferentes tipos de resolução, pois:

ao resolverem problemas com regularidade, que permitam diferentes abordagens, (...) os alunos vão adquirindo experiência e confiança no modo de procurar os dados necessários, de os interpretar de acordo com as condições dadas e de os relacionar entre si e com o que é pedido. (p.29)

Para além disso, e como cita Morgado (1993), "o problema deverá ser motivante para o aluno, o que implica que o seu enunciado se encontre relacionado com a sua vida de todos os dias, fazendo apelo aos seus conhecimentos e as suas actividades usuais."(p.81)

### **Terça-feira, 12 de junho de 2012**

Nesta dia dei a minha aula de manhã inteira.

Comecei pela área de Língua Portuguesa, em que li a história "O nabo gigante." De seguida, distribuí pelos alunos um excerto do texto, que leram primeiro em silêncio e, de seguida, em voz alta. Coloquei algumas perguntas de interpretação e também de análise gramatical, passando por quase toda a matéria aprendida pelos alunos.

Na área de Matemática utilizei o material Tangram. Distribuí pelos alunos o material, bem como uma folha, onde constava uma sombra que teriam que representar com o Tangram, sombra essa que correspondia a uma das personagens da história lida anteriormente.

A minha aula foi interrompida pois, neste dia, houve um simulacro de sismo com o objetivo de averiguar se os procedimentos necessários eram tomados de acordo com o esperado numa situação real.

Prosseguindo a minha aula, os alunos construíram a sua personagem com o recurso ao Tangram. De seguida, montaram ainda a casa das personagens do texto, a partir da qual questionei os alunos quanto aos ângulos. Realizei algumas situações problemáticas e trabalhei ainda a leitura de números.

Na área de Estudo do Meio, mostrei uma apresentação em *powerpoint* onde explicava a origem de alguns alimentos, abordando os alimentos de origem animal, vegetal e mineral. Fui colocando sempre questões aos alunos e ouvindo as suas questões e dúvidas.

Como consolidação, os alunos realizaram um jogo de palavras cruzadas, que consistia em enunciar as palavras a colocar através de uma adivinha.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Considero que com esta estratégia de consolidação das aprendizagens, tornei a aula mais motivante e lúdica para os alunos. Silverman (1993) citado por Jensen (2002) afirma que “os alunos aumentarão a aprendizagem académica a partir de jogos e das tão faladas actividades lúdicas”(p.132). Os alunos aceitam melhor os novos conteúdos a ser interiorizados e, para além disso, este jogo permite segundo Franco (1999) “resolver problemas ortográficos e amadurecer mecanismos gramaticais tão variados como os das flexões das diversas categorias morfológicas.” (p.126)

As palavras cruzadas são um jogo de grande flexibilidade, podendo ser adotado a uma grande diversidade de conteúdos e, segundo o mesmo autor, “têm a vantagem de concentrar a atenção das crianças no texto escrito, o que permite a sua utilização por quase todos os níveis etários e em áreas disciplinares diversas.”(p.126)

Gostei bastante de utilizar este jogo como estratégia de consolidação da matéria lecionada, tendo sentido um grande entusiasmo e aceitação por parte dos alunos na utilização do mesmo.

### **Sexta-feira, 15 de junho de 2012**

Nesta manhã de estágio a professora dividiu a turma em três grupos, com o objetivo de terminar trabalhos em atraso. A professora ficou a ajudar um grupo de meninos, bem como eu e a minha colega de estágio, que ficámos cada uma com o seu grupo de crianças.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante a manhã, os alunos realizaram alguns dos trabalhos em atraso. Aquando da sua concretização, a professora deixava-os explorar e ler os livros que estavam a sua disposição no “cantinho da leitura.”

Para Bastos (1999), esta biblioteca de sala reveste-se de grande importância pois:

com uma dimensão naturalmente mais restrita, oferece no entanto uma maior proximidade com o livro, permitindo uma utilização mais imediata e variada, quer ao nível da leitura por prazer quer em articulação com actividades programadas. (p.297-298)

É importante que o aluno explore o livro livremente e que, desta forma, adquira o hábito e o gosto pela leitura. Como tal, não há ambiente e local mais propício para o desenvolvimento de bons leitores; a mesma autora refere que “a escola é, assim, um dos locais privilegiados, onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante” (p.286)

Em suma, cabe à escola promover a leitura e o encontro com o livro, sendo que deve torná-lo cativante e positivo.

### **Segunda-feira, 18 de junho de 2012**

Nesta manhã de aulas a professora não esteve presente na sala; quem acompanhou esta turma, durante a manhã, foi a professora de apoio.

Eu e a minha colega de estágio ajudámos alguns alunos com dificuldades a terminar trabalhos em atraso.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nestes últimos dias de estágio pude ajudar mais individualmente alguns alunos da turma a terminar os seus trabalhos. Isto permitiu-me conhecer e identificar, mais aprofundadamente, algumas das dificuldades dos alunos e desta forma, arranjar estratégias para que as conseguisse explicar e clarificar. Considero que o papel do professor deve ser bastante ativo no que toca a tentar ajudar os seus alunos a superar as suas limitações e dificuldades. Segundo

Spodek e Saracho (1998) “os professores devem ser sensíveis às diferenças de capacidade entre seus alunos” (p.150)

Esta tarefa permitiu-me um maior e melhor desempenho na capacidade de conseguir ajudar aqueles alunos, tendo portanto contribuído para o meu crescimento enquanto futura profissional.

### **Terça-feira, 19 de junho de 2012**

Durante a primeira parte da manhã quem estive na sala do 1.º ano com os alunos foi a professora de apoio.

Eu e a minha colega de estágio acompanhámos, como de costume, a leitura individual de cada aluno. De seguida, realizaram uma proposta de trabalho da área de Língua Portuguesa.

Após o recreio, e já com a professora titular presente, os alunos terminaram a proposta de trabalho, enquanto eu e a minha colega de estágio realizámos uma pesquisa sobre árvores para a Área de Projeto.

No fim da manhã, eu e a minha colega de estágio conversámos com a professora da sala, para fazer uma pequena reflexão e auto-avaliação sobre este período de estágio.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Considero que esta pequena reflexão, feita com a professora, foi bastante enriquecedora. Pude fazer uma reflexão do período de estágio e da minha prestação ao longo do mesmo, referindo os aspetos positivos e os aspetos a melhorar.

É importante que o aluno/estagiário saiba fazer uma boa auto-avaliação, uma vez que esta visa o seu melhoramento. Pais e Monteiro (1996), afirmam que “a apreciação crítica do aluno relativamente ao seu trabalho e ao processo de ensino-aprendizagem permite identificar, analisar e compreender os erros cometidos e os sucessos alcançados, confrontar o produto obtido com o esperado” (p. 28).

A professora deu-nos também um *feedback*, o que permitiu uma melhor reflexão da minha parte, que levou, sem dúvida, a um crescimento pessoal e profissional.

### **Sexta-feira, 22 de junho de 2012**

Neste dia, a professora de apoio foi substituir a professora titular da turma.

Os alunos começaram por ler um texto, cujo tema geral eram os animais, tendo feito depois a cópia do mesmo. À medida que iam terminando o exercício caligráfico, a professora de apoio carimbou alguns animais na folha de cada aluno, para que estes os pintassem.

Após o recreio, a professora relembrou o conceito de fração, perguntou aos alunos o nome dado às partes constituintes da fração e, de seguida, realizaram algumas situações problemáticas com frações.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A leitura está, no dia-a-dia dos alunos, indissociável da escrita. É recorrente o uso de atividades com base na escrita depois da leitura, sendo que a cópia é uma atividade escrita de frequente aplicação na sala de aula.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987) a cópia “permite à criança avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem.”(p.182). Estas características recaem nos “sinais de expressão, pontuação, diagramação, formulação espaço-direcional da esquerda para a direita, percepção da palavra como conjunto de letras separadas por dois espaços em branco e captação da sequência das letras dentro da palavra”(p.182)

Em suma, a cópia consiste num exercício caligráfico que permite melhorar a caligrafia, aperfeiçoar os erros ortográficos e familiarizar a criança com diversas características do código escrito.



## **6.ª Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 25 de setembro de 2012 a 16 de novembro de 2012. Este momento de estágio decorreu na sala do 4.º ano de escolaridade, referente às crianças na faixa etária dos 9 anos de idade.

### **1.6.1.Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Professora titular da turma e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

A turma do 4.º ano de escolaridade é composto por 27 alunos, sendo que 14 correspondem ao género feminino e 13 ao género masculino.

No geral, são alunos que já frequentam o Jardim-Escola desde os 3 anos de idade, salvo uma criança que entrou com 4 anos de idade, outra com 5 anos, dois alunos que entraram apenas no 3.º ano de escolaridade e um que entrou no 4.º ano.

### **1.6.2 Caracterização do espaço**

A sala do 4.º ano é uma sala com pouco espaço, dificultando a circulação em sala de aula. Possui um quadro de giz e um quadro interativo, sendo que é este o utilizado pela professora e alunos nas suas atividades diárias. Como tal, o quadro de giz tem a função de *placard*. A sala é bastante luminosa, pois possui um grande número de janelas para o exterior. Contém ainda duas portas, uma que dá acesso às escadas para o recreio e outra, que dá acesso direto ao ginásio.

Os alunos estão sentados em mesas individuais, que estão unidas pela extremidade, e formam três filas. Ao lado do quadro está situada a secretária da professora. Na parede oposta encontram-se os cabides, onde os alunos penduram os seus pertences, e um armário onde estão arrumados alguns materiais e os dossiês dos alunos.

### 1.6.3 Horário da turma

Quadro 8 – Horário do 4.º ano de escolaridade.

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h-10h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h-11h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
Recreio					
11h30-12h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h-13h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio
13h-14h30	Almoço e recreio				
14h30-15h20	Ed. Física	Língua Portuguesa	Música	Música	Estudo do Meio
15h20-16h10	Expressão Plástica	História	Inglês	Estudo do Meio	História
16h10-17h		Ed. Física	História	Inglês	Estudo do Meio
Saída					

### 1.6.4 Rotinas

As rotinas do 4.º ano são em tudo semelhantes às rotinas do 1.º e do 2.º ano, tais como o acolhimento no ginásio, a higiene, o almoço e os dois momentos de recreio.



### **1.6.5. Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.**

#### **Terça-feira, 25 de setembro de 2012**

Nesta primeira manhã de estágio, observei os alunos a terminarem a interpretação do texto “A princesa e a ervilha” de Ricardo Alberty. Leram o texto em voz alta, e a professora colocou algumas questões referentes ao texto, bem como algumas de análise gramatical.

Antes do recreio terminar, eu e a minha colega de estágio entrámos mais cedo com dois alunos da turma, com o objetivo de os ajudar a terminar o trabalho feito anteriormente.

Na segunda parte da manhã, os alunos realizaram a correção da exploração de um folheto referente a uma *pizzaria*, a partir do qual realizaram algumas situações problemáticas.

Para terminar a manhã de aulas, os alunos escreveram a tabuada numa folha, como forma de treino.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo o Ministério da Educação (2009) “deve processar-se a aprendizagem gradual de procedimentos de compreensão e de interpretação textual, associados à promoção do desenvolvimento linguístico dos alunos, à sua formação como leitores e à ampliação do conhecimento experiencial sobre a vida e sobre o mundo.” (p.22) Segundo o referido anteriormente, devem fomentar-se momentos de leitura e interpretação de textos, tal como o executado neste dia. Isto permite um melhor desenvolvimento de processos de leitura e, consequentemente, de compreensão da mensagem transmitida no texto, desenvolvendo a capacidade de criar um fio condutor no raciocínio dos alunos.

Sousa (1993) afirma que o tempo dedicado à leitura e interpretação de textos é importante para o desenvolvimento “não só das capacidades específicas do leitor, mas também, de uma competência mais genérica dos falantes de uma língua, a sua competência comunicativa”. (p.157). Através destes processos, o professor poderá formar cidadãos bem falantes, capazes de estabelecer uma boa comunicação.

Neste dia é de salientar, também, a aquisição de novo vocabulário através da leitura e interpretação deste texto, sendo que é também proveitoso neste aspeto o desenvolvimento da compreensão do textos.

### **Sexta-feira, 28 de setembro de 2012**

Nesta manhã de estágio acompanhei os alunos numa visita de estudo realizada ao Centro de Interpretação da Batalha de Ajubarrota.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

As visitas de estudo constituem uma estratégia importante na aprendizagem dos alunos.

Estes sentem-se, por vezes, mais motivados num ambiente fora de sala de aula e, desta forma, a aprendizagem torna-se mais ativa e interessante para os mesmos. Segundo Proença (1990) “a visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador da saída do espaço tradicional no desenrolar do processo ensino/aprendizagem.” (p.137). A mesma autora refere também que “o contacto directo com as fontes históricas contribui decisivamente, para uma correcta iniciação ao método de pesquisa histórica e para a formação do espírito científico.” (p.137).

A visita de estudo permitiu aos alunos observar e adquirir novos conhecimentos, de uma forma mais direta e interessante.

### **Segunda-feira, 1 de outubro de 2012**

Nesta manhã de aulas, os alunos começaram por realizar um ditado musical.

De seguida, distribuiu o texto “Todos no Sofá” de Luísa Ducla Soares e pediu aos alunos que lessem o texto em silêncio. Os alunos leram ainda o texto em voz alta e, por fim, fizeram uma banda desenhada sobre o texto lido.

Terminado o recreio, realizaram a correção de uma ficha de trabalho da área de Matemática, que abordava os números decimais, conversões e um problema de lógica e de combinações.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

É de destacar, nesta manhã de aula, o ditado musical feito com os alunos.

Em relação a esta atividade, Franco (1999) refere que “a sua preparação é simples, bastando que seja distribuída a cada criança o texto policopiado com espaços em branco correspondentes a palavras avulsas, frases ou versos inteiros que os alunos terão de completar.”(p.118). A professora deu um certo

tempo aos alunos para completarem a letra da música e, no fim, deixou-os cantar esta mesma música.

Esta atividade mostrou-se bastante motivadora para os alunos. Tal como refere o mesmo autor “este jogo provoca um grande entusiasmo e oferece, de um modo especial, a possibilidade de manusear o poema.”(p.117-118)

### **Terça-feira, 2 de outubro de 2012**

Nesta manhã, a professora fez uma revisão sobre frações. Começou por perguntar aos alunos em que consiste uma fração e como se representa. Relembrou ainda o que significa o numerador e o denominador e, de seguida, pediu a um aluno que fosse representar uma fração ao quadro, fazendo seguidamente a sua leitura. Seguidamente, a professora escreveu no quadro um apontamento sobre esta matéria, que os alunos passaram para o seu caderno. Perguntou ainda aos alunos em que consistem frações equivalentes e explicou várias vezes a soma e a subtração de frações, visto que os alunos manifestaram algumas dificuldades na execução das mesmas.

Após o recreio, fizeram uma revisão sobre determinantes e pronomes. A professora escreveu um apontamento no quadro, que os alunos passaram para o caderno, juntamente como uma tabela de determinantes e pronomes possessivos. Para terminar, realizaram um exercício que consistia em sublinhar num texto, e de cores diferentes, todos os determinantes e pronomes existentes.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Para Morgado (1999) uma das estratégias que o professor pode utilizar é a “definição de um clima favorável aos processos de desenvolvimento pessoal e social”(p.46). Para que se estabeleça este ambiente favorável, deve haver uma boa comunicação entre professor e aluno, privilegiando-se o processo de ensino/aprendizagem, que se torna mais positivo.

Nesta manhã de estágio devo salientar o reforço positivo dado pela professora a um aluno, quando este manifestou algum receio em responder, mas executando de seguida o que lhe foi proposto de forma correta. Desta forma, incentivou o aluno, melhorou a sua auto-estima, incitando neste a auto-confiança.

Considero que o reforço positivo é uma estratégia que deve ser utilizada em sala de aula, contribuindo de forma muito positiva para o estabelecimento do

clima favorável, pois, tal como afirma Estanqueiro (2010), "com elogios sinceros, o professor cativa a simpatia do aluno e da turma, tornando mais cordial a atmosfera da aula e mais forte a sua influência pedagógica."(p.25)

Sanches (2001) refere que "introduzir reforços positivos, oportunamente, é meio caminho andado para obter o sucesso dos alunos"(p.58). O aluno sente-se mais confiante e motivado para a aprendizagem, sendo que qualquer pessoa aprende melhor quando se sente apoiado e lhe transmitem que o seu esforço em melhorar é reconhecido, sendo assim recompensado.

### **Segunda-feira, 8 de outubro de 2012**

Os alunos terminaram uma proposta de trabalho de Matemática, que consistia em realizar conversões, situações problemáticas e exercícios de combinações. De seguida realizaram a correção desta proposta e, enquanto isso, eu ajudei um aluno na concretização da mesma.

Após o recreio, os alunos realizaram a correção de uma proposta de trabalho sobre os grupos constituintes da frase. Realizaram ainda um ditado mágico e enquanto os alunos decoraram a folha, a professora leu-lhes o conto tradicional "A Gata Borralheira".

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia a professora procedeu à leitura de um conto.

Para Jean (1999) é essencial "criar implicitamente momentos de contos ou de leitura, momentos diferenciados (...), momentos em que a criança ouve a língua materna correta e viva." (p.123)

Segundo Diniz (1993):

um "bom" conto infantil põe em cena realidades do mundo da criança, que segundo os pontos de vista do adulto são demasiados cruéis. Mas no conto há sempre uma evolução e um desfecho que dão um destino aceitável aos problemas postos e aos sentimentos manifestados (p.55)

Como tal, "permite-lhe contactar sem medo com os seus próprios desejos e ir ensaiando soluções sem prescindir da fantasia nem da criatividade."(p.60)

Contudo os contos representam também um importante papel na criação de um gosto pela leitura literária nas crianças, tal como cita Traça (1992) "contar, em boas condições, contos às crianças aumenta as hipóteses de as transformar em «bons leitores»." (p. 116). A leitura de contos aos alunos permite um contacto positivo com o livro e com o prazer da leitura.

### **Terça-feira, 9 de outubro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, eu e a minha colega de estágio plastificámos um friso cronológico, com imagens referentes a diferentes períodos históricos, a pedido da professora da turma.

Ainda antes do recreio, três grupos de alunos apresentaram o seu trabalho de grupo referente ao reinado de D. João I. O primeiro grupo, como estratégia de apresentação, levou um castelo, no qual tinham alguns textos que pediram aos colegas para ler. O segundo e o terceiro grupo recorreram a uma apresentação em *powerpoint*. A professora colocou algumas questões no fim de cada trabalho.

Após o recreio, os alunos picotaram planificações de sólidos geométricos, que eu e a minha colega de estágio ajudámos a montar após a picotagem. Por fim, realizaram uma ficha de trabalho com exercícios sobre frações e números decimais.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã, destaco a atividade executada na área de Matemática. Os alunos começaram por picotar as planificações, o que demonstrou ser motivador para os mesmos. De seguida, transformaram essas planificações em sólidos geométricos formando figuras tridimensionais. Ponte e Serrazina (2000) afirmam que “as planificações dos sólidos e respectiva construção constituem uma boa oportunidade para a passagem de figuras tridimensionais a bidimensionais e vice-versa.”(p.172). Os mesmos autores referem ainda que “os alunos, ao decidirem quais os padrões bidimensionais que ao dobrarem-se conduzem a uma dada forma tridimensional, estão a desenvolver o seu sentido espacial.”(p.172)

É portanto uma atividade importante de realizar com os alunos, que leva ao desenvolvimento do seu sentido espacial e que torna a aprendizagem da Matemática lúdica e entusiasmante.

### **Sexta-feira, 12 de outubro de 2012**

Comecei esta manhã de estágio por ajudar alguns alunos a acabar trabalhos em atraso. De seguida, os alunos realizaram uma expressão escrita, em que teriam que escrever cada ação dentro das divisões de uma casa. Por fim, os alunos realizaram ainda um ditado mágico.

Ainda antes do recreio, os alunos começaram por ler uma ficha informativa, com uma banda desenhada sobre a distinção entre círculo e circunferência.

Terminado o recreio, os alunos dirigiram-se para a sala de aula, onde realizaram uma proposta de trabalho, que consistia em desenhar, com o compasso, circunferências e marcar algumas linhas indicadas, tais como o raio, o diâmetro e a corda.

No fim da manhã, os alunos tiveram uma aula pertencente ao Clube de Ciências lecionada por um professor de Ciências.

Os alunos realizaram uma atividade experimental, que consistia na produção de gás através da mistura de ácido acético e bicarbonato de sódio. Este gás encheu o balão que, por sua vez, ao ser expelido do mesmo, apagou uma vela acesa.

Durante toda a atividade os alunos leram o protocolo e registraram o resultado e as conclusões.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Segundo Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009) “às crianças devem ser proporcionadas actividades de natureza diversa, privilegiando as de cariz prático” (p.21). Estas experiências, ou trabalhos práticos são definidos por Martins et al. (2007) como “todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não de tipo laboratorial” (p. 36).

Segundo Martins et al. (2007), o trabalho prático não dever ser visto como o “fazer pelo fazer” mas sim que seja significativo não em termos de quantidade mas sim de qualidade para a reconstrução de ideias nos alunos. (p. 34). É necessária a interação do professor com os alunos, e que este leve os seus alunos a questionar e a refletir. Aspetos estes bastante importantes de serem fomentados nas crianças no ensino das Ciências, pois, tal como afirma Catita (2007), “não se pretende a promoção do saber enciclopédico nas crianças, mas sim desenvolver nelas a capacidade e o desejo de experimentar, observar, dialogar e descrever sobre o que se observou.”(p.7)

Através da observação desta aula, verifiquei que os alunos se sentem muito motivados pela realização deste tipo de actividades de cariz prático e que a sua curiosidade e interesse são uma mais valia para a sua aprendizagem.

### **Segunda-feira, 15 de outubro de 2012**

Na primeira parte da manhã os alunos terminaram alguns trabalhos em atraso e realizaram duas propostas de trabalho de Matemática. A primeira

consistia na construção de um pictograma, a partir de dados já escritos na ficha. A segunda consistia na resolução de situações problemáticas sobre o sobreiro. Os alunos leram um pequeno texto informativo sobre esta árvore e, por fim, realizaram as situações problemáticas.

Após terminar o recreio, os alunos fizeram a cópia de um texto de José Jorge Letria, bem como um ditado do mesmo.

No fim da manhã, leram em voz alta uma ficha informativa sobre os adjetivos e as suas respetivas subclasses.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante a realização das situações problemáticas, pude perceber que alguns alunos manifestaram algumas lacunas a nível de cálculo mental especialmente no que se refere à tabuada.

A tabuada deve ser encarada como uma ferramenta fundamental e imprescindível para um bom cálculo mental. Como tal, os professores devem tentar arranjar estratégias de trabalhar a tabuada de uma forma lúdica e entusiasmante para os alunos, deixando assim de parte a rotina de treino da tabuada utilizando apenas lápis e papel. Abrantes et al. (1999), afirmam que “ajudar os alunos a desenvolver estratégias que lhes permitam aprender a tabuada, como forma de facilitar o cálculo mental, o cálculo escrito e a estimação, contribui para que compreendam relações entre os números e raciocinem matematicamente.” (p. 49).

Os professores podem optar pelo ensino da tabuada através de uma música, sendo que o ritmo ajudará a memorização. Wolfe (2004) refere que “é provável que as tabuadas de multiplicar fossem todas aprendidas mais depressa se os professores ensinassem os alunos a contar ritmicamente” (p.159).

### **Terça-feira, 16 de outubro de 2012**

A manhã de aulas começou com a correção dos desafios escolares de Matemática.

Ainda antes do recreio, alguns grupos de alunos apresentaram os seus trabalhos sobre o reinado de D. João I. O primeiro grupo realizou a sua apresentação com recurso ao *powerpoint* e, no final, realizaram um jogo da glória como forma de consolidação. O segundo grupo utilizou igualmente uma apresentação em *powerpoint* e, como estratégia de consolidação, utilizou um crucigrama.

Na segunda parte da manhã os alunos realizaram uma atividade de expressão escrita intitulada “Letras animadas”. Os alunos teriam que usar a sua imaginação e inventar uma história, cuja a personagem principal fosse a primeira letra do seu nome.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã pude observar alguns dos trabalhos de grupo concretizados pelos alunos. Estes trabalhos foram apresentados oralmente, depois de uma pesquisa feita em grupo.

Segundo Estanqueiro (2010), “os trabalhos de pesquisa, elaborados individualmente ou em grupo, permitem aprofundar conhecimentos e desenvolver competências, nos domínios da pesquisa, da selecção, do tratamento e da apresentação de informações” (p.87)

Propor aos alunos que apresentem trabalhos oralmente é uma estratégia que deveria ser mais fomentada no ensino da Educação Básica, pois para além de desenvolver as competências anteriormente referidas, permitiria o desenvolvimento da “capacidade crítica, o raciocínio esquemático e superariam a fobia social.”(Cury, 2012, p.125)

A apresentação oral permite desenvolver a capacidade de falar em público, a desinibição, bem como o desenvolvimento de um fluente discurso oral e uma capacidade de expor as suas ideias. Uma outra vantagem é que permite aos alunos uma maior interação no seu processo de aprendizagem.

### **Sexta-feira, 19 de outubro de 2012**

Neste dia de estágio acompanhei a turma do 4.º ano de escolaridade a uma visita de estudo ao Teatro Tivoli, para ver o musical “Viagem ao Corpo Humano”.

### **Segunda-feira, 22 de outubro de 2012**

Durante a primeira hora da manhã, foi a minha colega de estágio que lecionou uma aula. Começou pela área de Matemática, resolvendo oralmente com os alunos um exercício de lógica, com recurso a um esquema feito no quadro. De seguida resolveu o mesmo exercício, mas desta vez utilizando uma tabela de dupla entrada.



Na área de Estudo do Meio, fez uma revisão da crise de 1383-1385 através da utilização de uma apresentação em *powerpoint*.

Na área de Português, distribuiu um texto pelos alunos, intitulado “Íncrita Geração”. Após a leitura do texto, a minha colega colocou algumas perguntas de interpretação e de análise gramatical. Para terminar, no reverso da folha do texto, os alunos executaram um acróstico partindo da palavra “íncrita”.

Após o recreio, os alunos procederam à realização e correção de uma ficha de Português com exercícios de revisão.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

O ensino da História de Portugal deve ser encarado como uma mais valia para os alunos. Para além de lhes dar uma “bagagem cultural”, incentiva-os também a refletir e a interpretar os acontecimentos passados, treinando-os para o futuro. Segundo Proença (1990) a História deve ser “encarada como uma História em construção na qual ele, aluno, como parte integrante da humanidade também participa.” (p.56)

Muitas vezes o ensino da História é encarado como uma simples memorização de conhecimentos, sem qualquer proveito para a formação de cidadãos com capacidade de espírito crítico. Como tal “o ensino da História deve privilegiar a construção de esquemas cognitivos e o desenvolvimento de competências, em vez da memorização de conhecimentos.” (p.58), para que, desta forma, o aluno aprenda a reconhecer a relatividade e multiplicidade do saber, através do contacto e análise de fontes e interpretações diversas.

### **Terça-feira, 23 de outubro de 2012**

Nesta manhã dei uma aula extra com a duração de uma hora.

Comecei por ler um excerto do texto “Os adjectivos não servem para nada” de Alice Vieira. De seguida, os alunos leram, também o texto em voz alta seguindo a identificação de todos os adjetivos presentes no texto. Os alunos lembraram as subclasses de adjetivos; alguns alunos construíram uma frase com um adjetivo de cada subclasse. Para terminar a área de Português, os alunos realizaram uma atividade que consistia em formar uma frase com o adjetivo indicado e no grau indicado, usando palavras móveis.

Na área de Matemática, os alunos realizaram uma atividade que consistia na realização oral de vários exercícios, cujos resultados levariam, através de um código, a uma palavra mistério. Esta palavra mistério serviria de sequência para

a aula de Estudo do Meio, onde fiz a revisão do conteúdos “os ossos”, através da montagem de um esqueleto com radiografias.

Após terminada a minha aula, a professora trabalhou com os alunos o material Calculadoras Papi. Relembrou o valor de todas as casas da placa e, de seguida, realizou alguns exercícios de leitura de números.

Terminado o recreio, os alunos dirigiram-se para o ginásio, onde decorreu a hora do conto. Este momento consistiu na leitura de alguns contos tradicionais, com recurso a alguns cenários e uso de fantoches.

No fim da manhã, os alunos realizaram uma proposta de trabalho que abordava a leitura de números com as Calculadoras.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Uma educação científica é sempre uma mais valia para os alunos. Catita (2007) refere que “no processo e método de aprendizagem explora-se a curiosidade natural das crianças pelas “coisas” do Mundo à semelhança da curiosidade natural dos cientistas.” (p.7).

É necessário e importante que a educação em ciências na educação básica vá de encontro à necessidade de esclarecimento dos alunos e que, de uma forma apropriada lhes transmita os conteúdos necessários, levando á formação de cidadãos mais informados cientificamente e capazes de resolver problemas.

As aulas de ciências devem ser estimulantes para os alunos, fomentando um interesse e entusiasmo pela ciência.

De acordo com o Ministério de Educação (2004), no programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico é apontado que as crianças devem “conhecer as funções vitais” e “conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes” (p.108) Nesta aula os alunos fizeram uma revisão dos “ossos”, tendo sido evidente o entusiasmo das crianças em manusear e observar as radiografias.

### **Sexta-feira, 26 de outubro de 2012**

A manhã de aulas começou com a correção da prova de Matemática. De seguida, os alunos leram uma ficha informativa sobre ângulos, em que lembraram o conceito de ângulo. Seguidamente, a professora ensinou a utilizar o transferidor para medir ângulos, utilizando uma ferramenta do quadro interativo.

Os alunos trabalharam ainda com o material Cuisenaire, com o qual fizeram alguma representação de números e a professora fez uma pequena introdução às expressões numéricas.

Após o recreio, eu e a minha colega de estágio ajudámos algumas crianças a terminar umas divisões feitas no dia anterior. De seguida, os alunos corrigiram ainda a prova de Português e, por fim, assistiram à sua aula do clube de ciências, em que realizaram uma experiência sobre os ossos. A experiência consistia na colocação de um osso de galinha dentro de um frasco com vinagre, para que após uma semana, fosse visível a plasticidade ganha pelo osso.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na sala de aula pode trazer muitas vantagens no ensino. As TIC auxiliam os professores nas suas aulas, melhorando a aprendizagem e tornando o ensino mais motivador para os alunos.

Para além disso, a evolução das tecnologias veio influenciar positivamente o processo de ensino e aprendizagem com a utilização de diversas ferramentas, como a utilizada no presente dia para ensinar os alunos a utilizar corretamente o transferidor. Pais (1999) refere que “o uso do computador permite obter melhores resultados em certas práticas pedagógicas tais como o encorajamento, o treino e a aplicação dos conhecimentos, a explicação e comentários críticos”(p.17). As TIC, nomeadamente o computador, vieram renovar a escola, permitindo a utilização de diversas ferramentas que acabam por se tornar essenciais na educação.

### **Segunda-feira, 29 de outubro de 2012**

Nesta manhã de estágio foi-me solicitada uma aula surpresa por parte da equipa de supervisão da Prática Pedagógica.

A aula pedida recaiu na utilização do material estruturado 5.º Dom de Froebel.

Comecei por questionar os alunos quanto às características do material, de seguida pedi que realizassem a construção da colmeia, acompanhando todos os passos da construção. Por fim, ditei algumas situações problemáticas que, no geral, foram todas realizadas através do cálculo mental. Pedi também a leitura de números.

Após o recreio, os alunos realizaram a prova de Estudo do Meio.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante a minha aula, e apesar de ter acompanhado os passos da construção da colmeia, verifiquei que, no geral, todos os alunos a executaram sem dificuldade. No entanto, houve a necessidade de acompanhar mais atentamente um aluno em particular. Aluno este que entrou apenas no presente ano letivo para o Jardim-Escola e, como tal, estava pela primeira vez a contactar com o material 5.º Dom de Froebel.

Foi de evidenciar a motivação do aluno em concretizar o que lhe era proposto e em tentar acompanhar os restantes colegas.

Segundo Boruchovitch e Bzuneck (2001) “ a motivação (...) é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando”(p.37)

Inerente à motivação, está o interesse e a ânsia de aprender e executar as atividades propostas, tal como referem os mesmos autores “um individuo intrinsecamente motivado procura novidade, entretenimento, satisfação de curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio. Está implícita nessa condição uma orientação pessoal para dominar tarefas desafiadoras, associada ao prazer derivado do próprio processo.”(p.37)

### **Terça-feira, 30 de outubro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos procederam à correção de uma proposta de trabalho de Matemática do dia anterior, bem como dos seus trabalhos de casa.

Após o recreio, os alunos foram avaliados na leitura. Um por um, foram lendo um texto estipulado pela professora com o intuito da sua avaliação. Por fim, realizaram uma expressão escrita intitulada “Como seria uma noite ideal de Halloween”.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia destaco a realização de uma expressão escrita pelos alunos. Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) referem que “a expressão escrita consiste no processo complexo de produção de comunicação escrita.” (p.29). Os mesmos autores citam ainda que “a expressão escrita é um meio poderoso de

comunicação e aprendizagem que requer o domínio apurado de técnicas e estratégias precisas, diversas e sofisticadas.” (p.30)

A realização destas atividades desenvolvem nos alunos a sua capacidade de expor ideias e de formar textos coerentes e organizados, competência essencial a ser desenvolvida. Para além disso, aumentam a sua criatividade e ajuda a combater os erros ortográficos e de construção frásica.

### **Sexta-feira, 2 de novembro de 2012**

Neste dia, por ser *roulement*, os alunos executaram trabalhos de picotagem e de pintura acerca do tema “o outono”.

### **Segunda-feira, 5 de novembro de 2012**

Nesta manhã de estágio lecionei a minha aula de manhã inteira.

Comecei pela área do Português, utilizando uma apresentação em *powerpoint*, a partir da qual lembrei o que é um advérbio e todas as classes de advérbios aprendidas até este dia. Introduzi ainda mais três subclasses de advérbios novas, sendo estas a de afirmação, a de negação e a de quantidade. De seguida, realizei um loto de advérbios como estratégia de consolidação. Para terminar, entreguei uma texto de Alice Vieira intitulado “Férias na Europa”, que li em voz alta, bem como os alunos. Pedi ainda que identificassem, no texto, todos os advérbios presentes, bem como a subclasse a que pertenciam.

Na área de Estudo do Meio, abordei a localização de Portugal através do recurso a uma apresentação em *powerpoint*. Comecei por identificar os vários continentes e oceanos do mundo, lembrando o que é um continente e um oceano. De seguida pedi aos alunos que assinalassem os continentes e oceanos num mapa mundo a preto e branco. Neste mesmo mapa mundo, pedi aos alunos que circundassem Portugal, localizando assim o nosso país na Europa. Por fim defini os conceitos península, ilha e arquipélago.

Na área de Matemática, lembrei os pontos cardeais e colaterais a partir de uma apresentação em *powerpoint*, de seguida defini os conceitos de latitude e longitude. Para terminar, realizei uma atividade com os alunos, que consistia na localização de alguns países do mundo no planisfério a partir das coordenadas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia, menciono o jogo que utilizei como estratégia de consolidação da aprendizagem do conteúdo “os advérbios”.

O jogo constitui uma atividade em que, através da mesma, o aluno se torna mais participativo e ativo no seu processo de aprendizagem.

Piaget (1971), citado por Neto (2003), considera que “o jogo tem uma grande importância no desenvolvimento cognitivo da criança. O jogo, como processo de assimilação, tem uma função de exercitação e extensão do aprendido, bem como de consolidação de algo já experimentado.” (p.232)

A utilização do jogo prendeu-se com o facto de este tornar a aprendizagem mais motivadora e lúdica, levando a um maior empenhamento dos alunos e, como tal, a uma melhor assimilação e consolidação dos conteúdos propostos.

### **Terça-feira, 6 de novembro de 2012**

Esta manhã de aulas foi dada pela minha colega de estágio.

Começou por mostrar uma apresentação em *powerpoint*, a partir da qual falou da 3.<sup>a</sup> Dinastia. Foi colocando algumas questões aos alunos, solicitando assim a sua participação.

Na área de Matemática, a partir de uma imagem que tinha um retângulo desenhado, explicou a área de triângulo, evidenciando o porquê de ser a dividir por dois. De seguida, os alunos calcularam a área de alguns triângulos, numa proposta de trabalhos distribuída pela minha colega no início da aula.

Na área de Português, a minha colega explicou e abordou todas as subclasses de interjeições com a utilização do quadro interativo. Por fim, os alunos leram um texto em forma de diálogo e, de seguida, identificaram no texto algumas interjeições. No reverso da folha do texto estava uma pequena proposta de trabalho, que visou a consolidação da matéria aprendida.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Um dos aspetos positivos da aula da minha colega de estágio foi ter partido da área do quadrado para introduzir a área do triângulo, pois, como refere Abrantes et al. (1999), “a composição e decomposição de figuras, acompanhada da sua descrição, da representação e do raciocínio sobre o que acontece, permite aos alunos desenvolver o pensamento visual.” (p. 71). Desta forma, os alunos desenvolvem o raciocínio e o pensamento geométrico.

Para além disso, ao utilizar esta estratégia, privilegiou os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, começando por relembrar a fórmula da área do quadrado. Os mesmos autores referem que “o professor não deve ignorar as experiências e os conhecimentos prévios que os seus alunos possuem” (p.20). Assim, estimulou a participação dos alunos e a sua interação no processo de aprendizagem.

### **Sexta-feira, 9 de novembro de 2012**

Durante esta manhã de estágio, os alunos realizaram uma visita de estudo às Grutas de Santo António.

Eu e a minha colega de estágio acompanhámos a turma nesta visita.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

As visitas de estudo são entendidas como qualquer saída do espaço escolar, com objetivos pedagógicos, que visem a aprendizagem do alunos. Segundo Almeida (1998):

as visitas de estudo têm sido consideradas actividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem, reunindo o consenso de professores, alunos, autores de livros de texto, investigadores em desenvolvimento curricular e responsáveis por instituições de natureza diversa, desde museus, jardins zoológicos e botânicos, parques urbanos e naturais, a fábricas e empresas. (p.19)

A saída do espaço escolar tem inúmeras vantagens pedagógicas e de formação social, tais como o incentivo a uma maior socialização entre alunos e entre alunos e professores, o cumprir de regras que são estabelecidas pelo professor para levar a cabo a saída de uma forma organizada e segura e a sensibilização para aspetos culturais e naturais da sociedade. Para além disso, as visitas de estudo constituem momentos de grande entusiasmo para os alunos, manifestando-se o seu interesse e empenho.

### **Segunda-feira, 12 de novembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos trabalharam conceitos relacionados com estatística. Começaram por ler uma ficha informativa em voz alta, à medida que a professora ia colocando questões aos seus alunos. No fim, realizaram a construção de um gráfico, seguindo todos os passos indicados, tais como a recolha de dados e sua organização, o registo de contagem e, por fim, a construção do gráfico com recurso ao quadro interativo.

Ainda antes do recreio, os alunos passaram os sumários e resolveram algumas operações de dividir que a professora passou no quadro.

Terminado o recreio, os alunos dirigiram-se para a sala de aula, onde colaram no caderno um apontamento sobre verbos transitivos e intransitivos, seguindo-se a resolução de alguns exercícios sobre essa mesma matéria.

No fim da manhã, os alunos realizaram um ditado mágico, que consistia em escrever as palavras ditadas dentro da imagem de um camelo. Enquanto os alunos enfeitaram a sua folha, a professora leu o conto tradicional “O Feiticeiro de Oz”.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante esta manhã, os alunos trabalharam diversos conceitos sobre estatística.

Os alunos devem ser levados a trabalhar estes conceitos e conteúdos, pois tal como afirma Abrantes et al (1999):

os conceitos de estatística e de probabilidades ajudam a compreender outros tópicos do currículo de Matemática, ligados aos números, às medidas ou às representações gráficas, e envolvendo capacidades Matemáticas importantes, nomeadamente de estimação e de resolução de problemas.”(p.94-95)

Para além disso, os conhecimentos em estatística constituem uma competência Matemática imprescindível, pois contactamos com ela diariamente. Segundo o Ministério da Educação (2007), estes conteúdos devem ser ensinados e trabalhados com os alunos, com o objetivo de “desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e de produzir informação estatística, bem como de a utilizar para resolver problemas e tomar decisões informadas e argumentadas.”(p.42)

### **Terça-feira, 13 de novembro de 2012**

Esta manhã de aulas começou com a correção do ditado de palavras feito no dia anterior. Enquanto algumas crianças corrigiam os erros, outras iam terminando também algumas operações com a nossa ajuda.

A professora distribuiu um texto de Luísa Ducla Soares: “A Bomba”. Pediu aos alunos que lessem o texto em silêncio e, de seguida, em voz alta. Seguidamente, a professora questionou os seus alunos quanto ao que seria um resumo e quais as suas características.



No reverso da folha do texto, os alunos realizaram o resumo do mesmo, seguindo as indicações dadas pela professora.

No fim da manhã, a minha colega de estágio terminou com os alunos a sua proposta de trabalho sobre as interjeições.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante esta manhã os alunos trabalharam o resumo.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987) “o resumo consiste na redução de um texto a uma quantidade específica de palavras.”(p.188).

A professora abordou as características de um resumo e, por fim, pediu que elaborassem o resumo do texto lido.

O resumo é um texto objetivo, claro e conciso, que desenvolve no aluno uma capacidade de interpretação, seleção dos aspetos mais importantes do texto e, conseqüentemente, um poder de síntese. Para além disso Hood (1967) citado por Condemarín e Chadwick (1987) afirmam que o resumo constitui um “excelente exercício de vocabulário, construção de orações e expressão clara e concisa.”(p.188)

Como tal, devem ser atividades presentes no dia-a-dia dos alunos com o objetivo de desenvolver e estimular todas estas capacidades referidas anteriormente e que se revestem de grande importância.

### **Sexta-feira, 16 de novembro de 2012**

Nesta manhã foi solicitado à minha colega de estágio, por um dos membros da equipa de Prática Pedagógica, que lecionasse uma aula surpresa. Foi-lhe pedido que introduzisse o volume, utilizando o material estruturado Cuisenaire.

A minha colega começou por definir volume e explicar que a peça branca é a unidade de medida de volume. Questionou alguns alunos quanto às unidades de medida de volume de algumas peças do Cuisenaire, bem como de alguns sólidos geométricos desenhados no quadro, partindo das peças do Cuisenaire. Pediu aos alunos que construíssem um sólido com 10 unidades de volume e outro com 24 unidades de volume. Para finalizar a aula, introduziu ainda o centímetro cúbico.

No fim da manhã, estivemos presentes na reunião de apreciação das aulas surpresa decorridas durante a manhã.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Hoje a minha colega lecionou uma aula surpresa. Segundo Moreira (2004) “a surpresa é a emoção característica dos momentos em que se regista uma descontinuidade, algo inesperado ou incomum que mereça destaque e que permita ao indivíduo organizar-se face a essa situação/acontecimento/pessoa, etc.” (p.53). Estas aulas, são para os surpreendidos momentos de grande tensão, que apesar de nos fazer sentir desconfortáveis, nos levam também a uma maior resiliência.

A minha colega demonstrou-se um pouco nervosa e apreensiva durante o decorrer da aula, no entanto cumpriu o que era suposto na sua aula.

## **7.<sup>a</sup> Secção**

Esta secção respeita ao momento de estágio efetuado no período de 19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013. Este momento de estágio decorreu na sala do 3.<sup>o</sup> ano de escolaridade, referente às crianças na faixa etária dos 8 anos de idade.

### **1.7.1. Caracterização da Turma**

A seguinte caracterização foi-me gentilmente cedida pela Professora titular da turma e faz parte integrante do Projeto Curricular de Turma.

A turma do 3.<sup>o</sup> ano de escolaridade é composto por 25 alunos, sendo que 14 correspondem ao género masculino e 11 ao género feminino.

No geral são alunos que já frequentam o Jardim-Escola desde os 3 anos de idade, salvo uma criança que entrou com 4 anos de idade e outras duas com 5 anos.

Na transição do 2.<sup>o</sup> ano de escolaridade para o 3.<sup>o</sup> ano, um aluno mudou de turma e no presente ano letivo, saiu um outro aluno ainda a meio do ano escolar.

### **1.7.2. Caracterização do espaço**

A sala do 3.<sup>o</sup> ano é uma sala espaçosa. Tal como a do 4.<sup>o</sup> ano, está dotada de um quadro de giz, que serve de placard, e um quadro interativo usado diariamente. Possui alguma luminosidade natural, que lhe é conferida pelas grandes janelas que dão para o exterior.

Os alunos estão sentados em grupo, estando a turma dividida em quatro grupos, o que facilita a circulação na sala de aula.

A secretária da professora situa-se ao lado do quadro interativo e, ao fundo da sala, encontram-se os cabides etiquetados com o nome dos alunos e um armário para guardar materiais e os dossiês dos mesmos.

### 1.7.3. Horário da turma

Quadro 9 – Horário do 3.º ano de escolaridade.

<b>Horas</b>	<b>2ª feira</b>	<b>3ª feira</b>	<b>4ª feira</b>	<b>5ª feira</b>	<b>6ª feira</b>
<b>9h-10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h-11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>Recreio</b>					
<b>11h30-12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h-12h50</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>13h-14h30</b>	<b>Almoço e Recreio</b>				
<b>14h30-15h20</b>	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Ed. Física	Ed. Física	Estudo do Meios
<b>15h20-16h10</b>	Inglês		Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música
<b>16h10-17h</b>	Música	Inglês	História	História	Estudo do Meio
<b>Saída</b>					

### 1.7.4 Rotinas

As rotinas do 3.º ano são em tudo semelhantes às rotinas do 1.º, do 2.º e do 4.º ano, tais como, o acolhimento no ginásio, a higiene, o almoço e os dois momentos de recreio.

### **1.7.5 Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica**

#### **Segunda-feira, 19 de novembro de 2012**

Nesta primeira manhã de estágio, na sala do 3.º ano, os alunos começaram por corrigir o trabalho de casa do fim-de-semana.

Seguidamente, escreveram os sumários e concretizaram uma proposta de trabalho na área de Matemática, em que tiveram de construir uma circunferência, utilizando o compasso e a régua.

Durante o resto da manhã, a professora realizou algumas avaliações ao nível das operações e da leitura. Na avaliação da leitura, a professora propôs que eu e a minha colega de estágio preenchêssemos a grelha de avaliação, com a sua ajuda.

Por fim, os alunos dirigiram-se para o ginásio, onde começaram os ensaios para a festa de Natal, enquanto eu, juntamente com outras estagiárias, pintámos alguns cenários para a festa.

#### **Inferências e Fundamentação teórica**

A avaliação da leitura é pertinente numa sala de aula, pois esta serve para o professor avaliar se o aluno apresenta dificuldades, identificar estas dificuldades e constatar se houve evolução por parte dos alunos. Para Arends (1999) “avaliar é uma função desempenhada pelo professor com objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas (...) Estas decisões deveriam ter na base informações o mais relevantes e exactas possíveis.” (p.228)

Considero ter sido bastante pertinente a possibilidade de realizar esta avaliação e, que, apesar de supervisionada pela professora, constituiu uma forma de poder contactar com um processo de avaliação, o que não foi muito frequente ao longo do estágio profissional.

#### **Terça-feira, 20 de novembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, a professora trabalhou a décima, a centésima e a milésima, utilizando o material multifunções. A professora começou por fazer uma revisão dos números decimais, perguntando o que é que separa a parte inteira da parte decimal, qual a ordem que vem imediatamente antes e depois da vírgula e o que é a décima. De seguida, pediu para os alunos

representarem, com as peças do material, duas unidades e cinco décimas e pediu para escreverem no quadro este mesmo número. Para abordar a centésima, começou por pegar numa unidade dividida em cem partes e questionar os seus alunos sobre o que isso representava. Pediu novamente algumas representações com as peças. Para chegar à milésima, foi montando o cubo de cem em cem centésimas, chegando assim às 1000 centésimas, que corresponde a uma milésima. Realizou algum cálculo mental com a quantidade de milésimas, se existissem 6 cubos ou 12 cubos. Antes de terminar a aula, a professora solicitou que eu e a minha colega de estágio realizássemos um exercício com os alunos, como forma de treino.

Para terminar a aula, realizaram uma proposta de trabalho sobre os números decimais.

Terminado o recreio, os alunos realizaram um ensaio de Natal, enquanto eu, juntamente com outras colegas, pintámos alguns cenários para a festa.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia, saliento a utilização do material multifunções para trabalhar a décima, a centésima e a milésima.

A utilização deste material permite aos alunos uma aprendizagem mais estimulante e concreta, pois a utilização de materiais manipulativos ajuda as crianças na compreensão de princípios matemáticos que, de uma forma abstrata, seriam de difícil compreensão. Na aprendizagem dos números decimais, sendo uma aprendizagem que por vezes se torna pouco compreensível para os alunos, acho que o emprego deste material, não poderia ser mais pertinente, pois, tal como afirma Morgado (1993) "no ensino/aprendizagem dos números decimais deverá recorrer-se a material manipulável e a exercícios orais que façam apelo a situações da vida quotidiana."(p.50). A utilização do material multifunções permitiu uma melhor compreensão dos números decimais e sua relação, bem como o desenvolvimento do cálculo mental.

Os materiais manipulativos, sejam estruturados ou não estruturados, são um instrumento de trabalho, facilitador do processo de aprendizagem e, que tornam as aulas mais cativantes para os alunos. Servem como instrumentos de observação, manipulação, exploração e, conseqüentemente, de construção e desenvolvimento do raciocínio lógico e de certas competências Matemáticas.

Para além disso, devo também salientar que foi bastante pertinente para mim, a observação da aula, visto que foi a primeira vez que vi aplicado este material numa aula.

### **Sexta-feira, 23 de novembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos realizaram uma expressão escrita coletiva.

A professora começou por escrever a introdução no quadro da sala e, de seguida, analisou esta introdução, perguntando aos alunos quais as personagens, onde se passa e qual a ação. De seguida, os alunos foram construindo o desenvolvimento da composição, sempre com a ajuda da professora, na organização das suas ideias e na construção do texto.

Depois de passarem para a folha a expressão escrita, a professora escolheu um aluno que se colocou de pé e que começou por dizer, através de um mote as medidas de comprimento. Os restantes alunos foram repetindo, sucessivamente as medidas.

Após o recreio, as crianças corrigiram no quadro, uma ficha de trabalho que abordava as conversões.

A manhã terminou com a aula de música, onde treinaram as músicas para a festa de Natal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia, é de salientar a atividade de expressão escrita coletiva. Os alunos mostraram-se bastante motivados e empenhados na realização da mesma. Para além disso, este tipo de atividades estimulam os alunos para a escrita e desenvolvem a sua capacidade de organização de ideias e a construção frásica. Segundo Teberosky (2002), a expressão escrita coletiva "é enriquecedora do ponto de vista da aprendizagem, porque permite a realização de atividades diversas e que supõem atividades linguísticas diferentes"(p.70)

Uma outra vantagem deste tipo de atividades coletivas é o facto dos alunos poderem manifestar as suas ideias oralmente e ouvir as dos seus colegas. Tal como refere a mesma autora (2002), "uma das vantagens deste trabalho é que as crianças verbalizam os seus intercâmbios e põem, assim, de manifesto, modos de resolução"(p.81)

## **Segunda-feira, 26 de novembro de 2012**

Nesta manhã de estágio, os alunos começaram por passar os sumários para o caderno diário.

De seguida, dirigiram-se para o ginásio, onde ensaiaram para a festa de Natal. Terminado o ensaio, seguiram-se as revisões para a prova de Língua Portuguesa, enquanto eu e a minha colega de estágio ficámos no ginásio a pintar os cenários de Natal.

Após o recreio, os alunos continuaram com as revisões e, de seguida, realizaram exercícios da área de Matemática, que consistiam em calcular os diâmetros e raios de circunferências dentro de quadrados.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia de aulas, os alunos passaram grande parte do tempo a rever os conteúdos aprendidos para a prova de Português.

Os alunos sentem-se inseguros com a ocorrência de momentos de avaliação e, por vezes, fazer uma revisão junto da sua professora oferece-lhes algum conforto e, para além disso, é uma forma de retirar algumas dúvidas. Lafortune e Saint-Pierre (1996) referem que “(...) um professor que acredita na capacidade dos seus alunos para terminarem o curso com sucesso procura meios para os ajudar a exprimir as suas dificuldades, (...)” (p.32)

Para além das revisões, a professora desta turma entrega também aos seus alunos um guia de estudo, com o intuito de orientar o trabalho feito em casa. Estanqueiro (2010) afirma que “fazem bem os professores que, antes dos testes, facultam aos alunos uma matriz da prova, com objectivos, conteúdos, estrutura e cotações.”(p.93)

## **Terça-feira, 27 de novembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã os alunos realizaram a prova de Português. Antes da prova, os alunos espreguiçaram-se, de forma a ficarem mais calmos para a realização da prova.

Após o recreio, prosseguiram os ensaios de Natal, enquanto eu e a minha colega de estágio colaborámos para os preparativos para a festa.



### **Inferências e Fundamentação teórica**

O stress no ambiente escolar pode constituir um factor acrescido para o enfraquecimento da aprendizagem.

Os momentos de avaliação são, por vezes e para alguns alunos, situações de grande stress, que os podem tornar mais susceptíveis.

Segundo Jensen (2002) “na sala de aula o stress pode ser ultrapassado”(p.95) e para que isso aconteça é necessário que o professor ajude os seus alunos na gestão do stress, utilizando estratégias adequadas. O mesmo autor refere ainda que o professora/educador deve ajudar os seus alunos a aprender quais as situações que proporcionam stress e a forma como devem lidar com ele. (p.95) Existem diversas formas de lidar com este factor, que o professor deve ensinar aos seus alunos tais como “a gestão do tempo, o controlo da respiração, o papel do tempo de repouso (...)” (p.95)

A professora utiliza a estratégia de controlo da respiração e a utilização de movimentos de descontração antes das provas, com o objetivo de acalmar os seus alunos, para que executem a prova mais tranquilos.

### **Sexta-feira, 30 de novembro de 2012**

Nesta manhã de aulas, a professora utilizou o material Cuisenaire para trabalhar com os seus alunos.

Começou por questionar os seus alunos quanto às características das peças, pedindo o nome do sólido geométrico representado pela peça branca e do sólido representado pelas restantes peças.

Perguntou a diferença entre um paralelepípedo e um prisma quadrangular e, ainda, a diferença entre um prisma e uma pirâmide.

De seguida, desenhou no quadro interativo uma figura geométrica. Pediu a um aluno que fosse ao quadro delimitar a linha fronteira da figura e, de seguida, pediu que calculassem o perímetro da mesma.

Por fim, construíram um gráfico de barras. Realizaram a contagem, a frequência absoluta e construíram o gráfico. A professora realizou diversas perguntas em relação à tabela construída no quadro, tais como a moda, a maior e a menor frequência absoluta, bem como algumas questões que envolvessem cálculo.

Eu e a minha colega de estágio construímos também um gráfico de barras com eles e realizámos também algumas questões.

Após o recreio, a professora trabalhou ainda a representação de números com recurso ao mesmo material estruturado, bem como questões de cálculo mental.

No fim da manhã, os alunos tiveram aula de música juntamente com a outra turma de 3.º ano.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

É de destacar, desta manhã de aulas, a forma como a professora dinamiza as suas aulas. Demonstrou-se uma professora motivada e empenhada na aprendizagem dos seus alunos. Estanqueiro (2010) afirma que “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar mais facilmente, o gosto de aprender.”(p.31)

Com todas as questões colocadas, foi notório, ao longo da aula, a atenção dos alunos nas suas explicações e perguntas, que sem dúvida, tornaram a aula cativante. Segundo Cury (2012), “através da arte da pergunta, o professor estimula mais ainda o stress positivo da dúvida. Ele cativa a atenção dos alunos”(p.129). O mesmo autor refere ainda que a pergunta “transforma a sala de aula(...) num meio poético, agradável e inteligente.”(p.131) e que, através da pergunta “formamos pensadores e não repetidores de informações”(p.127)

### **Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos realizaram a prova de Estudo do Meio, seguida do ensaio da festa de Natal. Eu e a minha colega de estágio ajudámos na pintura dos cenários para a peça de teatro,

Neste dia, eu e a minha colega de estágio ficámos a estagiar durante o período da tarde. Observámos as revisões para a prova de História de Portugal e, de seguida, os alunos tiveram aula de Inglês. No fim da tarde, os alunos arrumaram os trabalhos nos dossiês.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os ensaios de Natal são algo frequente no dia-a-dia destas crianças, aquando da aproximação desta época festiva.

A festa de Natal é um marco importante no ano escolar destas crianças, pois consiste num dia em que estão presentes os pais e familiares e, para além

disso, constitui um momento de grande entusiasmo e divertimento para as crianças. Como tal, é preparada com todo o cuidado e antecedência, pois, tal como afirma Almeida (1994), para um bom êxito do espetáculo é importante “o começo com bastante antecedência dos ensaios.”(p.27)

Para que os papéis dos alunos fossem bem decorados e que estes se sentissem bem preparados, a professora insistiu nos ensaios de repetição. Estes são defendidos pelo autor acima citado que, em relação aos ensaios, refere que “quantos mais possam ter, tanto melhor” (p.31)

Em conclusão, os ensaios são um grande suporte e preparação dos participantes, para além de que “são um excelente escape às tensões do árduo trabalho quotidiano.” (Almeida, 1994, p.15)

### **Terça-feira, 4 de dezembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos realizaram a prova de História de Portugal. De seguida, ensaiaram para a festa de Natal.

Após o recreio, os alunos realizaram uma proposta de trabalho da área de Matemática, com exercício de perímetros, áreas e uma situação problemática de lógica. Foi-nos proposto pela professora que realizássemos o exercício de lógica, em voz alta, com os alunos.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A proposta de trabalho, da área de Matemática, acarretava muitos exercícios sobre medidas de comprimento. Abrantes et al. (1999) referem que “hoje, a medida é usada de muitas formas no mundo à nossa volta e é vital para a comunicação.” (p.75). Como tal, é pertinente que os alunos contactem com este conceito desde os primeiros anos de escolaridade. Os mesmos autores defendem a inclusão do estudo das medidas nos currículos do ensino básico:

necessidades da vida quotidiana, do mundo de trabalho e, ainda, do desenvolvimento da tecnologia e da ciência. Com efeito, tanto na vida do dia-a-dia como em muitas profissões, é importante realizar medições e ser capaz de manipular instrumentos de medida. A evolução tecnológica e científica está associada ao grau de precisão nas medidas. (p. 75).

Os alunos devem ser levados a descobrir medidas e, assim sendo, a construir o conceito de grandeza. Devem realizar exercícios e medições, para que estes compreendam a sua importância na vida quotidiana.

### **Sexta-feira, 7 de dezembro de 2012**

Nesta manhã de estágio, acompanhei os alunos a uma visita de estudo à Feira Internacional de Lisboa.

Os alunos visitaram a Natalis, uma feira de Natal, onde cantaram algumas das canções de Natal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Um dos objetivos desta visita de estudo foi a apresentação de algumas músicas de Natal, as quais são aprendidas nas aulas de música.

As crianças gostam do envolvimento com a música. Gostam de cantar, tocar instrumentos musicais, dançar e ouvir música.

É muito importante, e motivadora, a integração de música na escola. Sousa (2003), refere que “o objectivo da educação pela música é a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade” (p.18). Este autor ainda refere que “a música dá prazer, que modifica os estados emocionais, que permite a expressão dos sentimentos” (p. 15). Jensen (2002) afirma a que Educação Musical “tem benefícios académicos e sociais positivos, quantificáveis e duradouros” e acrescenta que a música é “um suporte para as próprias palavras” (p.62).

A integração da Música nas escolas permite ainda a realização destes pequenos momentos de apresentação, o que pode, de início, inibir as crianças, mas que acaba por se tornar motivador e divertido para as mesmas.

### **Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012**

Neste dia realizou-se a festa de Natal no Jardim-Escola.

Neste dia, todas os anos de escolaridade apresentam uma peça de teatro e algumas músicas de Natal para as suas famílias. Eu e as restantes estagiárias ajudámos e colaborámos na preparação e organização da festa.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Hoje em dia, começa a ser cada vez mais frequente a participação dos pais em atividades escolares, tais como festas, comemorações e visitas de estudo. Neste dia, pude observar que os pais se envolveram, de diversas maneiras, na preparação da festa, nomeadamente levando alguns materiais solicitados pela professora, bem como na ajuda às crianças, na sua preparação antes de subir ao palco.

As crianças manifestaram-se bastante motivadas com a presença dos pais na festa de Natal, sendo que é importante para a elas o empenho e o envolvimento da sua família no meio escolar. Como refere Gervilla (2001) citada por Reis (2008), “a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança”(p.38), como tal é necessário e importante o seu envolvimento na escola. As vantagens de haver uma interligação escola-família são várias, destacando-se nelas "o desenvolvimento individual, a integração da criança no universo colectivo, a mediação entre ela e o mundo, entre ela e o conhecimento, a sua adaptação ao meio escolar, o relacionamento com todos os agentes educativos, a relação com os colegas” (Reis, 2008, p. 38).

Em conclusão, a participação ativa dos pais, no meio escolar, ajuda ao desenvolvimento da criança, melhora o seu aproveitamento escolar, a sua auto-estima e uma atitude mais positiva face à aprendizagem.

### **Terça-feira, 11 de dezembro de 2012**

Esta manhã de aulas começou com uma conversa entre a professora e os alunos, sobre a festa de Natal, decorrida no dia anterior. A professora deu os parabéns aos alunos e entregou-lhes um presente de Natal (dedoches).

De seguida, a professora solicitou que eu e a minha colega de estágio leccionássemos uma aula.

Começou a minha colega de estágio, com uma aula na área do Português, onde executou a leitura e interpretação de um texto, bem como a sua análise gramatical e a realização de um exercício ortográfico. A minha colega realizou a leitura modelo e solicitou a leitura, em voz alta, dos alunos. Realizou as perguntas de interpretação e análise gramatical na oralidade, e os alunos responderam sempre que solicitados.

Após o intervalo, eu lecionei uma aula na área de Matemática, com o recurso aos material estruturado Cuisenaire. Comecei por realizar algumas perguntas em relação ao material. De seguida, perguntei a um aluno o que é o perímetro e a forma como se calcula, pedindo, de seguida, a um outro aluno que delimitasse, no quadro a linha fronteira de uma figura anteriormente desenhada por mim no quadro. Por fim calcularam o perímetro da figura. Ainda antes de terminar a minha aula, os alunos escolheram um tema e um título para a execução de um gráfico de barras. Procedemos à recolha de dados, à sua organização e, conseqüentemente, a construção do gráfico. Questionei os alunos quanto à moda e quanto a maior e menor frequência absoluta.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Nesta manhã, eu e a minha colega de estágio lecionámos individualmente uma aula. No decorrer das mesmas, foi notória a preocupação de ambas na participação dos alunos. Tal como defende Cury (2012), “a sala de aula não é um exército de pessoas caladas nem um teatro onde o professor é o único actor e os alunos, espectadores passivos. Todos são atores da educação. A educação deve ser participativa.” (p.125). Desta forma, o professor deve fomentar a participação dos alunos nas aulas, criando nestes um maior interesse nas atividades a desenvolver e nos conteúdos a aprender. Estanqueiro (2010) refere que “a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse” e que “o monólogo é cansativo e desmotivador” (p.39).

Durante esta aula foi notória a participação dos alunos e a sua vontade em contribuir para a aula, sendo que são alunos que estão bastante estimulados para uma aprendizagem participativa. Através da experiencia em sala de aula, e a partir das aulas observadas diariamente, concluo a importância de manter os alunos motivados e envolvidos nas atividades diárias, para que a aprendizagem se torne mais significativa.

### **Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012**

Nesta manhã, eu e a minha colega de estágio demos uma aula cada uma no modelo da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

A minha colega de estágio deu uma aula sobre o animal Kiwi. Começou por ler um texto informativo com os alunos e colocou algumas perguntas de interpretação. De seguida, fez algumas perguntas de análise gramatical. Na área de Matemática, resolveu oralmente um exercício de lógica com os alunos. Na área de Estudo do Meio, mostrou uma apresentação em *powerpoint*, onde abordava as características principais do animal. No fim, mostrou dois vídeos como consolidação.

Após o intervalo, fui eu que dei a minha aula. Esta incidia sobre o animal Suricata. Na área de Português, li um excerto de um livro intitulado “Os buracos da Suricata”, em voz alta. Os alunos leram igualmente o texto e, de seguida, responderam a algumas perguntas de interpretação e de análise gramatical, colocadas por mim. Na área de Matemática, resolvi oralmente com os alunos um exercício de lógica, utilizando uma tabela de dupla entrada. Na área de Estudo do Meio, mostrei uma apresentação em *powerpoint*, onde abordei, através de imagens e um exercício de verdadeiro e falso, as características deste animal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Durante esta manhã, tanto eu como a minha colega de estágio aplicámos um exercício de lógica nas nossas aulas.

Jensen (2002) refere que “o melhor modo de desenvolver um cérebro é através da resolução de problemas que constituem desafios” e que “as crianças necessitam de resolver problemas complexos e aliciantes” (p.60)

Estes exercícios para além de não rotineiros, possuem um carácter motivador e desafiante para os alunos. Desenvolvem o raciocínio lógico-matemático e a capacidade interpretativa e de resolução de problemas. Segundo Canals (1992) citado por Alsina (2004) “o raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos” (p.11)

Estes problemas devem ser propostos aos alunos, com o intuito de adquirir, conhecimentos matemáticos, mas também interessá-lo e estimulá-lo para uma aprendizagem mais ativa e interessante.

### **Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013**

Esta manhã começou com a correção dos trabalhos de férias. Estes consistiam em várias operações com números decimais. A professora aproveitou a correção das operações de dividir, para relembrar as partes constituintes da operação. Seguidamente, os alunos passaram os sumários e, de seguida, a professora realizou a avaliação da leitura com um texto que entregou aos alunos, intitulado “Os Muçulmanos na Península Ibérica”. Após a avaliação, a professora realizou um jogo com os alunos que consistia na leitura em voz alta do texto e, cada vez que a professora lesse uma palavra inexistente no texto, os alunos, que tinham o texto debaixo da mesa, teriam que bater palmas e dizer a palavra correta. Antes da ida ao recreio os alunos realizaram ainda alguns exercícios gramaticais sobre quantificadores.

Após o intervalo, a professora passou alguns exercícios de Matemática no quadro, para que os alunos os realizassem. Os exercícios abrangiam frações e o cálculo do perímetro.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia, pude constatar uma outra estratégia original, utilizada pela professora com os seus alunos. O uso de um jogo para a leitura do texto foi bastante motivador para os alunos, pois estes sempre correspondem, de uma

forma mais empenhada, a qualquer atividade que seja apresentada com vertente de jogo.

Arends (1999) defende que “os jogos, puzzles e outras actividades que sejam convidativas e contenham a sua própria motivação intrínseca é um outro meio que os professores utilizam para tornar as suas aulas interessantes.” (p.126). Com o recurso a estratégias originais e criativas, a aprendizagem dos alunos torna-se mais significativa e estimulante para os mesmos. Segundo Spodek e Saracho (1998) a criatividade é definida como “o processo de desenvolvimento de produtos originais de alta qualidade e genuinamente significativos”.(p.352). Como tal, devem ser fomentadas atividades criativas e lúdicas com as crianças, não só como mediadoras de uma aprendizagem mais dinâmicas e gratificantes, mas também como introdutoras da criatividade nas crianças.

### **Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013**

Neste dia, fui eu que fiquei encarregada de dar as aulas durante a manhã.

Comecei com a área de Português. Realizei a leitura modelo de um texto, que os alunos leram seguidamente em voz alta. De seguida, coloquei algumas perguntas de interpretação e de análise gramatical. Seguidamente, entreguei aos alunos duas palavras móveis em papel, formadas por composição morfossintática (malmequer e passatempo), que estavam presentes no texto lido anteriormente e pedi que dividissem essas mesmas palavras em duas ou três palavras com sentido. A partir deste exercício, e através de um esquema conceptual no quadro expliquei a formação de palavras por composição morfossintática. Depois, entreguei uma imagem a cada dois alunos e pedi que formassem, com letras móveis, a palavra correspondente à imagem. Estas palavras eram todas formadas por composição morfológica e foi a partir deste exercício que expliquei este processo de formação, completando o esquema conceptual no quadro. Na área de Matemática, introduzi a multiplicação pela décima, centésima e milésima. Expus indicações, correspondentes a estas multiplicações, no quadro. De seguida, dialoguei com os alunos e deixei-os observar as indicações, para que percebessem quais as semelhanças e diferenças entre elas. Através deste exercício concluí o processo de cálculo mental a realizar nestas multiplicações. Para finalizar, mostrei uma apresentação em *powerpoint*, onde apresentava algumas situações problemáticas, em que



tiveram que empregar as multiplicações pela décima, centésima e milésima, utilizando algarismos móveis. Após o intervalo, os alunos dirigiram-se para o ginásio onde assistiram à Hora do Conto. Terminada a Hora do Conto, os alunos dirigiram-se novamente para a sala, onde continuei a minha manhã de aulas com uma aula da área de Estudo do Meio sobre os primeiros socorros. Mostrei uma apresentação em *powerpoint*, onde abordava várias situações que necessitam de primeiros socorros e o que fazer nestas situações.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Desta manhã de aulas devo destacar a utilização de um esquema conceptual para a apresentação da matéria lecionada na área de Português.

Estes organizadores gráficos ajudam o professor a expor a matéria, de uma forma coerente e organizada, e facilita a compreensão dos alunos. Jensen (2002) afirma que o uso dos organizadores gráficos, tais como os esquemas, “são um modo de dar à informação um contexto para uma melhor compreensão e significação” (p.148)

Considero que esta estratégia, utilizada na minha aula, foi pertinente, no entanto, teria sido mais eficaz, se os alunos tivessem acompanhado o meu esquema no seu lugar, construindo o seu, individualmente. Isto teria facilitado ainda mais a compreensão da matéria e serviria como um suporte para o estudo posterior. O mesmo autor cita que “muitos professores bem sucedidos consideram que os mapas mentais ou outros organizadores gráficos ajudam os alunos a manter vivo o que aprenderam.” (p.166)

Em conclusão, com esta aula constatei a importância de saber construir um bom esquema conceptual e, certamente, irei utilizá-los no futuro nas minhas aulas.

### **Terça-feira, 8 de janeiro de 2013**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos assistiram à conclusão da minha aula. Acabei de abordar os restantes conteúdos à cerca dos primeiros socorros.

De seguida, umas colegas de estágio do 2.º ano da licenciatura em Educação Básica, lecionaram uma aula em conjunto, sobre os pontos cardeais. Fizeram uma breve apresentação em *powerpoint* e terminaram a aula com a realização de uma proposta de trabalho.

Antes do recreio, eu e as minhas colegas de estágio conversámos com a professora da turma, para obter um feedback relativo às nossas aulas.

Após o recreio assistimos à apresentação de um trabalho de um grupo de alunos sobre o canário. Os alunos abordaram as principais características desta ave, e levaram um animal para mostrar aos colegas de turma.

No final da manhã, assistimos a uma aula de Matemática com a utilização do material estruturado 5.º Dom de Froebel. A professora começou por questionar os alunos relativamente às características deste material. Trabalhou com eles a representação de frações, pediu a um aluno que relembresse o conceito de denominador e numerador e trabalhou o conceito de frações equivalentes, pedindo que indicassem frações equivalentes de seis meios, representando no quadro. De seguida, realizaram a construção do cruzeiro. À medida que os alunos iam construindo o cruzeiro, a professora solicitou algum cálculo do perímetro. Por fim, a professora ditou algumas situações problemáticas, que resolveram em conjunto.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia, considero importante referir a pertinência do *feedback* no processo de avaliação.

Fernandes (2005) refere que “(...) o propósito (...) da avaliação é o de melhorar as aprendizagens, é o de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades (...)” (p.23) e ainda que “(...) é o *feedback* que contribuiu para a plena integração da avaliação, do ensino e da aprendizagem.” (p.77). O *feedback* é indispensável num processo de formação, pois este deve servir como fonte de informação sobre a prestação dos alunos, sendo que deverá levar a uma alteração, se necessária. O mesmo autor cita que

o feedback desempenha um papel crucial na aprendizagem porque, através dele, os alunos são sistematicamente lembrados dos níveis de aprendizagem, ou dos standards, que é necessário alcançar e ficam cientes dos seus próprios progressos tendo em conta a comparação com os seus próprios desempenhos anteriores ou critérios previamente definidos. (p.84)

No percurso de formação profissional, considero que estes momentos de reflexão, junto da professora, contribuíram de uma forma bastante positiva para a superação das dificuldades e para o desenvolvimento das minhas capacidades.

### **Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013**

Nesta manhã, os alunos começaram a manhã a trabalhar com o material estruturado Calculadores Multibásicos. A professora começou por solicitar aos alunos que unissem duas placas pela extremidade, para trabalhar a leitura de números. Ditou as peças e, de seguida, pediu a leitura por cores, ordens e classes. Seguidamente, introduziu uma nova atividade a realizar com o recurso a este material: um pictograma. Começou por perguntar o que é um pictograma, sendo que aceitou as respostas dadas pelos alunos, completando-as. Deu um título ao gráfico, falou da importância da legenda e, no quadro, escreveu a tabela de frequência absoluta. Os alunos construíram o pictograma, usando o material e a professora desenhou, igualmente, o pictograma no quadro. Após terminarem a construção, os alunos guardaram o material e realizaram uma proposta de trabalho sobre o pictograma.

Após o intervalo, os alunos realizaram um exercício ortográfico. Seguidamente, a professora pediu a um aluno que lesse o ditado e a um outro aluno que referisse os sinais de pontuação existentes, com o objetivo de rever o ditado. De seguida, a professora propôs a realização de um bingo de verbos. Dividiu a turma em quatro grupos, sendo que cada grupo possuía dois cartões que tinham que ir preenchendo com bolinhas de plasticina. A professora foi pedindo as conjugações dos verbos que foram saindo ao longo do jogo.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os Calculadores Multibásicos são um material estruturado, com grandes potencialidades, ao nível do desenvolvimento de competências Matemáticas nos alunos. É muito usado para trabalhar a leitura de números, tal como pude observar ao longo do meu período de estágio, e neste dia em particular. Caldeira (2009) refere que “devem fazer-se diversos exercícios de leitura de números” (p.202). Estes exercícios devem ser feitos diariamente com o objetivo de desenvolver o sentido do número ou seja “à compreensão global e flexível dos números” (p.203)

A professora utilizou este material para trabalhar a estatística que Caldeira refere que “é o ramo da Matemática que tem por objetivo obter, organizar e analisar uma informação”(p.273). Os alunos devem ser motivados e levados a recolher dados, interpretá-los e depois representar esses mesmos dados.

A mesma autora refere que “a informação pode ser apresentada em: tabelas de frequência; gráficos de barras; pictogramas (...)” (p.273).

Nesta aula, a professora ensinou aos seus alunos como representar um pictograma usando os Calculadores Multibásicos. Como referem Ponte e Serrazina (2000) “num pictograma usa-se uma representação do nosso objecto, que se repete o número de vezes adequado, para indicar a quantidade dos elementos que existe em cada categoria.”(p.215)

A escolha das questões a trabalhar reincidiram nos gostos dos alunos, o que tornou a aula mais motivadora e com uma aprendizagem mais ativa por parte dos mesmos.

### **Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013**

Neste manhã, foi a minha colega de estágio que ficou responsável pela manhã de aulas.

A minha colega começou por dinamizar a aula de Português com uma apresentação em *powerpoint* sobre as onomatopeias. Explicou em que consistiam as onomatopeias e as palavras onomatopaicas. Seguidamente, fez a leitura modelo de um texto que, seguidamente, os alunos leram em voz alta. De seguida colocou, oralmente algumas perguntas de interpretação, bem como algumas de análise gramatical. Na área de Matemática, a minha colega apresentou o diagrama de caule e folhas.

Na área de Estudo do Meio, a minha colega começou por mostrar uma pequena apresentação em *powerpoint*, em que realizou uma atividade experimental com os alunos, dividindo a turma em quatro grupos de trabalho. Distribuiu o material e leu o protocolo em conjunto com os alunos. A experiência consistia em verificar quais os solos permeáveis e quais os impermeáveis.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia, devo destacar, pela positiva, a estratégia utilizada na sua aula de Estudo do Meio, proporcionando um momento de trabalho de grupo entre os alunos.

Na vida em sociedade confrontamo-nos com situações em que é necessária a capacidade de confronto de ideias e argumentações, bem como a partilha de ideias e a cooperação. Assim, o trabalho de grupo na escola, segundo Pato (1997) “coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e reagir” (p. 9). Este tipo de estratégia, utilizada em sala de

aula, permite uma aprendizagem cooperativa e permite ainda o desenvolvimento de valores e atitudes, como a capacidade de ouvir o outro e de aceitar diferentes ideias e opiniões. Para além disso, os alunos divertem-se enquanto aprendem, tornando-se esta prática bastante motivadora para os mesmos, tal como cita o mesmo autor, que refere que “o trabalho de grupo é, em si mesmo, motivador da aprendizagem de crianças e jovens, independentemente do tema ou do conteúdo da actividade e da relação que têm com o professor” (Pato, 1997, p.50)

### **Terça-feira, 15 de janeiro de 2013**

A manhã de estágio começou com a correção do trabalho de casa, feito no fim de semana. Estes trabalhos consistiam na conjugação de verbos e na realização de diferentes operações com números decimais.

Após passarem os sumários da manhã, a professora realizou, oralmente com os seus alunos um exercício com o diagrama de caule e folhas. Explicou como se constrói este gráfico, organizando a sua construção no quadro. Por fim, passou um apontamento sobre a construção deste diagrama, para que os alunos o passassem para o caderno.

Terminado o recreio, os alunos regressaram à sua sala, onde tiveram uma aula de Português, em que a professora introduziu nova matéria: os pronomes e os determinantes possessivos. Começou por escrever uma frase no quadro, onde estavam presentes um pronome e um determinante possessivo. De seguida, pediu aos alunos que identificassem as duas palavras que indicassem posse. Explicou a diferença entre um pronome e um determinante e, de seguida, pediu exemplos de frases do mesmo género aos seus alunos. Seguidamente, e como forma de memorização, a professora ditou várias vezes os pronomes e determinantes possessivos, que os alunos repetiram inúmeras vezes em forma de mote. Para terminar a aula, os alunos resolveram uma proposta de trabalho sobre esta matéria.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Devo destacar, desta manhã, a aula de gramática dada pela professora, que incidia sobre os pronomes e os determinantes possessivos. A professora levou os seus alunos à descoberta do significado de posse e a forma como se usam esta classe de palavras. Segundo Reis e Adragão (1992) “a aprendizagem da língua materna deve fazer-se por processos de descoberta e, assim, o aluno,

em vez de se limitar a registrar leis e regras, deve, na aula, aprender a construir a gramática” (p.82)

Os alunos demonstraram-se empenhados em dar exemplos aquando pedidos pela professora, o que tornou a aula mais dinâmica.

A estratégia utilizada pela professora, no intuito de decorarem os pronomes e determinantes, foi igualmente motivadora para os alunos. Segundo Wolfe (2004) “a rima e o ritmo constituem estratégias importantes para armazenar informação, a qual de outro modo seria de difícil retenção.” (p.157). São estratégias que divertem os alunos, sendo que foi visível o seu empenho, e que facilitam a interiorização de informação que de uma forma não tão apelativa, seria de mais dificuldade, pois “a aprendizagem de um conteúdo integrado numa música ou numa rima é geralmente mais eficaz” (p.159)

### **Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013**

Nesta manhã de estágio dei uma aula extra, em que usei o material estruturado Cuisenaire, para falar dos múltiplos de um número. Comecei por fazer algumas perguntas sobre o material, de seguida solicitei aos alunos que representassem uma soma e que a transformassem numa multiplicação. Depois pedi que os alunos representassem uma série de multiplicações relacionadas com a tabuada do quatro e indiquei que esses mesmos resultados seriam múltiplos de quatro. Solicitei o mesmo exercício com a tabuada do cinco. Pegando neste exemplo, demonstrei como se representariam os múltiplos de um número.

Seguidamente, pedi que retirassem as peças que representam os múltiplos de dois, entre dois e dez, depois entre o vinte e dois e o vinte e oito. Para terminar a aula distribuí uma proposta de trabalho, que resolvi em conjunto com os alunos.

Após o intervalo, a professora pediu aos alunos para repetirem em forma de canção os determinantes e pronomes possessivos e, de seguida, pediu-lhes para fazerem uma expressão escrita. No fim da manhã, alguns alunos leram as suas composições.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste dia dei uma aula extra que incidia sobre os múltiplos. Caldeira (2009) refere que “o múltiplo de um número inteiro é o produto de um qualquer número inteiro por esse número” (p.149) e a mesma autora refere ainda que uma

das propostas de atividades, que se pode fazer para trabalhar este conteúdo, é pedir para retirar as peças que traduzem umas multiplicações e apresentar os seus produtos, bem como pedir para representar, em extensão com as peças, os múltiplos de um número num intervalo definido. Atividades estas que adotei para o decorrer da minha aula.

Neste dia, destaco a importância de dar tantas aulas quanto as possíveis, sendo que é através desta prática que nos desenvolvemos e adquirimos a prática necessária para um futuro como docente. Para além disso, com esta aula pude mais uma vez observar e constatar a importância dos materiais no adquirir de conceitos matemáticos, pois tal como refere Caldeira (2009) “as capacidades dos alunos para pensar, raciocinar e resolver problemas são melhoradas com o uso de materiais manipulativos” (p.168)

### **Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013**

A manhã de aulas começou com a correção do trabalho de casa, que continha exercícios com a conjugação de verbos e a construção de frases em diferentes graus de adjetivos. De seguida, a professora distribuiu uma proposta de trabalho de Matemática, em que os alunos tiveram que fazer, primeiro, uma simetria e depois, resolver os exercícios. Estes consistiam na interpretação de uma situação problemática, na leitura de um diagrama caule-e-folhas e no cálculo mental da divisão ou multiplicação por 10, 100, 1000 ou por 0,1, 0,01, 0,001. Alguns exercícios foram resolvidos em conjunto com a professora, outros foram resolvidos individualmente, pois seriam para o preenchimento das grelhas de avaliação. Para a resolução dos mesmos, a professora colocou música de fundo e foi ajudar um aluno que tem algumas dificuldades.

Após o recreio, os alunos leram o texto, “Joaninha à janela” de António Torrado para a avaliação da leitura. A professora fez a leitura modelo do texto, seguindo a leitura individual de cada aluno. Seguidamente, os alunos realizaram um exercício ortográfico do mesmo texto. No fim, e com o intuito de rever todo o exercício, a professora pediu a um aluno para reler e a outra aluna para ir dizendo a pontuação.

No fim da manhã, a professora passou um exercício no quadro, que consistia na consulta do dicionário, para retirar o significado de algumas palavras presentes no texto.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Teberosky e Colomer (2003) defendem que a leitura “facilita a aprendizagem de vocabulário”(p.32). O livro e a leitura são um grande suporte para o ampliar da “bagagem” de vocabulário, para além de que, melhora a expressão oral e escrita tal como referem os mesmos autores na seguinte citação “a exposição ao material impresso, através da leitura, é um mecanismo de ampliação do vocabulário e, da mesma forma, o conhecimento do vocabulário garante a compreensão da leitura e a produção escrita”(p.32)

Os textos lidos aos alunos devem ser de fácil compreensão para os mesmos, no entanto é através destes que se vão introduzindo palavras novas enriquecendo o seu vocabulário. Como tal, é necessário o esclarecimento do significado de determinadas palavras, podendo, por vezes, fazer uso do recurso do dicionário, tal como foi feito neste dia. Antão (1997) refere que “o uso do dicionário revela-se indispensável em todos os graus de ensino, já que o vocabulário activo (...) vai aumentando à medida que o conhecimento cresce.” (p.70)

Os alunos mostraram uma grande familiarização com dicionário, tendo facilidade na sua utilização, durante a realização do exercício.

### **Terça-feira, 22 de janeiro de 2013**

Esta manhã de aulas começou com o treino das divisões com dois algarismos no divisor. Estas foram realizadas em voz alta e no quadro da sala. Após passarem os sumários, corrigiram os erros do exercício ortográfico feito no dia anterior e lembraram a diferença entre um pronome e um determinante. A professora pediu a um aluno que lhe desse um exemplo de uma frase com um pronome possessivo e a um outro aluno uma frase com um determinante possessivo. Pegando no verbo “ter” presente numa das frases feitas pelos alunos lembrou as conjugações dos verbos e pediu para o conjugarem no presente do indicativo, no infinitivo pessoal, no futuro e no pretérito-mais-que-perfeito. Seguidamente, a professora distribuiu uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais que abrangiam os determinantes, a análise sintática de frases, os graus dos adjetivos e análise morfossintática de palavras.

Após o recreio, os alunos terminaram a proposta de trabalho. De seguida, a professora lembrou a diferença entre área e perímetro para a realização de uma proposta de trabalho, em que calcularam o perímetro, e a área de uma figura. Os exercícios consistiam ainda na construção de figuras com áreas



equivalentes e na realização de situações problemáticas que a professora avaliou para o preenchimento das grelhas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A sala do 3.º ano é uma sala bastante apelativa, na qual se encontram expostos nas paredes e no *placard*, algumas tabelas, esquemas e fórmulas das matérias já conhecidas pelos alunos. Considero que uma sala apelativa melhora as aprendizagens das crianças. Está provado que o cérebro é mais desenvolvido num ambiente enriquecido (Jensen, 2002, p.67). O ambiente de sala de aula pode ser enriquecido através da utilização de cor e, para além disso, a exposição de alguns conteúdos ajuda na assimilação e memorização dos mesmos. Para além disso, os alunos sentem-se mais seguros por poderem observar e relembrar a qualquer momento algo que suscite dúvida. Jensen (2002) refere que “faz já parte do passado o tempo em que os professores podiam justificar uma sala inóspita com a ideia que a transmissão de informação num só sentido era a única forma de desenvolver a aprendizagem” (p.67). Hoje em dia, como menciona o mesmo autor, quer-se “um ambiente rico na sala de aula, cheio de cartazes, estruturas móveis, mapas, desenhos e gráficos será razoavelmente bem aceite pela maior parte da turma” (p.66)

### **Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013**

Esta manhã de estágio começou com uma aula da minha colega, que utilizou o material estruturado Cuisenaire e algarismos móveis para trabalhar a potenciação. Começou por fazer multiplicações com fatores iguais para, de seguida, explicar os conceitos de base e expoente, assim como o de potência. Seguidamente, a minha colega pediu aos alunos que realizassem diferentes exercícios. Nuns dava a potência e as crianças tinham de representar com as peças, noutros ditava as peças e elas tinham de representar a potência. Para terminar a aula, distribuiu uma proposta de trabalho relativa a este tema com diversos exercícios.

Após o recreio, metade da turma ausentou-se para a aula de Cerâmica. Nesta parte da manhã, a professora lembrou os alunos onde tinham ficado no “Mundo das Histórias”. O “Mundo das Histórias” consiste num livro que cada aluno vai fazendo ao longo do ano escolar, sendo que cada parte é escrita num tipo de texto diferente. Neste dia, os alunos tiveram que escrever um panfleto. Paralelamente à escrita do panfleto, eu e a minha colega de estágio, juntamente

com a professora, falámos sobre as aulas e fizemos uma apreciação de todo o período de estágio.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Neste último dia de estágio considero importante destacar a grande ajuda que me foi prestada pela professora titular desta turma.

Durante todo o período de estágio, a professora demonstrou uma grande vontade de nos auxiliar, tanto nos preparativos para as aulas, como nos colocou bastante a vontade para qualquer dúvida ou problema existente. Contribuiu bastante com a sua experiência, sabedoria e partilha para o desenvolvimento do meu crescimento profissional, com as suas críticas bastante construtivas.

Creio que estabeleci uma boa relação com a professora, o que considero importante. Gonçalves e Gonçalves (2002) citados por Barbosa (2012) referem que:

(...) no processo de formação, o jogo relacional, entre formador e formando, assume uma importância crucial, na medida em que a relação entre eles se pode configurar como inibidora do desenvolvimento se for fechada, diretiva e constrangedora, ou facilitadora do crescimento de ambos, se pelo contrário, se constituir como franca, autêntica e empática (p.597)

Considero portanto, que este período de estágio foi bastante motivador para mim, por isso quero agradecer a esta professora, que constituiu um grande exemplo a seguir no futuro.

## Capítulo 2 – Planificações

### Descrição do capítulo

O presente capítulo tem como objetivo procurar fundamentar o que se prende com o ato de planificar e o porquê de o fazer. Será também abordado o modelo de planificação usado pelos Jardins-Escola João de Deus, denominado por Modelo T, de uma forma adaptada.

Na parte que se segue deste capítulo serão apresentadas quatro planificações feitas ao longo do período de estágio, sendo que duas são referentes à Educação Pré-Escolar e as outras duas, ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

As planificações referentes ao momento de estágio em Educação Pré-Escolar correspondem aos domínios do Conhecimento do Mundo e Iniciação à Matemática. As planificações referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico referem-se às áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

### 2.1. Fundamentação Teórica

Para Zabalza (2000), planificar trata-se de “converter uma ideia ou um propósito num curso de acção”(p. 47). Clark y Yinger (1979), mencionados por Braga (2001), “assinalam que no processo de planificação se misturam elementos de pensamento, juízos e tomada de decisões” (p.34).

Arends (1999) defende que “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor” (p.44)

De acordo com Altet (2000), quando planificam, “os professores, antecipadamente, reúnem a documentação, definem os objectivos, escolhem um método, optam por determinado material e desta forma constroem um cenário que determina as interacções que irão desenrolar na aula.” (p.113)

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), na planificação “trata-se de seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos”

Planificar é prever e preparar a aula, de forma a tornar a aprendizagem dos alunos mais completa e funcional para os alunos. Tal como refere Zabalza, citado por Braga, Vilas-Boas, Alves, Freitas e Leite (2004):

(...) a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos (p.27)

Clark e Yinger (1979), referidos por Zabalza (2000), agruparam os motivos que levam os professores a planificar em três tipos de categorias:

(i) “os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.”; (ii) “os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição de tempo, etc.”; (iii) “os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc.” (p.48-49)

Bullough (1989), citado por Braga (2001) refere que “quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro” (p.34). O mesmo autor defende que “a planificação deve ser realizada com o objectivo de manter os alunos interessados e intelectualmente despertos” (p.35)

A planificação pode ser realizada pela escola, enquanto conjunto, ou pelo professor, direccionando-a para a sua turma. A primeira, que é realizada pela escola, corresponde ao Projeto Curricular de Escola.

A circular n.º 17/2007 descreve o Projecto Curricular de Escola como um “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola (...)”. O professor irá construir a sua planificação baseada no Projeto Curricular de Escola, adaptando esse currículo à realidade da sua turma. Este currículo consiste no Projeto Curricular de Grupo/Turma. A circular n.º 17/2007 descreve este documento como “o documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projecto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma”.

O currículo de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), pode ser definido como “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover.” (p.51)

Pérez (s.d.), afirma que parte-se do currículo oficial e efetuam-se adaptações curriculares específicas, como o desenho curricular de aula. (p.7-8). Este autor defende ainda que o desenho curricular implica a seleção dos elementos fundamentais do currículo, que são expostos numa planificação adequada, para se desenvolverem nas aulas. (p.7)

Em termos temporais existem três tipos de planificação: a planificação a longo, a médio e a curto prazo.

A planificação a longo prazo, segundo Spodek e Saracho (1998) “ajuda a visualizar as actividades escolares do ano inteiro, permitindo que construam novas actividades a partir das experiencias prévias das crianças.” Os mesmos autores referem que “ao desenvolverem planos a longo prazo, os professores identificam as linhas mestras que vão costurar os vários elementos do programa durante o ano.” (p.122).

A planificação a médio prazo corresponde aos planos de uma unidade de ensino, ou de um período de aulas. Arends (1999) refere que “basicamente, uma unidade corresponde a um grupo de conteúdos e de competências associadas que são percebidas como um conjunto lógico.” (p.59-60) Para planificar uma unidade, é necessário interligar objectivos, conteúdos e actividades.

Nas planificações a curto prazo, Spodek e Saracho (1998) referem que “os professores levam em consideração o equilíbrio diário do programa e as relações que podem estabelecer entre as diferentes áreas de conteúdo.” (p.124) Estes planos diários para Arends (1999) “esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação.” (p. 59)

As planificações realizadas por mim no decorrer do mestrado correspondem a este tipo de planificações.

O modelo de planificação usado nos Jardins-Escola João de Deus consiste numa adaptação do Modelo T da autoria do Professor Martiniano Pérez.

Pérez (s.d.b) refere que este modelo se denomina por modelo T porque tem a forma de um T duplo. Este modelo lê-se de cima para baixo e da esquerda para a direita.

O modelo T da autoria de Pérez é elaborado para o mínimo de 6 semanas e no máximo de 12 semanas, enquanto que o modelo T usado pelos Jardins-Escola é feito para uma manhã de aulas ou para algumas horas.

Quadro 10 – Modelo de planificação adoptada pela Associação de Jardins-Escola João de Deus

<b>Jardim-Escola João de Deus</b>		
<b>Plano de aula</b>		
<b>Tempo:</b>  <b>Ano e turma:</b>  <b>Professora:</b>  <b>Data:</b>	<b>Nome:</b>  <b>Ano:</b>  <b>Número:</b>	
<b>Área</b>		
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>	
<b>Capacidades – Destrezas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
Plano baseado no modelo T de aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		

Segundo Pérez (s.d.a) o modelo T “trata de agrupar os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais formas de fazer.”(p.7) Este modelo permite-nos ter uma melhor preceção do caminho que o professor vai correr para chegar ao seu objetivo e quais as competências que o aluno deve adquirir.

Por conteúdos Pérez (s.d.a) define-os como formas de saber.

O mesmo autor define método/procedimento por “um caminho para... e este para deve ser objectivo. Também costuma chamar-se actividade geral (...)”

(p.9). Ou seja, trata-se das estratégias utilizadas na aula, isto é, os passos a percorrer no decorrer da aula.

Por capacidade entende “uma habilidade geral, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo, (...) constituem os objectivos fundamentais”(p.8).

Por fim, define ainda destreza como “uma habilidade específica, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade”(p.8)

## 2.2. Planificações

### 2.2.1. Planificação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

O seguinte plano apresentado é referente a uma aula dada no dia 21 de outubro de 2011 na turma referente às crianças com 5 anos de idade.

Quadro 11 – Planificação referente à Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

Jardim-Escola		
<b>Tempo:</b> 20/30 minutos		<b>Nome:</b> Daniela Filipa Figueira Cardoso  <b>Ano:</b> MEPE1C <b>Turma:</b> B <b>Nº:</b> 8
<b>Ano e turma:</b> 5 anos		
<b>Professora:</b>		
<b>Data:</b> 21 de outubro de 2011		
Conhecimento do Mundo		
Conteúdos	Procedimentos/Métodos	
- Cálculos <ul style="list-style-type: none"><li>Somas</li><li>Subtrações</li><li>Lateralidade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Dialogar com os alunos sobre as imagens, indicando a função do material.</li><li>Realizar um jogo que consiste em colocar tantas gotas de água quantas as indicadas, de acordo com a maraca, no lado correto do chapéu.</li></ul>	
Capacidades – Destrezas	Objetivos	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li><b>Participar</b><ul style="list-style-type: none"><li>Dialogar</li></ul></li><li><b>Experimentar</b><ul style="list-style-type: none"><li>Identificar</li><li>Localizar</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li><b>Atenção</b></li><li><b>Responsabilidade</b><ul style="list-style-type: none"><li>* esforçar-se</li></ul></li><li><b>Promover o gosto pelo cálculo</b></li></ul>
<b>Material:</b> Imagens de chapéus de chuva, gotas de água e maraca.		
Plano baseado no modelo T de aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		



## Inferências e Fundamentação Teórica

Esta aula foi dada no âmbito de uma aula dada anteriormente, que incidia no ciclo da água.

Para a execução desta aula, cada menino tinha uma imagem de um chapéu de chuva dividido em duas cores, bem com um conjunto de gotinhas de água feitas em cartolina.

No primeiro procedimento, **“Dialogar com os alunos sobre as imagens, indicando a função do material”**, comecei por explicar que iriam ter que colocar tantas gotinhas quantas as necessárias, no lado do chapéu que eu indicasse. O número de gotinhas era indicado através do número de vezes que eu tocasse com a maraca. Considero que, com a explicação dada, os alunos compreenderam bem o que era suposto fazer e ficaram motivados para tal.

A utilização de materiais nas aulas deve ser um factor preponderante no planeamento das mesmas, pois são uma mais valia nas aulas, sendo que as tornam mais ricas e completas. Segundo Caldeira (2009), material “é qualquer objecto manipulável, utilizado na sala de aula, para auxiliar o ensino (e os professores), a aprendizagem (dos alunos), tendo o papel de auxiliar na construção/reconstrução de conceitos(...)”(p.19).

A utilização dos materiais permite à criança a manipulação dos mesmos, que leva a construção de conceitos abstratos e, que são melhor aprendidos numa fase mais inicial, quando vivenciados no concreto. Tal como afirmam Damas et al. (2010) “antes da fase de abstracção as crianças devem passar por situações concretas que lhes permitam, não só a construção de certos conceitos como, também, uma melhor estruturação dos mesmos.” (p.5). Segundo o Ministério da Educação (2004) “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar reposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.”(p.168)

O professor/educador utiliza os materiais com o objetivo de motivar os seus alunos para as atividades a desempenhar. Os alunos são estimulados e têm naquela atividade o prazer de manipular os objetos e participar na aula de uma forma mais ativa e empenhada pois, segundo os mesmos autores, “o prazer de fazer leva os alunos a envolverem-se na sua própria aprendizagem”(p.7)

O último procedimento realizado foi **“Realizar um jogo que consiste em colocar tantas gotas de água quantas as indicadas, de acordo com a**

**maraca, no lado correto do chapéu.”** Este procedimento tinha como função principal a concretização de cálculos tanto no concreto como também através de cálculo mental.

Segundo Morgado (1993) “as tarefas de cálculo mental são normalmente actividades altamente motivadoras para as crianças.”(p.63) e são deveras importantes para o desenvolvimento de uma boa elasticidade mental.

Para tornar a aula mais dinâmica e desafiante para os alunos, integrei estes processos de cálculo num jogo pois, tal como afirma Lopes (1992) citado por Caldeira (2009) “a criança aprende jogando.” (p.45)

Caldeira (2009) refere que “a ludicidade e a aprendizagem não podem ser consideradas como acções com objectivos distintos. O jogo e a brincadeira são por si só, uma situação de aprendizagem.”(p.40) e, ainda, que “a criança joga espontaneamente e aprende também de forma espontânea. Assim vai aparecendo uma conexão entre jogar e aprender.”(p.43)

Os jogos, implementados em sala de aula, constituem momentos desafiantes para os alunos e que permitem uma aprendizagem mais significativa. Kamii (1995), citado pela autora referida anteriormente, defende que as actividades com jogos “fornecem oportunidades para criar estratégias, um trabalho intelectualmente muito mais estimulante”(p.49)

### 2.2.2. Planificação do Domínio do Conhecimento do Mundo

O seguinte plano apresentado é referente a uma aula dada no dia 23 de janeiro de 2012 na turma referente às crianças com 4 anos de idade, onde o tema geral da aula foi “o pinguim”.

Quadro 12 – Planificação referente ao Domínio do Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola		
Plano de aula		
<b>Tempo:</b> 20/30 minutos		<b>Nome:</b> Daniela Filipa Figueira Cardoso  <b>Ano:</b> MEPE1C <b>Turma:</b> B Nº: 8
<b>Ano e turma:</b> 4 anos		
<b>Professora:</b>		
<b>Data:</b> 23 de janeiro de 2012		
Conhecimento do Mundo		
Conteúdos		Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"><li>O Pinguim</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Abrir um ovo para descobrir qual o animal de que vamos falar;</li><li>Localizar geograficamente no mapa a Antártida;</li><li>Mostrar através de um power point várias imagens de pinguins com o objetivo de explorar as diferentes características do animal;</li></ul>
Capacidades – Destrezas	Objetivos	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li><b>Participar</b><ul style="list-style-type: none"><li>Dialogar</li></ul></li><li><b>Experimentar</b><ul style="list-style-type: none"><li>Identificar</li><li>Localizar</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Atenção</li><li>Respeito</li></ul>
<b>Material:</b> Ovo, peluche de pinguim e power point.		
Plano baseado no modelo T de aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		

## Inferências e Fundamentação Teórica

Antes de realizar esta aula, li o livro “Os ovos misteriosos” da Luísa Ducla Soares, que partiu para o primeiro procedimento deste tema “pinguim”. O primeiro procedimento **“Abrir um ovo para descobrir qual o animal de que vamos falar”** foi um aspeto bastante marcante na aula, pois consegui, com este procedimento, criar uma sensação de entusiasmo e curiosidade nas crianças por descobrir qual o animal que estaria dentro do ovo. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), a curiosidade deve ser “fomentada e alargada na Educação Pré-Escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.” (p.79)

Desta forma, consegui manter a turma atenta e interessada e criar situações novas para os alunos realizarem a aprendizagem.

No que se refere ao procedimento **“Localizar geograficamente no mapa a Antártida”**, localizei no mapa o continente onde habitam a maioria das espécies de pinguim. Visto ser um local inacessível para a maior parte, penso que é importante a utilização dos mapas como forma de situar esses mesmos locais. Tal como referem Spodek e Saracho (1998), “os professores podem trazer mapas (...) que podem ajudar as crianças a familiarizarem-se com áreas (...) que não podem visitar ou explorar” (p.333-334)

O último procedimento realizado foi **“Mostrar através de um powerpoint várias imagens de pinguins com o objetivo de explorar as diferentes características do animal”**. Para explorar as características do animal e mostrar as imagens, optei por utilizar o *powerpoint*, de forma a tornar a aula mais apelativa e estimulante. É também uma forma de tornar as imagens visíveis a todos. Tal como afirma Silveira-Botelho (2009), as TIC: “quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente.” (p.104)

O tema “os animais” é bastante apreciado pelas crianças, que demonstram uma grande curiosidade e interesse. Tal como refere Catita (2007) “a abordagem ao tema “os animais” é fascinante para as crianças destas idades. As crianças têm uma relação face ao mundo animal muito diferente da dos adultos. Vêm nos animais espécies de um mundo semelhante ao dos humanos”.(p.66)

### 2.2.3. Planificação da Área curricular de Estudo do Meio

A seguinte planificação é referente a uma aula dada no dia 12 de junho no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais na turma do 1.º ano B, na Área curricular de Língua Portuguesa.

Quadro 13 – Planificação referente à área curricular de Estudo do Meio

Jardim-Escola		
Plano de aula		
<b>Tempo:</b> 60 minutos		<b>Nome:</b> Daniela Filipa Figueira Cardoso
<b>Ano e turma:</b> 2.º ano		
<b>Professora:</b>		
<b>Data:</b> 12 de junho de 2012		
<b>Estudo do Meio</b>		
Conteúdos		Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"><li>Polinização<ul style="list-style-type: none"><li>- Direta</li><li>- Indireta</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Introduzir o tema da aula através de uma adivinha;</li><li>Distribuir uma flor por cada dois alunos;</li><li>Observar os órgãos reprodutores da flor;</li><li>Mostrar uma apresentação em <i>powerpoint</i> onde abordo o conceito de polinização e diferencio polinização direta e indireta;</li></ul>
Capacidades – Destrezas	Objetivos	Valores – Atitudes
<b>Expressão oral</b> <ul style="list-style-type: none"><li>Analisar textos</li><li>Fluidez verbal</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Atenção</li><li>Respeito</li></ul>
<b>Material:</b> flores, powerpoint.		
Plano baseado no modelo T de aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		

## Inferências e Fundamentação Teórica

Nesta planificação, estão presentes três procedimentos.

Comecei esta aula com o seguinte procedimento: **“Introduzir o tema da aula através de uma adivinha”**. Ditei a adivinha aos alunos, de forma a que todos conseguissem ouvi-la. Considero que a introdução das aulas deve ser estimulante e apelativa, de forma a despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. Como tal, a utilização da adivinha, como forma de partir para uma matéria nova, captou a atenção dos alunos.

Segundo Diniz (1993) “a adivinha é a descrição de um ser ou objecto por particularidades que lhe são próprias, propositadamente apresentadas de modo metafórico ou ambíguo de modo a tornar difícil a sua decifração.” (p.64)

Franco (1999) afirma que “as adivinhas desenvolvem o poder de observação da realidade e a capacidade de reflexão, surpreendendo, por vezes com algum humor, situações do quotidiano.” (p.127). A utilização das adivinhas tem inúmeras vantagens, pois tal como refere Diniz (1993) são “fáceis de fixar, devido à rima e à sua curta extensão, têm sido usadas para tornar o ensino mais vivo e como formas de entretenimento. Podem ainda constituir um dos primeiros encontros da criança com a expressão poética” (p.65)

O segundo e terceiro procedimentos executados, **“Distribuir uma flor por cada dois alunos”** e **“Observar os órgãos reprodutores da flor”**, foram feitos com o intuito de que os alunos explorassem visualmente, e no concreto, os órgãos reprodutores da flor.

Para este procedimento, deixei que os alunos manipulassem e observassem a flor durante alguns minutos, antes de passar ao seguinte procedimento. Tal como refere Martins et al. (2009) “deverá ser sempre respeitado o tempo de exploração de cada criança, permitindo-lhe manipular livremente os materiais em busca da satisfação da sua curiosidade e das suas questões.”(p.21)

O último procedimento **“Mostrar uma apresentação em *powerpoint* onde abordo o conceito de polinização e diferencio polinização direta e indireta.”**

Considero que o ensino das ciências deve estar presente, pois para além de serem temas que, no geral, cativam os alunos e saciam as suas dúvidas, permite a formação de indivíduos mais competentes cientificamente e sensibilizados para a ciência no geral. Craidy e Kaercher (2001) comentam que

“o ensino das ciências na educação infantil propicia a interacção com diferentes materiais, a observação e o registo de muitos fenómenos, a elaboração de explicações, enfim a construção de conhecimento e de valores pelas crianças.”  
(p.163)

Para lecionar esta aula recorri a utilização das TIC.

Segundo Silveira-Botelho (2009) as *TIC* possibilitam dar

resposta, de forma rápida, à grande curiosidade das crianças, permitindo abrir a porta da sala de actividades a todo um leque de conhecimentos que, integrado no conjunto do trabalho desenvolvido, pode contribuir para uma visão mais ampla e para uma melhor compreensão do mundo.(p.118-119)

Permitem, assim, uma melhor compreensão de certos fenómenos e factos que, de outra forma, não poderiam ser vistos e explorados.

### 2.2.4. Planificação da Área curricular Língua Portuguesa

A seguinte planificação é referente a uma aula dada no dia 12 de junho de 2012 na turma do 1.º ano, na Área curricular de Língua Portuguesa.

Quadro 14 – Planificação referente à área curricular de Língua Portuguesa

Jardim-Escola		
Plano de aula		
Tempo: 20/30 minutos		Nome: Daniela Filipa Figueira Cardoso
Ano e turma: 1.º ano		
Professora:		
Data: 12 de junho de 2012		Ano: MEPE1C Turma: B Nº: 8
Língua Portuguesa		
Conteúdos		Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"><li>Interpretação de um texto</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Ler a história “O nabo gigante”;</li><li>Entregar um excerto do texto aos alunos;</li><li>Pedir aos alunos que leiam o texto em voz alta;</li><li>Colocar algumas perguntas de interpretação do texto;</li><li>Explorar gramaticalmente o texto. (quanto ao tipo e forma de frases; classificação de palavras quanto ao número de sílabas e quanto à sílaba forte; classe e a subclasse de palavras do texto; sinónimos e antónimos);</li></ul>
Capacidades – Destrezas	Objetivos	Valores – Atitudes
<p>Expressão oral</p> <ul style="list-style-type: none"><li>Analisar textos</li><li>Fluidez verbal</li></ul> <p>Participar</p>		<ul style="list-style-type: none"><li>Atenção</li><li>Respeito</li></ul>
Material: História “O nabo gigante”		
Plano baseado no modelo T de aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		



## Inferências e Fundamentação Teórica

Nesta planificação estão presentes cinco procedimentos.

Comecei esta aula por **“Ler a história “O nabo gigante””**. Li a história e mostrei sempre as imagens aos alunos. Para além disso, fui solicitando sempre aos alunos a sua participação, repetindo as frases que se iam, consecutivamente, repetindo ao longo da história. A leitura de histórias é sempre um momento especial para os alunos, sobretudo quando são estimulantes e propiciam a participação dos alunos durante o contar da história. Teberosky e Colomer (2003) afirmam que o professor “deve tentar fazer com que as crianças entrem no mundo do texto, que participem na leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais, imitando o escutado anteriormente (...)” (p.127). Para além disso, considero importante que o aluno não contacte apenas com o texto escrito em papel, mas também como a sua fonte original, ou seja o livro. Veloso (2001), citando o Ministério da Educação, refere que se deve “ler na versão integral, histórias, livros, poemas, de extensão e complexidade progressivamente alargadas, adequadas à sua idade e aos seus níveis de competência de leitura.” (p. 24).

O segundo e terceiro procedimentos executados, **“Entregar um excerto do texto aos alunos”** e **“Pedir aos alunos que leiam o texto em voz alta”**, foram feitos com o intuito dos alunos compreenderem melhor o sentido do texto e das palavras nele utilizadas. De acordo com Veloso (2001): “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica.” (p.24). Este procedimento serviu também como forma de preparação para as respostas às perguntas de interpretação, que foram feitas em seguida.

O procedimento realizado em seguida consistiu em **“Colocar algumas perguntas de interpretação do texto aos alunos”**.

Teberosky e Colomer (2003) afirmam que, “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido” (p.118). Este momento de discussão revela-se de extrema importância pois leva a um espaço e momento de comunicação entre professor/ aluno. Tal como afirma Sousa (1993):

estudar como se ensina/aprende a interpretar textos na aula de Português tendo como objecto de investigação os usos da linguagem, supõe atribuir um lugar de destaque à comunicação que se estabelece entre professor e alunos e isto porque, em situação pedagógica, o que

se comunica e, principalmente, como se comunica é fundamental ao processo de ensino/aprendizagem. (p.11).

O mesmo autor refere ainda que “a prática de comunicação que supõe o desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades que caracterizam os falantes competentes encontra, assim, na interpretação de textos, o seu momento privilegiado.”(p.17)

Nesta aula, e com a realização deste procedimento, tentei estabelecer comunicação com os alunos, tentando interagir com estes e privilegiar a sua participação e respostas às perguntas que foram colocadas.

O último procedimento realizado foi “**Explorar gramaticalmente o texto**”, onde, oralmente, fui questionando os alunos acerca dos vários aspetos aprendidos a nível do funcionamento da língua. Pedi que me identificassem o tipo e a forma de algumas frases, questionei-os quanto à classificação de palavras, quanto à sílaba forte e quanto ao número de sílabas, que me indicassem sinónimos e antónimos de algumas palavras, entre outras.

A aprendizagem do funcionamento da língua e a sua boa aplicação conduzem à prática de um discurso coerente e correto. Segundo Reis e Adragão (1992), “sendo a língua materna o sistema primário através do qual a criança modela o mundo, não seria correcto que o seu conhecimento e a compreensão do seu funcionamento não estivessem incluídos no sistema educativo” (p.80). Como tal, os momentos de exploração gramatical devem estar presentes no dia-a-dia dos alunos de forma tornar os alunos em futuros bons falantes da língua portuguesa.

## Capítulo 3 – Avaliação

### Descrição do capítulo

O presente capítulo tem como objetivo procurar fundamentar o que se prende com a avaliação e o porquê de se avaliar.

Na parte que se segue deste capítulo, serão apresentados quatro dispositivos de avaliação feitos ao longo do período de estágio, sendo que duas são referentes à Educação Pré-Escolar e as outras duas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os dispositivos de avaliação referentes ao momento de estágio em Educação Pré-escolar correspondem aos domínios do Conhecimento do Mundo e Iniciação à Matemática. As planificações referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico referem-se às áreas de Português e Matemática.

Para cada um dos dispositivos apresentei a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação, bem como a sua análise e apresentação de um gráfico.

### 3.1. Fundamentação Teórica

O ato de avaliar é ainda algo controverso. É tido como uma prática com alguma conotação negativa, mas que no fundo se torna indissociável do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo o Despacho normativo n.º 24-A/2012

a avaliação, constituindo -se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. Esta verificação deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, suprir as dificuldades de aprendizagem. A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado geral do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas em função dos objetivos curriculares fixados.

Para Ribeiro (1989) “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.” (p.75)

No entanto, a avaliação não deve ser entendida como uma simples atribuição de notas aos alunos, mas sim como uma instrumento que permite ao professor recolher informações sobre os seus alunos e também melhorar a sua metodologia e estratégias de sala de aula, visando o aperfeiçoar da aprendizagem dos alunos. Os mesmos autores referem ainda que a avaliação é “uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem.” (p.338)

Para Leite e Fernandes (2003) avaliar é um processo complexo, no qual intervêm diversos fatores “de ordem endógena e exógena relativos, quer aos sujeitos avaliados, quer aos sujeitos avaliadores” (p. 21). A avaliação é executada pelo professor, na medida em que é a este que cabe a função de recolha das informações dos alunos; no entanto, este processo não deve ser processado individualmente pelo professor. Este deve incentivar os seus alunos a participar neste processo, uma vez que a criança deve ter consciência das suas dificuldades e erros, levando à sua superação. Para Ribeiro (1989) a avaliação permite averiguar

que objectivos do ensino já atingiram num determinado ponto do percurso e que dificuldades estão a revelar relativamente a outros. Esta informação é necessária ao professor para procurar meios e estratégias que possam ajudar os alunos a resolver essas dificuldades e é necessária aos alunos para se aperceberem delas (...) e tentarem ultrapassá-las com a ajuda do professor e com o seu próprio esforço. (p.76)

Em suma, a avaliação acompanha e regula o processo de ensino-aprendizagem, permitindo saber se foram atingidos os objetivos propostos e promover a aprendizagem do aluno.

A avaliação está inerente a um processo evolutivo, como tal, existem três tipos de avaliação a que o professor recorre. A avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica deve acontecer previamente ao início do processo de ensino, e tem como objetivo principal informar professor e alunos acerca dos conhecimentos já adquiridos e das dificuldades manifestadas. Para Ribeiro e Ribeiro (1990) “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p.342) Este tipo de avaliação permite ao professor começar por conhecer

melhor os seus alunos e ajustar as metodologias e estratégias consoante os resultados obtidos.

A avaliação formativa, segundo os mesmos autores “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.” (p.348)

Segundo a Circular n.º4/2011 a avaliação formativa “é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção.” Avaliar, como já foi referido, assenta num ciclo evolutivo, em que surge a necessidade de se averiguar a evolução dos alunos, com o intuito de fazer um constante aperfeiçoamento da ação educativa. Como tal, “a avaliação formativa constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador.”

A avaliação sumativa pretende averiguar o progresso realizado pelo aluno, no final de um ciclo de aprendizagem, no sentido de aferir os resultados obtidos e que são tomados como indicadores de sucesso ou insucesso. Para Ribeiro e Ribeiro (1990) “a avaliação somativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p.359) Para Ribeiro (1989) “a avaliação somativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.” (p.89)

Em suma, a avaliação sumativa surge assim como um balanço final, que por norma é executado através do emprego de testes aos alunos, a partir dos quais os resultados são expressos de uma forma quantitativa, através da atribuição de uma nota, consoante uma escala.

No entanto, a avaliação não deve ser encarada somente como um processo pontual, aquando a aplicação de testes, mas sim como um processo contínuo, que visa o melhoramento do ensino e da aprendizagem dos alunos. Para Ribeiro e Ribeiro (1990) a função de avaliar “corresponde a uma análise

cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.337)

Para Fernandes (2005):

os professores (...) utilizam a avaliação para monitorizar o progresso dos alunos, para avaliar o currículo e proceder ao seu refinamento, para introduzir correcções no processo de ensino, para melhorar as aprendizagens, para orientar e motivar os alunos ou para preparar a atribuição de classificações. (p.17)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990) “a classificação, por seu turno, transporta para uma escala de valores a informação proporcionada pela avaliação, permitindo comparar e seriar resultados e servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos nos sistema escolar.” (p. 338)

Pais e Monteiro (1996) citam que as escalas de classificação “são registos constituídos por um conjunto de características ou qualidades que têm que ser avaliadas e por uma escala que indica o grau de apresentação de cada atributo”(p.59). Para além disso “permitem um processo sistemático, de verificar um juízo resultante da observação.”(p.60)

Assim, para chegar às classificações atribuídas aos alunos que executaram as minhas propostas de trabalho, utilizei uma escala baseada na escala de Likert.

Quadro 15 – Escala de avaliação utilizada

<b>Cotação</b>	<b>Classificação</b>
0 a 2,9 valores	Fraco
3 a 4,9 valores	Insuficiente
5 a 6,9 valores	Suficiente
7 a 8,9 valores	Bom
9 a 10 valores	Muito Bom

Em conclusão, é necessário que se caminhe para um sistema de avaliação eficaz, que vise o contínuo aperfeiçoamento processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de melhorar o aproveitamento dos alunos.

### **3.2. Dispositivo de avaliação da atividade na área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática**

#### **3.2.1. Contextualização da atividade**

No dia 18 de junho de 2012, realizei uma proposta de trabalho com as crianças com 3 anos de idade.

Esta proposta de trabalho foi realizada num dia fora do meu período de estágio e foi aplicada a 26 alunos.

Nesta proposta de trabalho foi pedido às crianças que identificassem, de entre um conjunto de três camas todas de tamanhos diferentes, a cama maior.

A proposta de trabalho encontra-se em anexo 1.

#### **3.2.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

Com o primeiro parâmetro “Identificar a cama grande”, pretende-se que o aluno saiba identificar de entre três camas representadas, qual a maior.

Com o segundo parâmetro “Motricidade Fina” pretende-se que o aluno pinte corretamente a cama grande, respeitando os contornos da figura.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco).

No seguinte quadro estão presentes as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 16 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>		<b>Cotação</b>
1. Identificação do conceito de grande e pequeno	1.1 Identifica corretamente o objeto grande	6	<b>6</b>
	1.2 Não identifica	0	
2. Motricidade Fina	2.1 Pinta dentro dos contornos da figura	4	<b>4</b>
	2.2 Não pinta dentro dos contornos da figura	0	
Total			<b>10</b>



### 3.2.3. Grelha de avaliação da atividade

No seguinte quadro, apresenta-se a grelha de avaliação da atividade.

Quadro 17 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática.

Alunos	1. Identificação do conceito de grande e pequeno	2. Motricidade fina	Total	Avaliação qualitativa
1	6	4	10	Muito Bom
2	6	4	10	Muito Bom
3	0	4	4	Insuficiente
4	6	4	10	Muito Bom
5	6	0	6	Suficiente
6	6	4	10	Muito Bom
7	6	4	10	Muito Bom
8	6	4	10	Muito Bom
9	6	4	10	Muito Bom
10	6	4	10	Muito Bom
11	6	4	10	Muito Bom
12	6	0	6	Suficiente
13	6	4	10	Muito Bom
14	6	0	6	Suficiente
15	6	4	10	Muito Bom
16	6	4	10	Muito Bom
17	6	4	10	Muito Bom
18	6	0	6	Suficiente
19	6	4	10	Muito Bom
20	6	4	10	Muito Bom
21	6	4	10	Muito Bom
22	6	4	10	Muito Bom
23	6	0	6	Suficiente
24	6	4	10	Muito Bom
25	6	0	6	Suficiente
26	6	4	10	Muito Bom
Média			8,84	Bom

### 3.2.4. Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação, referente ao primeiro parâmetro, verifiquei que apenas uma criança, do universo de 26 alunos, não foi capaz de identificar a cama grande, o que me leva a crer que não identifica o conceito de grande e pequeno.

Em relação ao segundo parâmetro, verifiquei que 20 crianças apresentam um bom desenvolvimento a nível da motricidade fina, tendo pintado o objeto pedido dentro dos contornos. Como tal, verifiquei que apenas 7 alunos ainda manifestam algumas dificuldades em pintar corretamente.

A cotação mais baixa atribuída foi um 4 a uma criança, que apresenta grandes dificuldades na identificação do conceito de grande e pequeno.

### 3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico

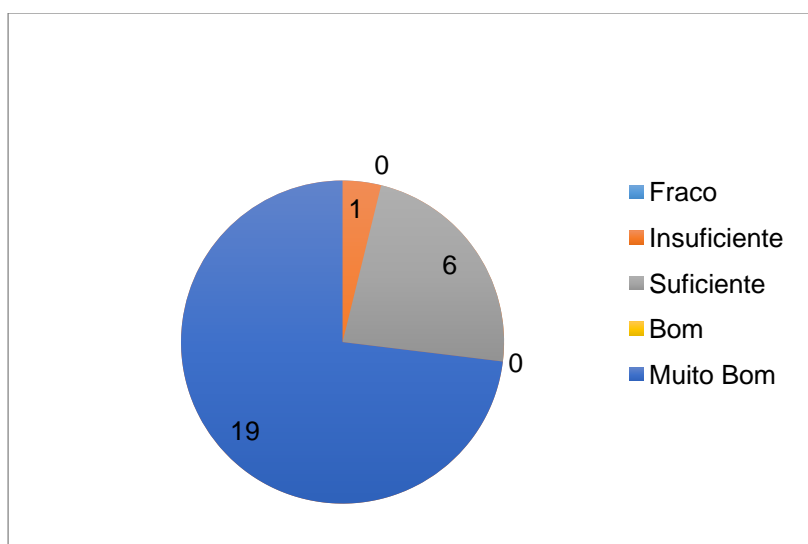


Figura 2 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática

### 3.2.6. Análise do gráfico

Através da leitura do gráfico, apresentado na figura 2, conclui-se que num total de 26 alunos, nenhum obteve a classificação de Fraco e um obteve a de Insuficiente. Verifica-se também que 6 alunos obtiveram a classificação de Suficiente e 19 de Muito Bom. Não existem alunos com a classificação de Bom.

A média aritmética foi de 8,84, arredondado às centésimas, correspondendo a uma classificação de Bom.

### **3.3. Dispositivo de avaliação da atividade na área de Conhecimento do Mundo**

#### **3.3.1. Contextualização da atividade**

No dia 18 de junho de 2012, realizei uma proposta de trabalho com os alunos pertencentes à faixa etária dos 4 anos de idade.

Esta proposta de trabalho foi realizada num dia fora do meu período de estágio e foi aplicada a 24 alunos.

Nesta proposta de trabalho foi pedido às crianças que identificassem os animais que pertencem à classe dos mamíferos e os que pertencem à classe das aves. O objetivo era circundar em amarelo, os animais mamíferos e, de verde, as aves.

#### **3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

Com o primeiro parâmetro “Reconhecimento dos animais pertencentes à classe dos mamíferos”, pretende-se que o aluno identifique, de entre um conjunto de 7 animais, os quatro mamíferos presentes.

Com o segundo parâmetro “Reconhecimento dos animais pertencentes à classe das aves”, pretende-se que o aluno identifique corretamente as três aves presentes no conjunto de 7 animais.

Com o terceiro e último parâmetro, “Identificação das cores”, pretende-se que o alunos identifique e utilize as cores pedidas para circundar os animais.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco).

No seguinte quadro estão presentes as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 18 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Reconhecimento dos animais pertencentes à classe dos mamíferos	1.1 Reconhece corretamente quatro mamíferos	5	<b>5</b>
	1.2 Reconhece corretamente três mamíferos	4	
	1.3 Reconhece corretamente dois mamíferos	3	
	1.4 Reconhece corretamente um mamífero	2	
	1.5 Resposta incorreta	0	
2. Reconhecimento dos animais pertencentes à classe das aves	2.1 Reconhece corretamente três aves	4	<b>4</b>
	2.2 Reconhece corretamente duas aves	2	
	2.3 Reconhece corretamente uma ave	1	
	2.4 Resposta incorreta	0	
3. Identificação das cores	3.1 Identificou a cor amarela	0,5	<b>1</b>
	3.2 Identificou a cor verde	0,5	
	3.3 Resposta incorreta	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### 3.3.3. Grelha de avaliação da atividade

No seguinte quadro, apresenta-se a grelha de avaliação da atividade.

Quadro 19 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Conhecimento do Mundo.

Alunos	1. Reconhecimento dos animais pertencentes à classe dos mamíferos	2. Reconhecimento dos animais pertencentes à classe das aves	3. Identificação das cores	Total	Avaliação qualitativa
1	5	4	1	10	Muito Bom
2	5	2	1	8	Bom
3	5	4	1	10	Muito Bom
4	5	4	1	10	Muito Bom
5	5	4	1	10	Muito Bom
6	5	4	1	10	Muito Bom
7	5	4	1	10	Muito Bom
8	5	4	1	10	Muito Bom
9	5	4	1	10	Muito Bom
10	5	4	1	10	Muito Bom
11	5	4	1	10	Muito Bom
12	5	4	1	10	Muito Bom
13	5	4	1	10	Muito Bom
14	5	4	1	10	Muito Bom
15	5	4	1	10	Muito Bom
16	5	4	1	10	Muito Bom
17	5	4	1	10	Muito Bom
18	5	4	1	10	Muito Bom
19	5	2	1	8	Bom
20	5	2	1	8	Bom
21	5	4	1	10	Muito Bom
22	5	4	1	10	Muito Bom
23	5	4	1	10	Muito Bom
24	5	4	1	10	Muito Bom
Média				9,75	Muito Bom

### 3.3.4. Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação, referente ao primeiro parâmetro, verifiquei que todas as crianças, do universo das 24, reconheceram os quatro animais pertencentes à classe dos mamíferos do conjunto de 7 animais.

Em relação ao segundo parâmetro, verifiquei que apenas 3 crianças não foram capazes de reconhecer os 3 animais pertencentes à classe das aves, tendo apenas reconhecido duas das mesmas.

Referente ao terceiro e último parâmetro, constatei que todas as crianças identificaram sem dificuldade as cores pedidas na circundação dos animais, tendo, por isso, todas a cotação máxima estabelecida para este parâmetro.

A cotação mais baixa atribuída foi um 8, aplicada a 3 crianças, que correspondem às 3 crianças que não foram capazes de identificar todas as aves do conjunto.

### 3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico

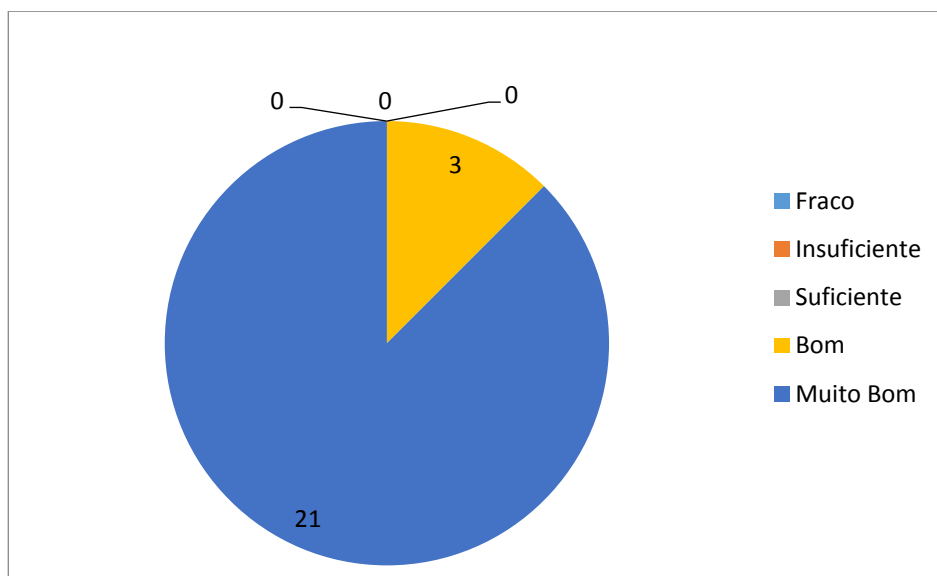


Figura 3 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Conhecimento do Mundo

### **3.3.6. Análise do gráfico**

Através da leitura do gráfico, apresentado na figura 3, conclui-se que num total de 24 alunos, nenhum obteve a classificação de Fraco, Insuficiente e Suficiente.

Verifica-se também que 3 alunos obtiveram a classificação de Bom, e 21 obtiveram a classificação máxima de Muito Bom. A média aritmética foi de 9,75 arredondado às centésimas, correspondendo a uma classificação de Muito Bom.

## **3.4. Dispositivo de avaliação da área de Português.**

### **3.4.1. Contextualização da atividade**

Esta proposta de trabalho foi utilizada em alunos da turma de 2.º ano de escolaridade, no dia 15 de Março de 2013.

A proposta foi realizada durante 30 minutos e foi aplicada a 24 alunos. Os exercícios da proposta de trabalho incidiam nos conteúdos: família de palavras e campo lexical.

### **3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

Com o primeiro parâmetro “Identificar as palavras do campo lexical de Inverno”, pretende-se que o aluno identifique, no conjunto de seis palavras, as quatro palavras pertencentes ao campo lexical de Inverno.

Relativamente ao segundo parâmetro “Escrever palavras da família de palavras de chuva” pretende-se que o aluno escreva, na coluna, três palavras pertencentes à família de palavras de “chuva”.

Quanto ao último parâmetro “Escrever palavras do campo lexical de chuva”, pretende-se que o aluno escreva, na coluna, três palavras pertencentes ao campo lexical de chuva.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco).

No quadro seguinte transcrevem-se os parâmetros utilizados, bem como os critérios e as cotações.

Quadro 20 – Grelha de parâmetros critérios de avaliação da proposta de trabalho de Português.

<b>Parâmetros</b>	<b>CrITÉrios</b>		<b>Cotação</b>
1. Identificação de palavras do campo lexical de inverno	1.1 Identifica quatro palavras	4	<b>4</b>
	1.2 Identifica três palavras	3	
	1.3 Identifica duas palavras	2	
	1.4 Identifica uma palavra	1	
	1.5 Resposta incorreta	0	
2. Escrever palavras da família de palavras de chuva	2.1 Escreve corretamente três palavra	3	<b>3</b>
	2.2 Escreve corretamente duas palavras	2	
	2.3 Escreve corretamente uma palavras	1	
	2.4 Resposta incorreta	0	
	2.5 Descontar por cada erro	0,2	
3. Escrever palavras do campo lexical de chuva	3.1 Escreve corretamente três palavras	3	<b>3</b>
	3.2 Escreve corretamente duas palavras	2	
	3.3 Escreve corretamente uma palavra	1	
	3.4 Resposta incorreta	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>



### 3.4.3. Grelha de avaliação da atividade

No seguinte quadro, apresenta-se a grelha de avaliação da atividade.

Quadro 21 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Português.

Alunos	1. Identificação de palavras do campo lexical de inverno	2. Escrever palavras da família de palavras de chuva	3. Escrever palavras do campo lexical de chuva	Total	Avaliação quantitativa
1	4	3	2,8	9,8	Muito Bom
2	4	3	3	10	Muito Bom
3	4	3	3	10	Muito Bom
4	4	3	3	10	Muito Bom
5	4	3	3	10	Muito Bom
6	4	2	3	9	Muito Bom
7	4	3	3	10	Muito Bom
8	4	1	0	5	Suficiente
9	4	1	3	8	Bom
10	4	2	1	7	Bom
11	4	3	1	8	Bom
12	4	0	2,8	6,8	Suficiente
13	3	3	2,8	8,8	Bom
14	4	1	3	8	Bom
15	4	2,8	3	9,8	Muito Bom
16	3	1	0	4	Insuficiente
17	4	3	3	10	Muito Bom
18	4	3	2,8	9,8	Muito Bom
19	4	3	3	10	Muito Bom
20	4	2	3	9	Muito Bom
21	4	3	3	10	Muito Bom
22	4	2	3	9	Muito Bom
23	4	2	3	9	Muito Bom
24	4	3	3	10	Muito Bom
Média				8,79	Bom

#### 3.4.4. Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação, referente ao primeiro parâmetro, verifiquei que, no geral, as crianças foram capazes de identificar as quatro palavras do campo lexical de inverno, sendo que apenas duas reconheceram três.

Em relação ao segundo parâmetro, verifiquei que catorze crianças escreveram as três palavras da família de chuva, cinco escreveram apenas duas palavras, quatro só escreveram uma palavra e apenas uma criança não escreveu, não tendo realizado o exercício.

Referente ao terceiro e último parâmetro, constatei que vinte crianças escreveram as três palavras do campo lexical de chuva, duas crianças escreveram apenas uma palavra e duas crianças não realizaram o exercício.

A cotação mais baixa atribuída foi um 4, aplicada a apenas uma criança.

#### 3.4.3. Apresentação dos resultados em gráfico

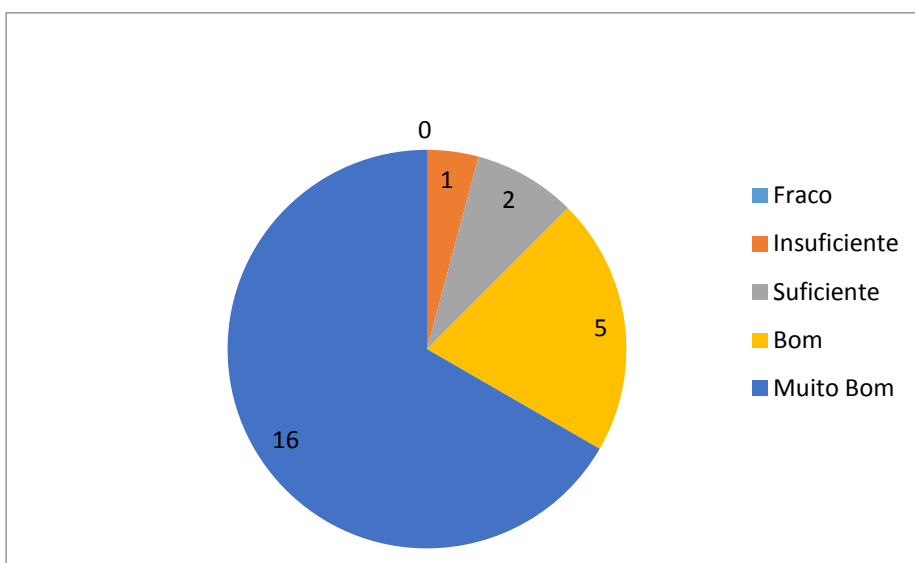


Figura 4 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Português.

#### 3.4.4. Análise do gráfico

Através da leitura do gráfico, apresentado na figura 4, concluí-se que num total de vinte e quatro alunos, dezasseis alunos obtiveram a classificação de

Muito Bom, cinco a classificação de Bom, duas de Suficiente e um aluno, a classificação de Insuficiente. Verifica-se também que nenhum aluno obteve a classificação de Fraco.

A média aritmética foi de 8,79 arredondado às centésimas, correspondendo a uma classificação de Bom.

### **3.5. Dispositivo de avaliação da área da Matemática**

#### **3.5.1. Contextualização da atividade**

No dia 11 de março de 2013, realizei uma proposta de trabalho com os alunos do 3.º ano de escolaridade.

Esta proposta de trabalho foi realizada num dia fora do meu período de estágio e foi aplicada a 25 alunos.

Os exercícios da proposta de trabalho incidiam nos conteúdos: cálculo de perímetro e áreas e construção de figuras com áreas equivalentes.

#### **3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

Com o primeiro parâmetro, “Aplicação de medidas de comprimento”, pretende-se que o aluno identifique e escreva as duas medidas incógnitas da figura representada.

Relativamente ao segundo parâmetro, “Realização do cálculo do perímetro” pretende-se que o aluno calcule corretamente o cálculo do perímetro e que indique esses mesmos cálculos.

Quanto ao último parâmetro, “Realização de construções com áreas equivalentes, utilizando as peças do Cuisenaire”, pretende-se que o aluno desenhe duas construções com a mesma área da figura representada, utilizando as peças do Cuisenaire.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco).

No seguinte quadro transcrevem-se os parâmetros utilizados, bem como os critérios e as cotações.

Quadro 22 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da proposta de trabalho de Matemática.

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>		<b>Cotação</b>
1. Aplicação de medidas de comprimento	1.1 Identificou e escreveu duas medidas	3	<b>3</b>
	1.2 Identificou e escreveu uma medida	2	
	1.3 Resposta incorreta	0	
2. Realização do cálculo do perímetro.	2.1 Calcula corretamente e indica os cálculos	3	<b>3</b>
	2.2 Outra resposta	0	
3. Realização de construções com áreas equivalentes, utilizando as peças do Cuisenaire	3.1 Realizou corretamente duas construções	4	<b>4</b>
	3.2 Realizou corretamente uma construção	2	
	3.3 Resposta incorreta	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### 3.5.3. Grelha de avaliação da atividade

No seguinte quadro, apresenta-se a grelha de avaliação da atividade.

Quadro 23 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho da área de Matemática.

Alunos	1. Aplicação de medidas de comprimento	2. Realização do cálculo do perímetro	3. Realização de construções com áreas equivalentes, utilizando as peças do Cuisenaire	Total	Avaliação qualitativa
1	3	0	4	7	Bom
2	3	0	2	5	Suficiente
3	2	0	4	6	Suficiente
4	3	3	4	10	Muito Bom
5	2	0	0	2	Fraco
6	3	3	4	10	Muito Bom
7	3	3	4	10	Muito Bom
8	3	3	4	10	Muito Bom
9	3	3	4	10	Muito Bom
10	3	3	2	9	Muito Bom
11	3	3	4	10	Muito Bom
12	3	3	2	9	Muito Bom
13	3	0	4	7	Bom
14	2	0	2	4	Insuficiente
15	2	0	4	6	Suficiente
16	3	0	4	6	Suficiente
17	3	3	4	10	Muito Bom
18	2	3	4	9	Muito Bom
19	3	0	0	3	Insuficiente
20	3	0	4	7	Bom
21	3	3	2	8	Bom
22	3	0	2	6	Suficiente
23	3	3	4	10	Muito Bom
24	3	0	2	5	Suficiente
25	3	3	4	10	Muito Bom
Média				7,56	Bom

### 3.5.4. Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação, referente ao primeiro parâmetro, verifiquei que vinte crianças, do universo das 25, identificaram as medidas ocultas e indicaram-nas. Verifiquei também que cinco crianças só identificaram uma das medidas, não havendo portanto nenhuma criança que não tivesse realizado o exercício.

Em relação ao segundo parâmetro, verifiquei que cerca de metade das crianças manifestaram algumas dificuldades, sendo que, das vinte e cinco, treze foram capazes de calcular corretamente o perímetro da figura e indicar os cálculos, e doze não o fizeram corretamente, tendo-lhes sido atribuído 0 na cotação deste exercício.

Referente ao terceiro e último parâmetro, constatei que dezasseis crianças realizaram as duas construções sem dificuldade, utilizando as peças do Cuisenaire. Sete crianças realizaram apenas uma construção corretamente e apenas duas não realizaram corretamente as construções.

A cotação mais baixa atribuída foi um 2, aplicada a uma criança.

### 3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico

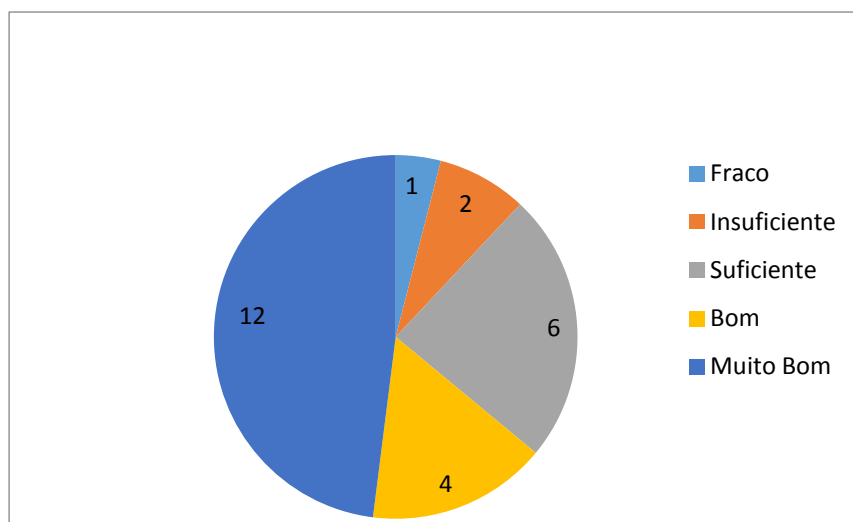


Figura 5 – Gráfico circular da avaliação da proposta de trabalho da área de Matemática

### **3.5.6. Análise do gráfico**

Através da leitura do gráfico, apresentado na figura 5, concluí-se que, num total de vinte e cinco alunos, doze obtiveram a classificação de Muito Bom, quatro a classificação de Bom e seis de Suficiente. Verificamos também que dois alunos obtiveram a classificação de Insuficiente e um aluno a classificação de Fraco.

A média aritmética foi de 7,56 arredondado às centésimas, correspondendo a uma classificação de Bom.





# Reflexão final

## 1. Considerações finais

O presente relatório de estágio profissional incidiu na realização do estágio profissional, que decorreu ao longo de um ano letivo e meio, ou seja, de outubro de 2011 a janeiro de 2013. A realização do estágio profissional foi extremamente importante, pois, permitiu-me o contacto com a realidade educativa, o que me motivou e preparou para um futuro como docente. Esta observação direta permitiu-me um crescimento profissional, sendo que me foi possível também aplicar alguma da teoria aprendida no decorrer da Licenciatura em Educação Básica, com a possibilidade de lecionar diversas aulas no decorrer de todo o período de estágio. De acordo com Dewey, citado por Alarcão e Tavares (2003), “a formação profissional dos professores deve ter uma componente teórica e uma componente prática” (p. 19), pois uma deve estar intrinsecamente articulada com a outra, sendo que bons conhecimentos de teoria levam a uma prática mais positiva e melhorada. Como tal, considero que a Prática Pedagógica foi, sem dúvida, indispensável para o meu desenvolvimento profissional. Segundo os mesmos autores “a prática pedagógica incide directamente sobre o processo ensino/aprendizagem que, por sua vez, pressupõe e facilita o desenvolvimento do aluno e do professor em formação.” (p. 45).

O período de estágio dá-nos possibilidades de vivenciar diversas experiências, contactar com diversos anos de escolaridade, perceber o funcionamento de uma escola, e todas as rotinas inerentes a ela, e aprofundar conhecimentos. Para além disso permite-nos ultrapassar dificuldades e os receios. Como refere Jesus (s.d.):

o período de estágio pedagógico é fundamental na carreira de qualquer professor por diversas razões: é a fase inicial de prática profissional, sendo nesta etapa as experiências profissionais mais marcantes; é a fase em que os professores sentem maior necessidade de aprendizagem profissional, estando mais sensibilizados e receptivos às sugestões de colegas; é o único período do percurso profissional em que está institucionalmente previsto acompanhamento e orientação; uma orientação adequada nesta fase pode contribuir para uma perspectiva de maior confiança e dedicação relativamente ao resto da carreira. (p.334)

No decorrer desta experiência, cruzei-me com diversos professores cooperantes e com os elementos da equipa de Prática Pedagógica, o que me proporcionou um desenvolvimento mais acompanhado e, por isso, mais

completo. Com as opiniões e experiência profissional dos mesmos, pude observar diferentes maneiras de lecionar e diferentes posturas em sala de aula, o que considero positivo no processo de formação de um professor. Foi com o recorrer às suas opiniões e explicações que refleti durante o decorrer do estágio sempre com o intuito de superar os meus limites e melhorar. Segundo Korthagen, citado em Flores e Simão (2009):

os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação (...).(p.48-49)

A realização deste relatório constituiu também uma mais valia para a minha formação profissional, pois para a sua concretização foi necessária uma grande pesquisa e leitura, selecionando as que mais me eram convenientes na execução do presente relatório. Loughran (2002), citado por Flores e Simão (2009) afirma que “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores” (p. 34).

## **2. Limitações**

No decorrer da realização do presente relatório de estágio, deparei-me com algumas limitações na concretização do mesmo.

A primeira prende-se com o facto de ter pouca experiência na concretização de trabalhos deste género, o que me colocou algumas dificuldades iniciais. Uma outra limitação foi a dificuldade, por vezes encontrada, em encontrar fundamentações adequadas ao tema a inferir, para além de que, em algumas situações, me foi difícil encontrar disponíveis na biblioteca, os livros que precisava.

Em relação ao estágio, uma das limitações encontradas foi o horário da Prática Pedagógica, que sendo distribuído apenas pelo período da manhã, me impossibilitou de observar outras atividades realizadas com as crianças, nomeadamente na área das ciências e das expressões. Para além disso, considero que também seria pertinente que houvesse um período de estágio na valência da creche/berçário, visto que, com a nossa formação estamos habilitadas a trabalhar com as crianças destas faixas etárias.

### **3. Novas pesquisas**

A elaboração deste relatório de estágio permitiu-me uma leitura e pesquisa de uma vastidão de assuntos relacionados com a educação. No entanto, não considero que, com o fim do meu percurso acadêmico, tenham acabado as pesquisas e a busca de novas informações. Pelo contrário, considero que “a formação de um professor não termina, porém, no momento da sua profissionalização; pelo contrário, ela deve prosseguir, em continuidade, na chamada formação contínua” (Alarcão e Tavares 2003, p.113).

O mundo está em constante desenvolvimento e mudança, assim como a educação; como tal, pretendo estar constantemente atualizada e informada sobre as melhores práticas educativas e em permanente formação, oferecendo aos meus alunos uma aprendizagem mais atual e completa. Só assim, vou contribuir para a formação de cidadãos informados e interessados.

Pretendo no futuro vir a tirar o Mestrado em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica, pois será uma mais-valia para mim enquanto docente.



## Referências Bibliográficas

- Abrantes, P.; Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Alarcão, I & Tavares, J. (2003). *Supervisão de Prática Pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Lisboa: Editora Almedina.
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F. e Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial dos professores*. Lisboa: Areal Editores.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo - concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, R. (1994) *Teatro na escola*. Viseu: sem editora.
- Alonso, L. & Roldão, M. C. (ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências Matemáticas com recursos lúdico- -manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Altet, M. (2000). *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- Andrade, A. N. (1996). *A angústia frente ao Caos: um estudo genealógico da formação do psicólogo clínico*. Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo: Pontífica.
- Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da leitura – Tipos e técnicas de leitura*. Porto: Edições ASA.
- Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw - Hill de Portugal Lda.
- Baptista, M. I. M. (Cord.) (2006). *Educação alimentar em meio escolar – referencial para uma oferta alimentar saudável*. Lisboa: Direcção-geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Barbosa, A. (2012). *A relação e a comunicação interpessoais entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário*. Tese de Mestrado inédita em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica, Escola Superior de Educação João de Deus.

Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivo, instrumentos, métodos*. Lisboa: Livros Horizontes.

Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. A. (orgs.). (2001). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Botelho, A. (2009). *As tecnologias de informação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Málaga.

Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto.

Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. V. e Leite, C. (2004). *Planificação: novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.

Calado, S. & Ferreira, S. C. (2005). *Análise de documentos: Método de recolha e análise de dados*. Recuperado em 2012, fevereiro 7, de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas: para o ensino do meio físico e social: pré-escolar 1º ciclo*. Porto: Areal Editores.

Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos* (3ª ed.). Lisboa: A esfera dos livros.

Costa, M. J. (1992). *Um continente poético esquecido as rimas infantis*. Porto: Porto Editora.

Craidy, C. & Kaercher, G. (2001). *Educação Infantil: para que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora.

Cuenca, F. & Rodao, F. (1984). *Como desenvolver a psicomotricidade na criança*. Porto: Porto Editora.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.

Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Portugal: Editora Pergaminho.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática – Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.

De Ketele, J. M., (1984). *Observer pour éduquer*, Recuperado em 2012, Fevereiro 7, de [http://isfdmacia.zonalibre.org/De\\_Ketele.pdf](http://isfdmacia.zonalibre.org/De_Ketele.pdf).

Diniz, M. A. S. (1993). *As fadas não foram à escola*. Porto: Edições ASA.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Barcarena: Editorial Presença.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Ferreira, M. & Almeida, G. (2004). *Introdução à astronomia e às observações astronómicas* (7.ª ed.). Lisboa: Plátano Editora.

Franco, J. A. (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jean, G. (1999). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens: um guia para pais e educadores*. Porto: ASA.

Lafortune, L. & Saint-Pierre, L. (1996). *A afectividade e a metacognição na sala de aula*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Leitão, M. (2009). *A importância do sono*. Recuperado em 2009, março 3, de <http://www.lux.iol.pt/criancas/crianca-sono-mafalda-leitao-psicologia-infantil-perturbacao-do-sono-insonias/1087710-5009.html>

Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos*. Porto: Edições ASA.

Lessard-Hébert, M. (s/ d) *Pesquisa em educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância um mundo de verdura a não perder. In O. Sousa e A. Cardoso (Ed.). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa: CIED.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a Ciência. Atividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F., (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: Ministério da educação.

Matos, J. M. & Serrazina, M. L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Presença.

Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas* (4.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.



Ministério da Educação (2009). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2009). *Programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, P. (2004). *Ser professor: competências básicas3: emoções positivas e regulação emocional: competências sociais e assertividade: 7 – 10 anos*. Porto: Porto Editora.

Morena, J. (2002). *Guião para Professores “A escola vai ao museu”*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.

Morgado, L. M. A., (1993). *O ensino da aritmética: perspectiva construtivista*. Coimbra: Livraria Almedina.

Nabais, J. A. (s.d.). *À descoberta da Matemática com o calculador multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.

Nelsen, J. (2002). *Disciplina positiva*. Lisboa: McGraw Hill.

Neto, C. (2003). *Jogo & Desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.

Pacheco, J. A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.

Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

Pais, F. (1999). *Multimédia e ensino: um novo paradigma*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança (8ªed.)*. Lisboa: Mc Graw-Hill.

Pato, M. H. (1997). *Trabalho de grupo no ensino básico. Guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.

Pérez, M. R. (s.d.a.). *Estratégias de aprendizagem na aula desenho e avaliação*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pérez, M. R. (s.d.b.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre, Brasil: Artmed Editora.

Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Proença, M. C. (1990). *Ensinar/Aprender História – questões didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil: formação e experiência profissional*. Brasil: Phorte.

Reis, C & Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Reis, C. & Lopes, C. M. (1987). *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina.

Reis, M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.

Reis, R. (2004). *Desenvolvimento do raciocínio matemático*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, D., Valério, N. e Gomes, J. T. (2009). *Cálculo mental*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus: apresentação de um suporte interativo de leitura*. Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.

Sá, C. M. (1996). *O uso da banda desenhada para o estudo da narrativa na aula de língua materna face aos novos programas*. Formação de Professores. Cadernos.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério de Educação.

Sim-Sim, I.; Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *A língua materna na educação básica. Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância – textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. III volume. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, M. L. D. (1993). *A interpretação de textos nas aulas de português*. Rio Tinto: Edições ASA.

Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três e oito anos*. Porto Alegre: Artmed.

Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever. Uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed.

Teberosky, A. (2002). *Psicopedagogia da linguagem escrita*. São Paulo: Editora Vozes.

Traça, M. E. (1992). *O fio da memória do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.

Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem*. Porto: Editores ASA.

Veloso, R. M. & Riscado, L. (2002). Literatura infantil, brinquedo e segredo. *In Malasartes*, 10, 26-29.

Veloso, R. M. (2001). Literatura infantil e práticas pedagógicas. *Malasartes, cadernos de literatura para a infância e a juventude*, n.º6, Lisboa (22-24).

Vieira, H. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial presença.

Wolfe, P. (2004). *A importância do cérebro*. Porto: Porto Editora.

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. (5.<sup>a</sup> ed.). Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil* (3.<sup>a</sup> ed.). Porto: ASA.

## **Legislação**

Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril. Recuperado em 2013, abril 5, de [www.dgidc.min-edu.pt/.../circularavaliacaoepeddocumentofinal.pdf](http://www.dgidc.min-edu.pt/.../circularavaliacaoepeddocumentofinal.pdf)

Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007, de 10 de outubro (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar)

Despacho Normativo n.º 24-A/2012, de 6 de dezembro.

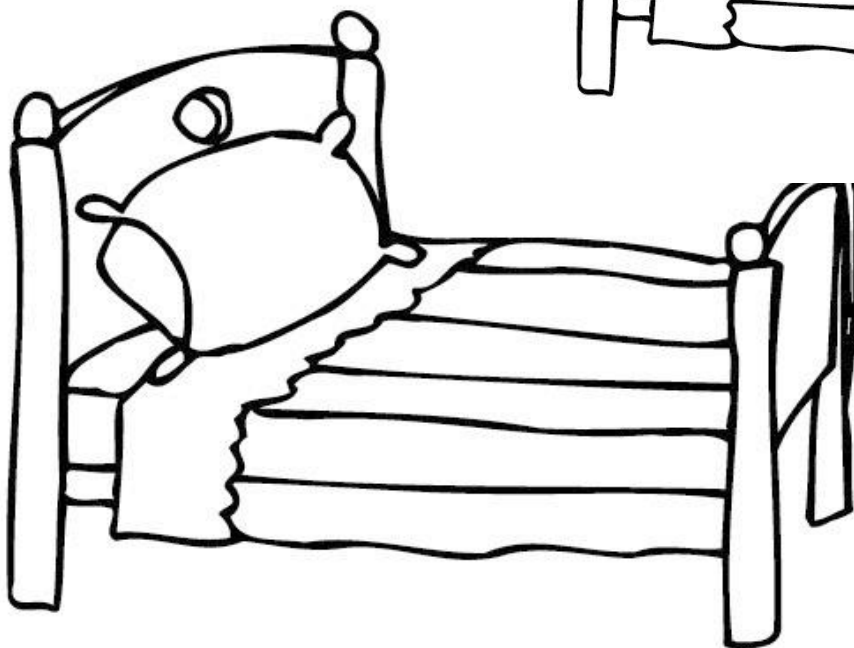
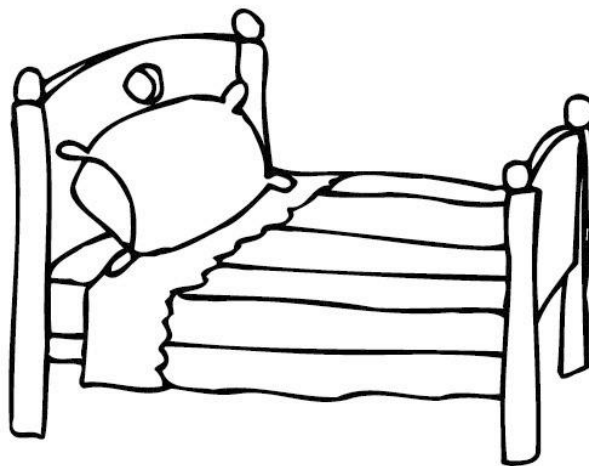
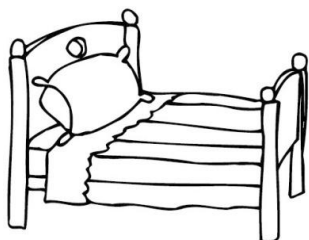
# **ANEXOS**



**Anexo 1 – Dispositivo de avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática**

**Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática**

1. Pinta a cama grande.



**Nome:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_

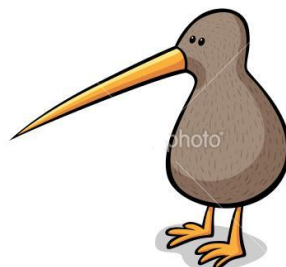




**Anexo 2 – Dispositivo de avaliação na Área Do Conhecimento do Mundo**

**Conhecimento do Mundo**

1. Circunda de amarelo os animais mamíferos e de verde as aves.



**Nome:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_



### Anexo 3 – Dispositivo de avaliação na Área de Português


**Família de palavras** **Campo lexical**

1. Pinta as palavras que correspondem a palavras que pertençam ao campo lexical de **inverno**.

neve                      praia  
frio                      flor  
luvas                      chuva

2. Escreve três palavras correspondentes à família de palavras da palavra chuva, bem como três do campo lexical nos respectivos retângulos.

**chuva**

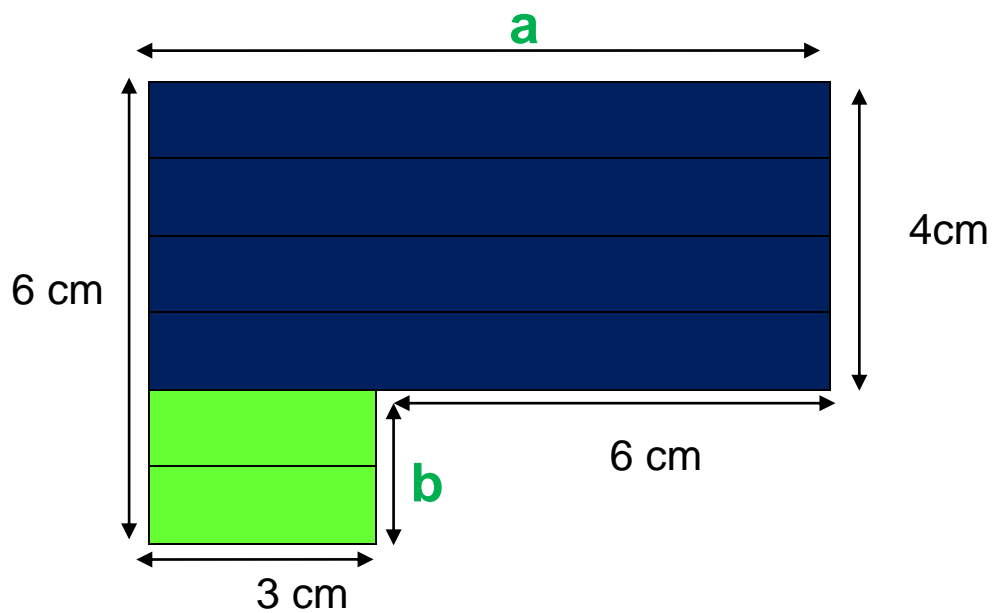
Família de palavras		Campo lexical
		

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



### Perímetros e Áreas

Figura A



1. Descobre a medida de comprimento do lado **a** e do lado **b** da figura A.
2. Calcula o perímetro da figura A.

3. Desenha duas construções com áreas equivalentes à figura B.

**Figura B**

